Diário de Lisboa

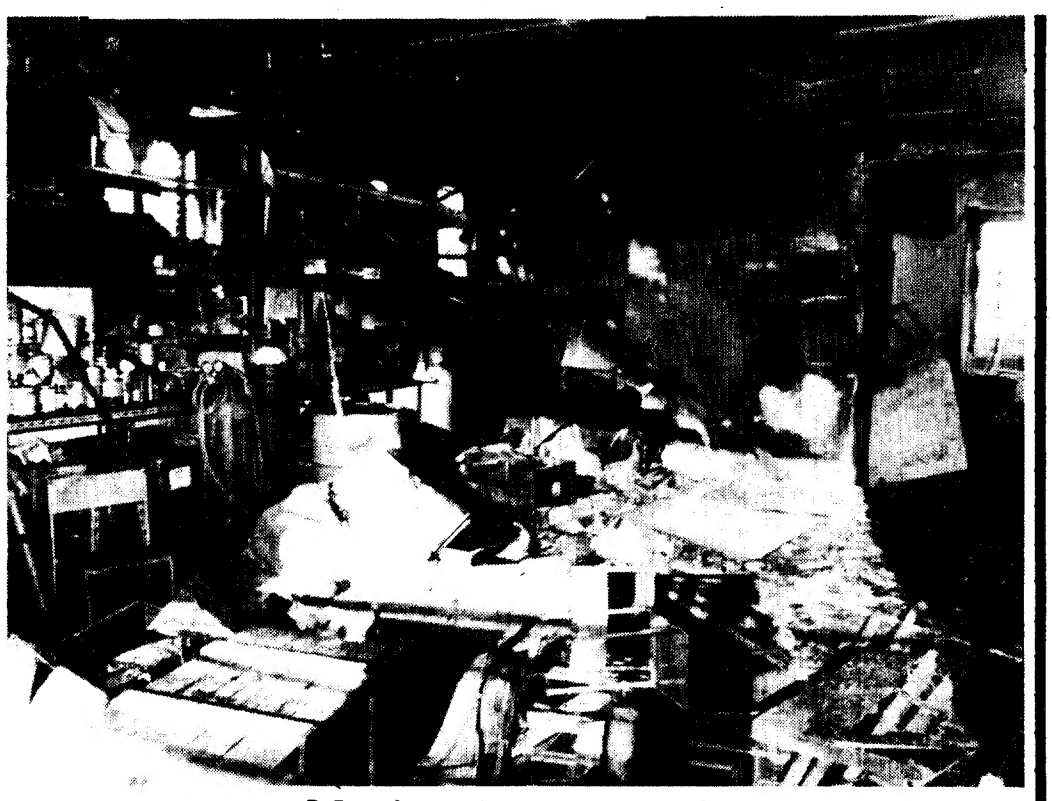
ANO 55.º/18 912 4$00

SEXTA-FEIRA 7 NOVEMBRO 1975

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

Conselho da Revolução mandou "silenciar" a Rádio Renascença

— Duas bombas e 60 "páras" do A.M.I. cumpriram a ordem



R. R. assim se calou uma voz progressista

As forças pára-quedistas que esta madrugada destruiram os emissores da onda média da Rádio Renascença, na Buraca, pertencem ao A. M. I. — confirmaram-nos esta manhã fontes militares dignas de todo o crédito. Os elementos do A. M. I. actuaram por «ordem superior», no caso o próprio Conselho da Revolução. De concreto apenas se sabe que a questão da Rádio Renascença foi violentamente discutida durante a longa sessão do Conselho da Revolução, que tendo-se iniciado em conjunto com os membros do VI Governo terminou apenas com os conselheiros. Segundo a mesma fonte, a situação no Ministério da Comunicação Social foi igualmente debatida «apaixonadamente» no C. R., pondo-se a hipótese da actuação na Buraca ter surgido como uma espécie de compensação para o que se passou no M. C. S., onde

Continua na pág. 20

A chegada dos militares do Ralis

M.C.S.: RALIS E FUZILEIROS RESOLVEM O PROBLEMA

Pág. 12

ANGOLA: OS TRÊS DIAS CRUCIAIS

Grande vitória das F.A.P.L.A. em Quifandongo

LUANDA, 7 — (Do nosso enviado especial, Eugénio Alves, e do «Diário de Luanda», em exclusivo para o «DL») — Angola vive os três dias cruciais que a separam da independência proclamada pela vanguarda revolucionária, o M. P. L. A. Todos os observadores consideram que os próximos dias serão desesperadamente explorados pelas forças racistas e reaccionárias no sentido de tentarem imprimir uma viragem de última hora na situação, impedindo o M. P. L. A. de proclamar a independência.

Neste contexto, Luanda afigura-se como o alvo principal a atingir pelos mercenários zairenses, sul-africanos e portugueses, que formam agora a

Continua na pág. 20

ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA NA U.R.S.S.

MOSCOVO, 7 — (R.) — O ministro soviético da Defesa Marechal Andrei Grechko, afirmou hoje que a situação internacional se movimentava ao longo da estrada do desanuviamento «e de cooperação, mutuamente benéfica, entre Estados com sistemas sociais diferentes.

Discursando numa parada na Praça Vermelha, assinalando o aniversário da Revolução Bolchevista de 1917, o ministro de 72 anos, declarou ainda que o equilíbrio internacional das forças mudava inexoravelmente a favor da paz, da democracia e do socialismo.

Contudo, as forças agressivas do imperialismo estão ainda activas no mundo, lutando teimosamente contra o desanuviamento e acelerando a corrida aos armamentos. A política provocadora dos dirigentes de Pequim complica a situação internacional.

Nessas circunstâncias, a União Soviética faria esforços incansáveis para fortalecer o Poder económico e defensivo da nossa Pátria. (Ler mais noticiário nas centrais).

Cem milhões da E.F.T.A.

GENEBRA, 7 — (F. P.) — O Conselho Ministerial da Associação Europeia de Comércio Livre, ontem reunido em Genebra, decidiu criar um fundo de auxílio de 100 milhões de dólares para Portugal, segundo foi anunciado oficialmente.

O fundo destina-se a permitir que Portugal enfrente as suas actuais dificuldades económicas.

P.C.P./P.S.: DIÁLOGO (IM)POSSÍVEL?

Demorou quase quatro horas o «Frente a Frente» que Álvaro Cunhal e Mário Soares tiveram ontem à noite (até hoje de madrugada) no programa «Responder ao País» da RTP. Um balanço que se fizesse do debate que houve teria de ser de uma grande imprecisão. Ficou no entanto a impressão de que foi um debate muito vivo, embora por vezes algo penoso. Na verdade, não é fácil um diálogo entre os dois principais dirigentes dos dois partidos. O que ontem se passou reforça a ideia que se tem dessa dificuldade. Que se esperava do debate? Que ele esclarecesse os telespectadores portugueses? Ele esclareceu, por certo, muito embora se deva dizer que não muito. Que ele viesse (pelo diálogo a haver) contribuir para uma efectiva aproximação entre as duas forças? Ele não contribuiu, evidentemente. Prevalece a impressão de que as duas organizações continuam a sustentar as mesmas posições, irredutíveis. Constatar este facto é pelo menos alarmante, sobretudo numa altura em que (quem duvida?) o processo português se encontra numa situação crítica e nada garante que se acentuem ainda mais as inclinações presentes, pairando mesmo a noção algo vaga de que estarão para se concretizar alguns perigos. O interesse do encontro que teve lugar ontem e demorou até quase às duas horas de hoje pode então resumir-se a isto: ele veio mostrar as diferenças que há entre os dois partidos. A esperança que resta é que, estabelecidas as diferenças, e as discordâncias, as duas forças encontrem os pontos comuns, as linhas possíveis para um entendimento futuro.

E para que milhões de espectadores portugueses não fiquem com a impressão de que não há um terreno comum entre os partidos que, num certo sentido, ou com um pouco de boa vontade, poderemos considerar os dois maiores partidos de esquerda em Portugal. (Ler «Canal da Crítica, pág. 15).

AMANHÃ NO "DL"

SUPLEMENTO ESPECIAL COM "FRENTE--A-FRENTE" NA ÍNTEGRA

20 PÁGINAS

Nacional

Martins Guerreiro no uso da palavra

OBJECTIVO DA ARMADA

Associativismo sem paternalismo

Nas difíceis condições político-militares que se vivem no nosso país a Armada tem sido um exemplo de como se pode conciliar a disciplina com a acção revolucionária, ou melhor, tem sido um exemplo de disciplina revolucionária de uma arma que se pôs ao lado do povo trabalhador, sem quaisquer equívocos. A maneira como isso foi conseguido, a forma como dentro da Armada foram ultrapassadas contradições, divergências e problemas de disciplina foram objecto de uma conferência de Imprensa ontem realizada no Alfeite pela Comissão Coordenadora do M.F.A. da Armada, que tinha como objectivo também esclarecer os pontos de vista da Armada expressos nas decisões do II Grande Plenário das Praças da Armada e do documento da respectiva Comissão Coordenadora do M.F.A.

Falando aos jornalistas no decorrer da reunião em que interviriam também outros oficiais, sargentos e praças, o comandante Martins Guerreiro salientou a certa altura: «Para termos uma Armada ao serviço da Revolução é necessário desenvolver o associativismo nas várias classes e escalões e fazer nele participar todos os militares ao nível de decisão e execução».

Foi revelado que também na Armada existiram ao princípio difíceis problemas de disciplina mas foram gradualmente ultrapassados através do associativismo e da substituição do autoritarismo pela disciplina consciente e consentida. «Saber actuar e saber porque se está a actuar é fundamental para nós» salientaria mais adiante o comandante Martins Guerreiro.

AS ETAPAS DO ASSOCIATIVISMO

O associativismo na Armada desenvolveu-se com as comissões de bem estar, que eram formadas por oficiais, sargentos e praças em número proporcional e abrangiam não só aspectos reivindicativos como outros de natureza diferente, desde questões recreativas aos problemas da administração da justiça.

Como, porém, as classes tinham interesses específicos surgiram depois formas de associativismo ao nível de praças, sargentos e oficiais. Estes já vinham desenvolvendo o seu espírito de associativismo antes do 25 de Abril, nomeadamente através das reuniões efectuadas no Clube Militar Naval, consideradas pelo comadante Martins Guerreiro como determinantes para a consciencialização destes militares.

Os sargentos, uma classe explorada e humilhada pelo fascismo estão neste momento a eleger em todas as unidades os seus delegados para posteriormente elegerem uma comissão representativa da classe.

Por sua vez as praças, que em Agosto do ano passado motivaram toda a classe para o associativismo como forma da resolução dos seus problemas, acabam de realizar o seu II Grande Plenário no qual participaram 180 delegados e em relação ao qual o marinheiro telegrafista Bruno sublinhou que reforçara a «unidade com os sargentos e oficiais interessados no processo revolucionário».

Tudo isto viria a contribuir para aquilo que foi designado como uma nova filosofia de vida no âmbito da Armada.

REALIDADES CONCRETAS E NÃO POPULARISMO

Através das reivindicações nascidas do associativismo e da livre discussão dos problemas os oficiais estão a modificar a sua atitude em relação às condições de vida dos restantes militares e, tomando conhecimento directo com os seus problemas conseguiram-se respostas rápidas para alguns deles. Ao nível dos alojamentos melhorou-se logo desde que foram estudadas e aceites as sugestões do C. D. A. P. Estão em construção alojamentos como os dos oficiais e sargentos, ou seja quartos.

Antes existia também uma separação nítida das messes. Actualmente está em construção um edifício único embora se mantenha uma separação nessas messes. «Cada classe tem os seus problemas específicos e nós não pretendemos ir para o popularismo mas adoptar soluções correctas e não demagógicas». Foi explicado que existirão convidados de um lado e de outro o que é uma forma muito mais verdadeira de convívio. Isto contraria certas concepções de tipo paternalistas que pretendem que os problemas estejam resolvidos quando os oficiais vão de uma forma paternalista tomar as refeições com os soldados.

O comandante Martins Guerreiro referiu depois que nas despesas deste ano para infra-estruturas e messes as verbas foram de 1000 contos para os oficiais, 7000 para os sargentos e 70 000 para as praças.

Ainda no capítulo da disciplina foi referido que se pretende passar de uma disciplina exterior para uma disciplina interior. «Claro que esta disciplina também tem aspectos externos mas a outra quando desaparece a autoridade que a impõe desagrega-se .»

Noutra passagem da conferência de Imprensa foi salientado que a Armada não pretende que o seu tipo de associativismo e as suas concepções neste campo sejam integralmente válidas para os outros ramos das Forças Armadas mas mantém a convicção de que as suas experiências neste campo contém muitas sugestões válidas pois os problemas de fundo são os mesmos.

Falou-se também do M. F. A. e da sua «morte» política, problema este levantado por um dos jornalistas presentes. Sobre este aspecto salientou Martins Guerreiro:

«Entendemos que um processo político com transformações da sociedade em grande parte conduzido pelas Forças Armadas, também se teria de reflectir nas Forças Armadas. Nós, na Armada estamos a encontrar estas formas de resolver as contradições. No Exército e na Força Aérea pensamos que as estruturas associativas são possíveis embora não queiramos de forma alguma indicar este modelo como válido para todos. Para nós o M. F. A. ainda não morreu. O processo ainda não está esgotado. Mudando ou não de nome, de estruturação e composição, os órgãos do M. F. A. podem ainda servir à Revolução. São possíveis as soluções propostas pelos sargentos e praças.» Uma praça acrescentaria: «Como foi dito no nosso plenário da C. D. A..P. queremos um M. F. A. progressista, sem ambiguidades, ao lado dos trabalhadores.»

SOLDADOS ALERTAM

Há que reforçar a vigilância no próximo fim de semana

Dirigidos aos soldados, marinheiros e a todo o povo trabalhador, as comissões desoldados do R.I.A., B.E.3, R.A.M. e E.P.E. difundiram um comunicado em que apelam para o reforço de vigilância e segurança das unidades militares durante o próximo fim-de-semana. O comunicado intitulado «Alerta, camaradas, não às manobras da burguesia!» apela igualmente para uma não aderência a quaisquer manobras que venham a ser declaradas.

Depois de denunciarem o A.M.I., que «visa fazer caír todas as conquistas que os operários, camponeses, soldados e marinheiros conseguiram nas fábricas, nos campos e quartéis» e de referirem a campanha agora lançada para defesa da disciplina cega e militarista, dizem as referidas comissões:

«Por outro lado, as forças reaccionárias com a conivência das forças do poder, têm desencadeado toda uma série de atentados contra forças progressistas, ao mesmo tempo que pides e fascistas saem da prisão em fim-de-semana, gozam de todas as regalias, reúnem-se livremente, e os comandos terroristas do E.L.P. e M.D.L.P. desencadeiam toda uma série de atentados bombistas.

Enquanto tudo isto se passa, o E.M.G.F.A. envia milhares e milhares de soldados para a «peluda», dá licença prolongada a milhares de recrutas, arma e treina a G. N. R. e a P. S.P. forças tradicionalmente reaccionárias, e prepara manobras militares de envergadura nacional. Estas manobras militares enquadradas no actual momento político são particularmente perigosas, e, a realizarem-se, podem significar o regresso ao fascismo que o nosso povo tão bem conhece.»

Por fim, o comunicado alerta todos os militares progressistas para as suas responsabilidades («desenvolver todos os esforços para boicotar a realização destas manobras») aconselhando a fazer plenários em todas as unidades e assegurar durante o fim-de-semana a vigilância e a segurança das unidades.

COMANDOS CONTESTAM DISCIPLINA «JAIME NEVES»

«Não há dúvida que o sr. Jaime Neves tem saudades do antigamente! Tantas, que quer encher o nosso regimento de ex-comandos!» — diz a Comissão Pró-S.U.V. do Regimento dos Comandos da Amadora num comunicado agora emitido em que se denuncia a «disciplina» imposta pelo coronel Neves.

Afirmando que Jaime Neves prepara activamente um Exército ao serviço dos exploradores, afirma aquela Comissão:

«Cadavez mais receoso de qualquer acção nossa para exigir o seu saneamento, Jaime Neves agarrou com as duas mãos a possibilidade de meter no regimento aqueles ex-militares.

«Servindo de joguete dos senhores da massa, Jaime Neves tem finalmente a possibilidade de legalizar o seu privativo corpo de mercenários, cuja publicidade tantas vezes faz.

«Numa sociedade que se pretende vir a ser socialista, vão ser armados, para a sua «defesa» cerca de 300 mercenários parasitas, na sua maioria conhecidos do Bairro Alto, do Intendente e das mais variadas «boites» de Lisboa. Em suma, 300 defensores da ordem e da disciplina reaccionárias.

«Ainda recentemente, o coronel Jaime Neves deu uma entrevista «esclarecedora». Nela, nada diz sobre as fugas do regimento por parte de alguns recrutas, o levantamento de rancho já feito pelos recrutas, as agressões praticadas em alguns recrutas, a resposta imediata e justa a essas agressões (o fascista furriel Costa até teve que fugir, mas mesmo assim foi espancado), as suas baixas manobras de melhorar acomida no dia seguinte àquele em que há barulho, os gritos de: «fascistas», bastantes vezes dirigidos pelos recrutas a alguns oficiais do regimento. Tais acções são formas de contestação a uma disciplina e ordem fascistas impostas por Jaime Neves. Ao mesmo tempo, este comandante reaccionário indisciplinadamente, permite-se contestar publicamente o chefe de Estado-Maior do Exército.»

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompida no próximo Domingo dia 9 das 8 às 13 horas nas seguintes localidades:

Subestação — Cabeço de Montachique e Freixeira Salemas, Camarate, Bairro dos Fetais, Bairro Angola e Bairro S. Francisco.

Toda a linha de A. T. entre as localidades referidas.

Este corte de corrente afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 5 DE NOVEMBRO DE 1975.

O Engenheiro
Director-Delegado

Casimiro Martins Neves Cabaço

REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Com a presença de diversos intelectuais, está a decorrer esta tarde, no anfiteatro 1 da Faculdade de Letras de Lisboa, um colóquio sobre a Revolução de Outubro.

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores de escritório, do ramo automóvel, para um plenário a efectuar no dia 10/11/75, 2.ª feira, pelas 21 horas, na Rua do Alecrim, 46-1.º, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Informações sobre o Contrato Colectivo de Trabalho.
2 — Decisões a tomar.

COMISSÃO DIRECTIVA PROVISÓRIA

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

MOÇÃO

Os Delegados Sindicais, reunidos em Plenário em 5 de Novembro de 1975, na Voz do Operário:

1 — Afirmam que o Ministro das Corporações — Tomaz Rosa — está ao lado dos patrões, é mentiroso, covarde, divisionista e contra-revolucionário.

2 — Afirmam que o Dr. Marcelo Curto é um conhecido explorador dos trabalhadores que à data do 25 de Abril ganhava cerca de 60 contos mensais só em sindicatos.

3 — Declaram que os metalúrgicos estão fartos das provocações destes dois agentes da burguesia exploradora.

4 — Declaram que não aceitam a presença no Governo destes dois lacaios do patronato pelo que exigem a sua imediata demissão.

Lisboa, 5 de Novembro de 1975.

OS DELEGADOS SINDICAIS METALÚRGICOS

post scriptum

A história julgará implacavelmente... a todos

«A História nos julgará!» — dizia um capitão progressista do MFA em Angola, com alguma frequência e ênfase, em relação a certas atitudes necessárias, durante o processo de conciliação de forças dos três Movimentos em luta pela independência daquele território. Um processo de conciliação inconsequentemente, impossível, como se sabia, dentro do processo de descolonização de Angola. Como o sabia também um alto-comissário que por lá passou, do lado de quem estava o dito oficial, que era progressista, de facto.

Ele era também um neutral, activo. Mas isto de neutral activo, em Angola, sempre foi, desde o princípio, um bico de obra dos diabos. Ele era neutral, mas, no fundo, tinha uma opção nítida, que não deixava margem a dúvidas: o MPLA. o alto-comissário, também, neutral activo, não dava margens a dúvidas quanto a opções de fundo. Por isso, nunca os reaccionários o gramaram, na fase de transição que orientou. Mas havia muita gente em Angola que estava com ele, que estava com a neutralidade activa, a partir da tal opção de fundo, inevitável para qualquer progressista em Angola.

Esta neutralidade activa foi a única chama deixada como despojo válido, como ponto de partida possível, pela intervenção do megalomaníaco Spínola, no processo de descolonização em causa, Mas que foi feito dela?

. Hoje, com o dia da independência de Angola à porta, com os seus iniludíveis reflexos no processo de descolonização (ainda muito indeciso) de Portugal, toma certa acuidade e nova ênfase a frase daquele capitão progressista: a História nos julgará!.

A História julgará um dia, sem dúvida, aqueles que em Angola estiveram do lado da Revolução, do lado da razão e da verdade dos explorados e oprimidos. A História julgará também os que, em Portugal, estiveram do mesmo lado. E julgará também os outros.

Aos que têm vindo a intervir directamente na História, quer de Angola quer de Portugal, ela os julgará implacavelmente.

Vai portanto sendo altura de muita gente, que por aí se agita todos os dias no labor de traçar as linhas do futuro, começar a pensar nisso. No julgamento da História. E comece a sentar-se no lugar que lhe compete. Definindo-se.

Aqueles a quem a História não for favorável, não venham depois desculpar-se com o Povo. O Povo Português está definido. Explorado, oprimido, ludibriado. Levantando-se e colocando-se ao lado de todos os Povos explorados, como ele. O Povo Português tem a História pelo seu lado. De quem o governa e decide tantas vezes nas suas costas é que há, ainda, muita gente por definir. A História os julgará!

Mário Martins Pereira — Lisboa

Aos pioneiros do MPLA

Foi com horror que vi, numa reportagem do Telejornal do dia 4/11/75, uma entrevista com refugiados de Moçâmedes e da Beira, em Luanda e após a invasão das tropas de mercenários da FNLA/UNITA, uma mulher, possivelmente como eu, também mãe, contar com toda a naturalidade, que uma criança (pioneira do MPLA) teria disparado sobre um **blindado**. «É claro, eles ripostaram e abateram a criança e o homem que a acompanhava» (sic).

Senti como que um murro no peito! Não pode ser, não é um ser humano como eu que estava a falar!

Abate-se uma criança para quem os valores sociais e humanos são já uma verdade conhecida, que é capaz de, desinteressadamente, lutar sózinha até ao fim, contra um blindado e é um adulto que encara e descreve como uma ocorrência normal uma injustiça, uma violência destas.

Esta criança fez o que nenhum deles foi capaz de fazer, foi coerente e verdadeira até ao último momento.

Não me posso dirigir a essa senhora, nem aos homens que falaram e descreveram a invasão como uma coisa maravilhosa.

Eles, que cobardemente fugiram e que, mais tarde, são capazes de, com toda a lata, reivindicar aquela terra como deles!

Dirijo-me a todos os portugueses para que não passem impunemente feitos destes sobre os nossos olhos, sem que um protesto ou um grito saia das nossas entranhas.

Não é o caso isolado deste pioneiro, são todos os pioneiros que, desde o tempo do terror fascista-colonialista foram presos torturados e abatidos.

Os pioneiros do MPLA devem ser um exemplo para os nossos filhos.

(...) Pioneiros do MPLA: vossos mortos estão mais vivos do que nunca no coração e na mente de todos os portugueses, realmente progressistas, que estão dispostos a morrer pela mesma causa que a vossa: o Socialismo e a Independência Nacional!

Os vendidos, os cobardes, os mercenários não passarão à história; mas vocês, ainda tão crianças, já fazem parte da história do Povo Angolano, pela vossa dignidade, coragem e generosidade.

Possivelmente poucos ou nenhuns de vós estarão ao pé das vossas mães. Por isso recebam de uma mãe portuguesa todo o amor, toda a ternura!

Ana Maria Cabral — Lisboa

FICHAS NA MESA

JORGE LISTOPAD

56,1 — (NOITE): Se se olhar atentamente para dentro da noite, encontra-se sempre algo. *Pasolini.*

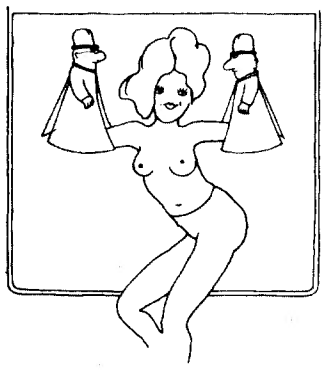
A realidade não é outra coisa do que o cinema ao natural. *Pasolini.*

A Morte concretiza uma montagem fulgurante da nossa vida. *Pasolini.*

56,2 — (TESTEMUNHAS): Os leitores do «Diário de Lisboa» conhecem os textos: os testemunhos das mulheres de alguns dos presos durante o fascismo, elas muitas vezes presas, ou vivendo na clandestinidade. Gina de Freitas coligiu-os agora em livro, com o título «A Força Ignorada das Companheiras», colecção Combates, Plátano Editora.

«Estilo preto e branco», como diz Baptista Bastos no seu prefácio; livro efectivamente seco, sem ênfase, repetitivo, para mais ressaltar o que é comum: dor, destruição, esvaziamento temporário. E em resposta directa, chamando a si todas as forças vitais, encobertas, ocultas: coragem, quer o corolário seja a serenidade, o orgulho, ou o desejo de pureza, de justiça para o futuro. A autora quase prescindiu de estar presente: foi apenas o ouvido atento e a mão que transcreveu as palavras simples e discretas dos entes raros que não gostam de contar. Dizem, apenas.

56,3 — (MOKIMPÓTE VOLTOU A CASA): A peça de Peter Weiss «Como o sr. Mokimpóte se libertou dos seus tormentos», estreada no Instituto Alemão nos primeiros dias de Julho, voltou, com os seus progenitores portugueses (o Grupo 4 multiplicado) ao seu lugar de origem. Lamentei que no dia da «retomada do poder» a sala não estivesse completamente cheia, como o espectáculo merece. Demais, quando é do conhecimento público de que se trata de uma série curta de representações.



Ao ver esta peça de marionetas (supermarionetas?), de marionetas aqui personificadas pelos actores vivos, lembrei-me de um processo que teve lugar na Suiça, de há alguns séculos atrás, e que entrou na história negra do teatro: certo dia, um bonecrèiro foi preso e acusado de possuir bonecos que durante a noite se animavam, certamente por artes de bruxaria, transformando-se em *andróides* (como então se chamavam os *robots*), mas, dotados de espírito maléfico, seduziam para a perdição os pacíficos cristãos suíços.

Será que Peter Weiss conhece esta história? A sua peça, abonecada, põe também em causa, com riso sério, a tal paz... suíca.

56,4 — (DECÁTULO PIANÍSTICO): Este ano testemunhei de perto o Concurso Internacional de Piano Vianna da Motta. Para além dos evidentes méritos dos 6 finalistas (e especialmente dos excelentes primeiros prémios, «exaequo», de um russo e de um americano — o que não foi resultado de qualquer cozinhado político de compromisso, como poderia parecer ao leigo, mas correspondeu efectivamente a valores relativos e absolutos, embora de duas *escolas* diferentes), para além, pois, dos méritos pianísticos, o que mais me surpreendeu foi a «endurance» atlética, psicofísica, dos intérpretes. Um concurso organizado nestes moldes — que, suponho, corresponde ao modelo geralmente adoptado (a organização portuguesa, aliás perfeita, não está em causa) — exige dos artistas uma resistência fora do comum, mais, fora do imaginável, um treino específico, uma posse total das fontes energéticas, uma mecanização não fechada nem morta, um yoga possível, para responder a essa barbárie culta e elegante que é um concurso deste tipo. Como disse Álvaro Salazar, que é músico profissional: «Os melhores habitualmente ganham, mas nem todos os possíveis melhores podem ganhar este concurso».

Concurso? Antes o decátulo olímpico onde o corpo, os nervos, a sensibilidade, a arte, estão subindo para o céu de perfeição, e depois descem aos dedos e aos nervos da execução.

56,5 — (LI, OUVI): No noticiário da Emissora... *profundamente afloraram* o problema angolano...

No boletim da Sociedade Portuguesa de Autores, n.º 79, na nota crítica alimentar, hóstica (de hóstia), consubstancial (de Trindade), relativa ao espectáculo lorquino «Mariana Pineda»: «... ao sair deste espectáculo, nós *salivamos* Beleza, sentimos o gosto raro de quem *comeu* e *mastigou* a Beleza, tornada cenicamente *alimento,* substância *comestível* e *assimilável...*»

. No «Jornal Novo» (rubrica «Livros na Mesa»): Jorge de Sena... um dos maiores poetas do Mundo...»

O CASO BEN BARKA COMEÇOU HÁ DEZ ANOS

JEAN JACONTRE

Foi a 29 de Outubro de 1965 que, chegado a Paris, Mehdi Ben Barka, depois de ter marcado encontro com seu irmão e um amigo, se dirigiu para Saint Germain-des-Prés, onde o esperavam, no Lipp, três pessoas com quem deveria fazer um filme sobre o Terceiro Mundo. Mas outras pessoas esperavam por ele à porta (dois polícias, Souchon e Voitot, um empregado da Air France, e dos serviços especiais, Lopez, e dois marginais) e, depois de lhe mostrarem os seus documentos, fizeram-no subir para um carro da Prefeitura, conduzindo-o para casa de um «gangster», Bouchseiche, em Fontenay-le-Viconte.

A razão por que Ben Barka aceitou entrar no carro sem resistência, é porque tinha um encontro com um enviado do rei, a fim de tratar das modalidades do seu regresso a Marrocos.

TRÊS PLANOS

Quando, depois de terem esperado em vão, o irmão e o amigo de Ben Barka verificaram que ele tinha desaparecido, alertaram as suas relações parisienses. A Redacção do **Monde** pode verificar, ao fim da manhã do dia 30, que as autoridades oficiais eram ou se diziam estranhas ao caso. Descobriu-se, porém, que o agente Lopez estava no centro da operação e que telefonara, ao princípio da tarde do dia 29, para Rabat, ao general Oufkir, ministro do Interior, e ao comandante Dlimi, director da Segurança — que a 30 chegariam a Paris. Em breve todas as indicações concordavam. Oufkir e provavelmente Dlimi tinham passado várias horas na casa de Fontenay, onde Ben Barka fora sequestrado e de onde só sairia morto, moribundo ou cloroformizado. Dias depois eram presos, depois de Lopez, os dois polícias envolvidos no rapto e um agente dos serviços especiais de nome Leroy-Finville, enquanto o general De Gaulle mandava a Rabat Philippe Malaud, próximo colaborador do ministro dos Negócios Estrangeiros, para tentar — em vão — obter do rei esclarecimentos ou sanções.

Complicada três meses depois pelo estranho e oportuno «suicídio» da testemunha e cúmplice dos raptores, Georges Figon, o «caso Ben Barka» ia envenenar, durante mais de dezoito meses, a vida pública francesa e as relações franco-marroquinas.

Ele desenrolou-se em três planos — o judiciário, do inquérito e do processo; o político das relações entre a oposição e o regime gaulista; o diplomático das relações entre Paris e Rabat.

No plano judicial, o inquérito do juiz Zollinger e o desenvolvimento do processo — que teve lugar em Paris em dois tempos, primeiro de Setembro a Outubro de 1965, na ausência dos dois principais acusados marroquinos, depois, já com Dlimi entregue à justiça francesa na véspera do veredicto que o ia ferir a ele e a Oufkir — foram sempre entravados por aquilo a que o bastonário Thorp chamava as «fechaduras do processo», quer dizer, os argumentos da «razão de Estado». Num caso em que estavam implicados, do modo mais directo e mais cru, mesmo no banco dos réus, polícias acusados de haver entregue um hóspede da França, sobre a protecção deste país, a assassinos estrangeiros, falou-se constantemente dos superiores direitos da defesa nacional e da ordem pública. Assim, nem os «dossiers» do S. D. E. C. (a que pertenciam, entre outros, os acusados Lopez e Leroy-Finville) nem os do comissário Caille, nem os relatórios sobre as conversas entre Hassan II e Malaud, eram comunicados à defesa.

Foccart, secretário-geral no Eliseu para a comunidade e os assuntos africanos e malgaxes, Frey, ministro do Interior, Foyer, ministro da Justiça, cujas funções os associavam de perto aos factos foram mantidos cuidadosamente à parte do inquérito. O chefe do Estado, numa conferência de Imprensa dada a 21 de Fevereiro de 1966, assegurava que as responsabilidades francesas eram de certo modo **vulgares e subalternas**. Só um deputado U. N. R., o advogado Pierre Lemarchand, demasiado misturado às peripécias do drama, para escapar ao inquérito, foi entregue ao braço secular — que o tratou com excepcional indulgência.

Para o general De Gaulle — que logo nos primeiros dias de Novembro de 1965, prometera à mãe de Ben Barka que tudo seria feito para descobrir a verdade —, tratava-se aparentemente de salvar a «honra do navio». Ele denunciou desde logo vigorosamente as responsabilidades marroquinas. Por altura da conferência de 21 de Fevereiro de 1966, acusou **o Governo marroquino de ter feito desaparecer no nosso solo um dirigente da oposição.** Em Abril de 1967 ao receber Vincent Monteil, que viera queixar-se da timidez do inquérito, declarou: **É preciso que os culpados sejam castigados. Retiro-me a Oufkir e a Dlimi, para não falar do rei, cúmplice e instigador do crime!**

AS RESPONSABILIDADES MARROQUINAS

Se Oufkir foi condenado por contumácia, a trabalhos forçados perpétuos, Dlimi foi absolvido por um juri impressionado pelas palavras de um advogado que o incitara a poupar o polícia marroquino, senão os membros da colónia francesa em Marrocos podiam ser massacrados. Mas as relações entre Charles De Gaulle e o rei Hassan foram irremediavelmente prejudicadas. Até ao fim, o chefe do Estado francês recusou-se a renovar relações com o soberano, que quisera conservar como ministro um indivíduo condenado pelos tribunais franceses.

A partir daí, as relações franco-marroquinas adquiriram cordialidade suficiente para que o rei Hassan, ao receber em Rabat Giscard d'Estaing, menos de dez anos após o crime, lhe chamasse «companheiro». Mas as camuflagens e os silêncios que atenuam o papel representado no caso de Ben Barka pelas autoridades marroquinas, responsáveis dos serviços especiais, da polícia e mesmo da polícia francesa, senão da C. I. A. americana, não foram dissipados. O inquérito-queixa apresentado pelo filho do «leader» assassinado, permitirá ir um pouco mais longe na exploração desses «segredos de Estado»?

«Le Monde»

Nacional

COPCON CORRIGE NOTÍCIAS DE "A LUTA"

Relativamente a um artigo da autoria de Carlos Soares, publicado no vespertino «A Luta», de 30 de Outubro passado, sob o título «Copcon: Atirar a pedra... e esconder a mão», o Comando Operacional do Continente emitiu um comunicado em que esclarece o seguinte:

. «O Copcon informa que os indivíduos em causa, sendo civis, foram reincorporados no Exército, no período de 11 de Agosto a 13 de Outubro, para cumprimento de uma missão de reforço e dinamização de apoio à Campanha Maio-Nordeste, tendo deixado de prestar serviço e regressado à anterior situação na última das datas referidas, não possuindo, actualmente, qualquer autorização especial para uso e porte de arma de guerra, pelo que se aguardam as conclusões dos processos que estão a seguir os seus trâmites no âmbito civil.

«O Copcon reafirma que só não justifica, de forma alguma, a posse do armamento que lhes foi apreendido como informa que tal armamento não pertencia à carga deste Comando nem à de qualquer unidade da Região Militar de Lisboa.»

«UM ERRO QUE NÃO EXISTIU»

Através do Ministério da Comunicação Social recebemos outro comunicado do Copcon, do seguinte teor:

«1 — publicou o jornal «A Luta», na sua edição de 31 de Outubro uma notícia especulativa e demagógica com o título «Em plena noite o Copcon, expulsa de casa uma senhora grávida e só», em que mais uma vez tenta denegrir o Copcon e os seus militares aos olhos da opinião pública.

«2 — A fim de repor a verdade, o que «A Luta» não quis ou não soube fazer ouvindo apenas uma das partes, o Copcon informa o seguinte: Foi o sr. Fernando Rodrigues Esteves quem abandonou o lar para ir viver com outra senhora noutro local; a sua ex-mulher ganhou a causa da separação judicial; há cerca de três meses o sr. Esteves arrombou a porta da casa da sua ex-mulher e lá se instalou abusivamente com outra mulher; ex-mulher do sr. Esteves, privada do seu lar e dos seus haveres apresentou queixa ao tribunal; como a resolução judicial tardasse e a senhora necessitasse de recuperar os seus haveres pediu a intervenção do Copcon; o Copcon decidiu após contactar o tribunal, intervir no sentido de evacuar os ocupantes ilegais e selar a casa depois de saber que o processo judicial que ainda corria era favorável à senhora ofendida. A desocupação e selagem foi levada a cabo após o pôr-do-sol por dificuldades levantadas pelos ocupantes à actuação da força obrigando a um diálogo de várias horas ao longo de dois dias. A operação desencadeada pelo Copcon teve o apoio da PSP e da Comissão de Moradores; por decisão de 31 de Outubro o tribunal atribuiu a casa em questão à ex-mulher do sr. Esteves; não aceita o Copcon que seja posta em causa a sua legitimidade revolucionária e o seu sentido de justiça popular, devido a um erro que afinal se provou não ter existido, esquecendo o referido jornal as tomadas de posição diárias em favor das classes mais desprotegidas.

«REPARO» DO MCS

Por seu turno o Ministério da Comunicação Social emitiu uma nota oficiosa, que abaixo se transcreve, sobre duas notícias publicadas em «O Século» e no semanário «Expresso»:

. «1. Na edição de 25 de Outubro de 1975, o jornal «O Século» publica sob o título «Palavras de Costa Gomes na Sérvia» um discurso que teria sido pronunciado durante o almoço oferecido pelo presidente da República Socialista da Sérvia.

Tal discurso, porém, revestiu a forma de um improviso que não tem qualquer semelhança com o texto publicado no jornal «O Século».

«2. Igualmente o semanário «Expresso» publica em 31 de Outubro de 1975 e sob o título «Kalinine não gostou» uma referência ao passo do discurso, também de improviso, que sua Excelência o Presidente da República teria pronunciado, agora no almoço oferecido pelo presidente da República da Croácia.

Também aqui pretensamente se reproduz uma frase não contida no improviso referido.

«3. Por se tratar de quem se trata e da importância da missão a que os referidos textos se reportam julga-se oportuno este reparo.»

COIMBRA PERGUNTA

Como são as bolsas para estudantes retornados?

. A Associação Académica de Coimbra propõe-se lutar este ano lectivo, particularmente grave em acréscimo de estudantes, por mais cantinas, condições mais condignas de habitação e melhor distribuição das bolsas de estudo sob o controlo estudantil.

Se a resolução de grande parte dos problemas passa pelo alargamento das bases técnicas-materiais, há no entanto, algumas medidas e exigências que se podem entretanto avançar.

No que respeita a cantinas universitárias, as existentes em Coimbra sofriam já no ano lectivo passado de superlotação. «Com a vinda de milhares de novos alunos — informa a AAC — e o alargamento dos Serviços Sociais Universitários de Coimbra aos Institutos Superiores não conseguirão elas servir todos os estudantes que o desejarem».

Exige pois a Associação Académica de Coimbra o «alargamento imediato da capacidade das cantinas, seja através da abertura de novas, seja pelo aproveitamento a 100 por cento de algumas agora só utilizadas a 50 por cento».

Aumentos de preço das refeições são recusados pela AAC. Afirma-se a propósito: «Defenderemos intransigentemente a inviabilidade de aumento dos preços das refeições sem que sejam asseguradas, através de subsídios de alimentação, refeições a baixo preço (ou gratuitas) aos estudantes que delas necessitam».

BOLSAS DE ESTUDO

Está previsto para este ano lectivo um orçamento de 25 mil contos para bolsas em Coimbra «Seguindo o exemplo do ano passado, a lista de estudantes a quem foram concedidos benefícios sociais deverá ser afixada em local de grande afluência estudantil, a fim de permitir detecção de possíveis falsas declarações».

E AAC informa: «Também este ano, e segundo documento da D. G. do Ensino Superior viriam a ser concedidos 60 mil contos em bolsas aos estudantes retornados.».

Pergunta-se: «será aceitável gastar tanto dinheiro em bolsas para estudantes retornados como em bolsas para todos os outros estudantes?»

«Qual o critério a seguir para atribuir a bolsa aos estudantes retornados? Apenas a inscrição no IARN como estudante?»

HABITAÇÃO

A maioria esmagadora dos estudantes vindos a estudar para Coimbra vive em quartos alugados a particulares. Só 7 a 8 por cento em casas universitárias, repúblicas ou apartamentos colectivos.

Outro aspecto é o seu preço. E o comunicado noticia: «Do ano passado para este ano os senhorios duplicaram o preço do aluguer. Alguns ganham, escandalosamente, quantias superiores a uma dezena de contos mensais, dificultando extraordinariamente o acesso a muitos estudantes e criando péssimas condições de estudo». E acrescenta: «Há, depois, casos ridículos em que se proíbe o estudante de tomar banho mais de duas vezes por semana, de ter aquecedor ou rádio ou outro aparelho eléctrico qualquer sem pagar taxa complementar».

Face ao exposto (palavras da AAC) «os estudantes devem exigir a construção de grandes blocos habitacionais, com boas condições de estudo e a preços reduzidos».

Companhia das Lezírias - que nacionalização?

A nacionalização da Companhia das Lezírias tornou-se matéria controversa. Os Sindicatos dos trabalhadores agrícolas de Lisboa e de Santarém e a Liga dos Pequenos Agricultores deste último distrito protestam contra os moldes como foi aprovada em Conselho de Ministros a nacionalização da Companhia das Lezírias. Manifestam os trabalhadores que não foram ouvidos sobre o assunto, o seu total desacordo em relação aos termos expressos no decreto. Salientam, em comunicado, o parágrafo 2 do artigo 1.º que diz: **nacionalização prevista e feita sem prejuízo dos actuais titulares de acções representativas do capital privado serem indemnizados.** Da mesma forma põem em questão o artigo 2.º do parágrafo 1.º, que afirma: **O Estado pagará aos titulares de acções da empresa nacionalizada contra a entrega dos respectivos títulos, uma indemnização a definir, quanto ao montante, prazo e forma de pagamento, em diploma legal a publicar no prazo de 180 dias, a contar da data da nacionalização.**

Os trabalhadores acrescentam que o decreto não faz qualquer referência às terras dos grandes agrários encravadas na leziria. Tendo conhecimento das manobras desses agrários para formar cooperativas **de forma a continuarem na posse e exploração dessas terras** os trabalhadores manifestam a sua preocupação. Pelo teor do comunicado conclui-se que os trabalhadores defendem a nacionalização da Companhia das Lezírias mas constestam uma falsa nacionalização **ao serviço dos grandes** capitalistas e agrários.

Por outro lado o Partido Comunista Português também diz não a este tipo de «nacionalização» da Companhia das Lezírias.

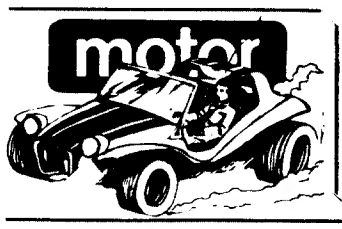
Um texto emitido pela Comissão de Freguesia de Samora Correia do PCP, considera em primeiro lugar que a aprovação do decreto-lei foi consumada pelo VI Governo nas costas dos trabalhadores, sem a sua aprovação e o seu conhecimento. Refere ainda a posição do PS de Samora Correia que **veio a apoiar publicamente essa falsa nacionalização. Numa passagem do comunicado do PCP pergunta-se: Será querer provocar divisionismo no meio dos trabalhadores, como pretende o secretariado da secção do PS de Samora Correia, denunciar e alertar aqueles para um decreto-lei que prevê indemnizações aos senhores da Companhia das Lezírias (Calheiros Lopes, Espírito Santo, Melo, etc.) no valor de milhares e milhares de contos? Ou será antes defender os interesses dos trabalhadores?**

MANIFESTAÇÃO DE TRABALHADORES RURAIS EM LISBOA

Está prevista a realização em Lisboa de uma manifestação de assalariados rurais alentejanos com o apoio de trabalhadores de outras actividades. O Movimento Democrático Português já tornou pública a sua adesão a mais essa jornada de luta do operariado agrícola e exorta todos os seus militantes e simpatizantes, todo o povo em geral, a participarem activamente na manifestão.

REFORMA AGRÁRIA AVANÇA EM ODEMIRA

No concelho de Odemira onde a Reforma Agrária estava bastante atrasada, foram ocupadas nos últimos dias algumas herdades abrangidas pela Lei. Os latifundiários e certos partidos que tentam travar a Reforma Agrária começam a ficar inquietos. À semelhança do que tem acontecido noutras zonas do Alentejo já há indícios de uma campanha de boatos postos a circular pelos reaccionários para assustarem os pequenos agricultores. Contrariando essas intenções a Comissão Concelhia do PCP alerta os trabalhadores rurais e pequenos agricultores contra certos indivíduos que, apresentando-se como comunistas, visam cometer actos de vandalismo com o propósito de comprometer o nosso partido.



SINDICATO DOS TRABALHADORES QUÍMICOS DE LISBOA E SETÚBAL

COMUNICADO

AOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS

CAMARADAS:

As Direcções dos Sindicatos das Indústrias Químicas de Lisboa e de Setúbal reunidas em Lisboa, no dia 5/11/75, para análise e discussão dos problemas que estão atingindo alguns Sectores de Actividade, comuns aos dois Sindicatos, devido à publicação da Portaria que visa o alargamento de âmbito do C.C.T., resolveram:

1.º — Informar todos os trabalhadores abrangidos pelos dois Sindicatos sobre a forma injusta e divisionista como a citada Portaria foi elaborada, no que respeita à classificação das empresas.

2.º — Informar, ainda, que os trabalhadores das Moagens estão encetando a sua luta, exigindo do M. T. a não aplicação da Portaria de 21/6/75 no que se refere à constituição de uma Comissão Tripartida para apuramento da capacidade económica das empresas, para apreciação dos grupos em que deverão ser incluídas, pretende-se que essa apreciação seja feita segundo a facturação global das empresas.

3.º — Em face do exposto, resolveram apelar para a solidariedade de todos os trabalhadores Químicos em geral e para os trabalhadores dos sectores atingidos em especial (Moagens, Massas Alimentícias, Descasque de Arroz, Chocolates e Reconstrução de Pneus), de modo a que todos apoiem a justa luta daqueles camaradas, exigindo que o M. T., dê cabal satisfação aos justos interesses dos trabalhadores das Moagens, que serão, afinal, de todos os trabalhadores abrangidos pelo nosso C.C.T.

— PELA CLASSIFICAÇÃO DAS EMPRESAS SEGUNDO A FACTURAÇÃO!
— PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES QUÍMICOS!
— PELA APLICAÇÃO IMEDIATA DO CONTRÔLE OPERÁRIO!

Lisboa, 6/11/75.

AS DIRECÇÕES DE SETÚBAL E LISBOA

SAAL-NORTE ESTÁ AMEAÇADO

. PORTO, 5 — «A paralisação do processo SAAL está iminente e é indispensável, desde já apontar, os responsáveis por tal situação, ofensiva dos direitos dos trabalhadores-moradores que nele de algum modo confiaram». — Adverte a comissão coordenadora do SAAL-Norte, a propósito dos entraves que continuam a ser levantados ao desenvolvimento da sua actividade.

A noite passada, este problema foi debatido durante o plenário mensal das comissões-associações dos moradores ligadas ao SAAL, que decorreu no anfiteatro da Escola de Belas Artes do Porto, apinhado de gente. Foi apresentada uma proposta em que se denunciam esses entraves e que se destina a ser discutida entre os milhares de moradores abrangidos pelo problema.

O plenário decorreu em ambiente de ampla participação, com denúncia das «manobras enganadoras» da burguesia, que pretende ganhar tempo, **para desmoralizar os trabalhadores-moradores e «atirar os explorados para a periferia da cidade».**

A referida proposta desmascara igualmente as manobras para «desarticular as organizações de moradores e fortalecer o capital especulativo», libertando os terrenos actualmente ocupados pelos moradores que, «da cidade, praticamente só conhecem o que ela tem de pior», pois «o que a cidade tem de bom a burguesia roubou-lhes».

PORTO

Milhares de manifestantes contra a viragem à direita

PORTO, 7 — (Delegação) — «Medidas firmes para castigar severamente os capitalistas responsáveis pela sabotagem económica e para fazer cumprir os contratos colectivos e as portarias, para garantir o emprego dos trabalhadores nos sectores de actividade em crise», foi um dos pontos aprovados na moção apresentada ontem, no Porto, durante uma manifestação contra a viragem à direita promovida por centenas de organizações populares na sequência de um apelo das comissões de trabalhadores das empresas «Aluminia» e «Seccu» e pela Comissão de Rendeiros de Rio Tinto a que deu apoio também o P. C. P.

A concentração teve lugar na Praça Humberto Delgado às 19 e 30 seguindo depois os manifestantes, em número de muitos milhares, em direcção ao Governo Civil e depois para a Praça da República, onde permaneceu algum tempo diante do Quartel General, vindo a dispersar na Rua da Boavista.

Na Praça Humberto Delgado foram lidas três moções afirmando-se ainda numa delas sobre os problemas dos trabalhadores: «A política seguida pelos novos responsáveis do Ministério do Trabalho, suspendendo ou dificultando a publicação de portarias que constituem conquistas dos trabalhadores colocando em postos responsáveis do Ministério elementos reconhecidamente reaccionários e tentando sanear à esquerda elementos progressistas». A moção denuncia ainda a grave situação financeira da Previdência e a elaboração pelo Governo de um plano económico «que esconde do povo trabalhador, porque as medidas que propõe pretendem fazer pagar as dificuldades económicas do País ao povo trabalhador e não aos seus responsáveis, os grandes capitalistas e latifundiários», além da acção desenvolvida pelo Ministério das Finanças «saneando elementos progressistas da administração do Banco de Portugal e permitindo o descongelamento de contas bancárias de sabotadores económicos dificultando o crédito a empresas controladas pelos trabalhadores». A leitura da moção foi frequentemente interrompida pelos manifestantes que gritavam palavras de ordem como «Os contratos colectivos têm de ser cumpridos», «Patrões à Previdência, pagar com urgência», «Contra a viragem à direita, ofensiva popular».

Numa outra moção sobre os problemas dos moradores denunciava-se «a investida das forças conservadoras e reaccionárias», o apoio dado àquelas pelas medidas do governador civil do Porto nomeadamente com a escolha de uma comissão administrativa da Câmara «cozinhada nas costas do povo» e os entraves ao funcionamento de organizações de moradores, ao Conselho Municipal e ao processo S. A. A. L., além da não aplicação dos 20 mil contos orçamentados para obras nos bairros camarários. Em relação a cada um destes pontos os manifestantes, de acordo com a moção, reafirmaram a sua determinação em lutar contra os aspectos negativos que os mesmos comportam. Esta moção foi depois entregue no comando da P. S. P. dada a ausência do governador civil, que se comprometeu a fazê-la chegar hoje ao seu destinatário, dr. Cal Brandão.

Foi ainda lida uma moção apresentada pelos rendeiros em que, nomeadamente, se exigem do Governo Provisório «medidas imediatas para o cumprimento da lei do arrendamento», «condições para aplicação prática de todas as medidas progressistas decididas pelos Governos anteriores», e ainda «que o I. R. A. informe os rendeiros correctamente dos seus direitos como está decretado na lei e não faça o jogo que tem feito até aqui aconselhando os rendeiros a aceitar as condições que os senhores lhes impõem». Durante a leitura desta moção foram gritadas palavras de ordem como: «A Lei do Arrendamento é para se cumprir», «Não há Socialismo sem Reforma Agrária», «O rendeiro não paga a casa», etc.

Durante a manifestação os milhares de pessoas gritaram ainda outras palavras de ordem como «Conselho Municipal Conquista Fundamental» e «Morte ao E. L. P., Morte ao A. M. I. e a quem o apoiar». Registe-se que a moção sobre os problemas dos trabalhadores não foi aceite pelo oficial de serviço no Quartel General que se recusou a receber uma delegação de manifestantes para tal efeito, sendo a mesma moção metida debaixo da porta enquanto cá fora os manifestantes gritavam «Veloso vai pr'a rua, que esta casa não é tua».

Durante o desfile dos manifestantes na Rua de Santa Catarina registou-se um breve incidente, no cruzamento com a Rua de Passos Manuel quando uma viatura (NR 47-23) pretendeu passar atravessando a manifestação. Diversos populares postaram-se diante do veículo a fim de impedir o seu avanço tendo o seu condutor saído e esboçando-se a tentativas de agressão mútua após o que o mesmo fugiu em direcção à Praça D. João V. Do facto resultou um ligeiro ferimento na cabeça do condutor e algumas amolgadelas na viatura.

SANTARÉM

DOIS MORTOS E 20 FERIDOS NUM CONTENCIOSO RURAL

Está completamente normalizada neste momento a situação na cidade de Santarém, segundo informações prestadas à Anop pelo oficial de dia da Escola Prática de Cavalaria.

Referia-se o oficial às confrontações ontem registadas naquela cidade entre agrários e camponeses.

Tudo leva a crer que os mortos são dois agrários, naturais de Coruche, chamados Manuel Lopes Brás e Francisco Manuel Veiga Teixeira. Ambos os mortos não apresentam sinais de disparos de armas de fogo, acreditando-se que tenham falecido devido a ferimentos de armas brancas.

Por outro lado, de entre os cerca de vinte e cinco feridos que deram entrada no Hospital de Jesus Cristo, apenas ficaram internados António Simões Pereira e João Resende Guilherme.

De acordo com o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, os incidentes tiveram origem numa reunião de agrários, promovida pela Associação Livre de Agricultores, na qual se teria decidido assaltar as instalações do Centro de Reforma Agrária e do Sindicato.

«Que se armem os assaltantes» — foi a palavra de ordem.

Mas o assalto resultou em vão, uma vez que os operários agrícolas responderam «taco a taco à violência dos agrários».

Por sua vez, o direictor do Centro de Reforma Agrária, referindo-se à actuação das tropas da Escola Prática de Cavalaria, afirmou que ela tinha sido tardia. Avisada de véspera, a E. P. C. não montou barragens nas vias de acesso à cidade a fim de impedir a marcha dos agrários.

Ora diga-nos

"QUE PENSA DO DIA 11 DE NOVEMBRO?"

. No dia 11 de Novembro, os olhos do mundo estarão postos em Angola. Se, até lá, o actual Governo português não alterar a sua posição face à FNLA e à UNITA, reconhecendo o MPLA como o único e legítimo representante do povo angolano, o Movimento chefiado por Agostinho Neto declarará unilateralmente a independência de Angola, às zero horas precisas do próximo dia 11. Saímos para a rua com a pergunta engatilhada: que pensa do 11 de Novembro?

. Manuel Cabeleira Gomes, professor: «É difícil responder a uma pergunta como essa. Tudo depende das possibilidades que o MPLA tiver para dominar um golpe que poderá ocorrer tanto lá como cá. Cá em Portugal, tudo dependerá também da actividade das forças progressistas da esquerda. Mas de uma esquerda coerente».

Torben Eliasem, estudante, brasileiro de nacionalidade: «Que penso? Não sei bem, não estava preparado para responder... Mas acho que vai dar algum sarilho. Talvez venha a acontecer alguma coisa errada, com os outros partidos não aceitando que o MPLA proclame sozinho a independência. Se até lá os diversos partidos não acharem uma solução, vai dar guerra, mais guerra».

Maria Cecília Alves, licenciada em Finanças («licenciei-me hoje mesmo». «Então parabéns». «Muito obrigada»): «É difícil responder. Eu penso que realmente há um certo clima de instabilidade. Mas ainda acredito que sejam mais os boatos que outra coisa. Quanto a mim, é o povo angolano que deve dizer qual é a sua verdadeira vanguarda. Dá-me a sensação que o MPLA corresponde a essa vanguarda, que tem maior representatividade. Mas as forças do imperialismo americano estão muito metidas na FNLA e talvez as coisas não sejam muito fáceis para o Movimento de Agostinho Neto».

ATENÇÃO AO MONUMENTAL CIRCO MEXICANO

INSTALADO
AV. DA REPÚBLICA
Junto à Feira Popular

ESTREIA HOJE O SEU FABULOSO ESPECTÁCULO **MÉXICO 75**
LEÕES, TIGRES CAVALOS, CHIMPANZÉS, CÃES AMESTRADOS, ESCADA AÉREA, PERCHISTAS, ASTRONAUTAS em MEIA LUA, OS DIABLOS, ROLA ROLA

DUAS PARELHAS DE PALHAÇOS — DUAS
E AINDA O MAIOR DA EUROPA

JOSÉ FREIXO

E O SEU PATO DONALTIN
TODAS AS NOITES ÀS 21,45
QUINTAS E SÁBADOS ÀS 16 HORAS «Matinées»
DOMINGOS 3 ESPECTÁCULOS ÀS 15 H., 18 H. e 21,45 H.

JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS

DELEGAÇÃO DE LISBOA

ROSSIO, N.º 45-2.º

AVISO

LEILÃO DE COUROS

Avisam-se todos os possíveis compradores, que no próximo dia 13 do corrente, pelas 15 horas, na Sede desta Delegação, Rossio, 45-2.º, se procederá à venda dos couros provenientes das reses abatidas nos Matadouros de Lisboa e Sintra.

JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS
O Delegado.

ESTRUTURAS METÁLICAS

CAIXILHARIAS DE ALUMÍNIO ANODIZADO

DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS

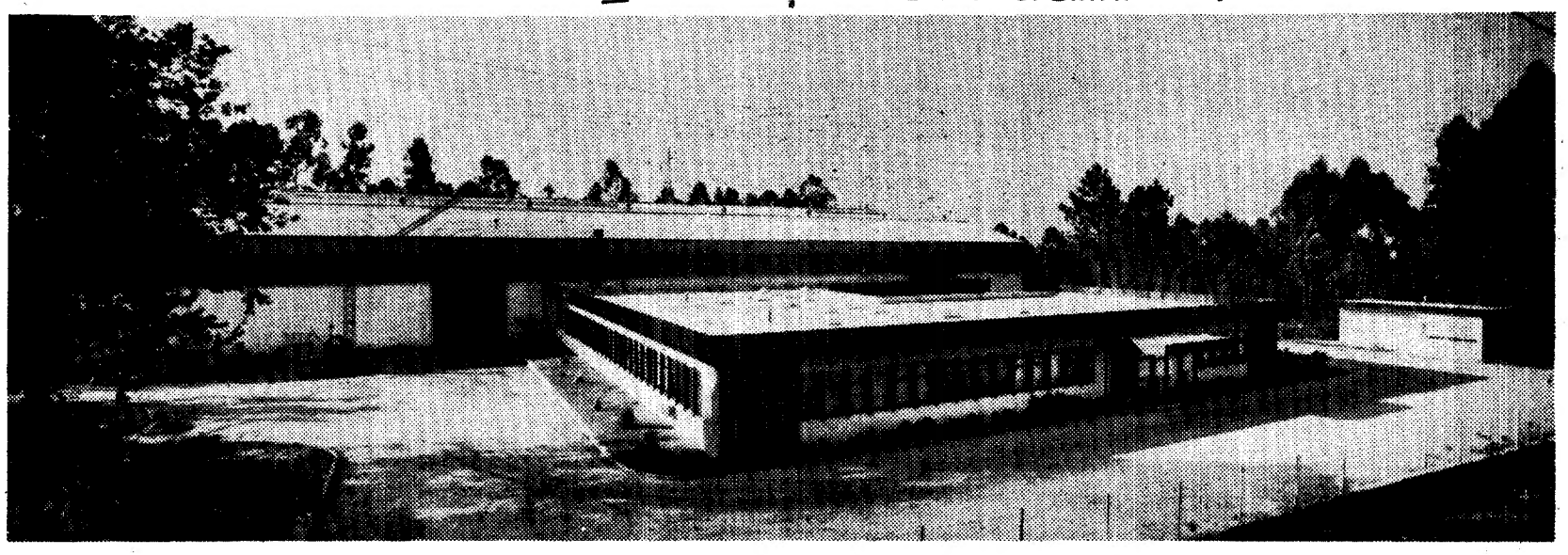
ARTIGOS DE ILUMINAÇÃO

SECCA

construções metálicas s.a.r.l.

NOVAS INSTALAÇÕES FABRIS RECHOUSA-CANELAS — VILA NOVA DE GAIA — E. N. 109-1 — Telefones 912793—911463—914501—914650

DELEGAÇÃO EM LISBOA : Estrada do Poço do Chão, 1688 Loja-Direita



Vista parcial das novas instalações

GESPO *GABINETE DE ESTUDOS PROJECTOS E ORGANIZAÇÃO*

- ESTUDOS TÉCNICO-ECONÓMICOS
- PROJECTOS INDUSTRIAIS
- TÉCNICAS DE PRODUTIVIDADE

R. DO CAMPO ALEGRE, 672-5 ESQ. / TEL. 691 858 PORTO

BONNEVILLE OLIVEIRA

ESTUDOS E EQUIPAMENTOS ELECTROMECÂNICOS S. A. R. L.

PORTO — LISBOA

FORNECEU E INSTALOU:

- O sistema de captação de fumos e cheiros na cozinha.
- O sistema de abastecimento automático de água sob pressão.

edaga

EMPRESA DISTRIBUIDORA DE APARELHOS E GÁS, LDA.

EQUIPAMENTO HOTELEIRO

ESTUDOU, FORNECEU E MONTOU TODO O EQUIPAMENTO DE COZINHA DESTA UNIDADE FABRIL

PORTO — Rua da Constituição, 796 — Telefone 491036.
LISBOA — Avenida da República, 83-C — Telefone 767116.
PORTIMÃO — Avenida S. João de Deus, 53 — Telefone 24044.

MANUEL DA SILVA GONÇALVES

CARPINTARIA MECÂNICA
FÁBRICA DE MÓVEIS

● EXECUTOU TODA A OBRA DE CARPINTARIA

SEIXO ALVO — OLIVAL — Telefone 980107
Vila Nova de Gaia

PREFOR

CONSTRUÇÕES DE BETÃO PRÉ-ESFORÇADO, LDA.

PORTO ALVERCA LISBOA

TECNIVEL

representações limitada

EXECUTOU AS OBRAS DE IMPERMEABILIZAÇÕES — TELAS «MORTER-PLAS» — PINTURAS — «FEB-REVETON» — CLARABÓIAS — «LOP»

Avenida da Boavista, 621 — Telefones 63387/ /67348 — PORTO

HELITOR—Aços Especiais, Ld.ª

● PREPAROU O VARÃO DE ALTA RESISTÊNCIA, A.40, UTILIZADO NA ESTRUTURA DE BETÃO ARMADO.

ESCRITÓRIO : Rua Bartolomeu Dias, 9-1.º — Telefones 498584/496193 — PORTO
FÁBRICA : Rua S. José da Ponte — Telefone 9891322 — Rio Tinto

ENOBRA

CONSTRUÇÕES, S. A. R. L.

EMPREITEIRO GERAL

SEDE: Praça Prof. Santos Andrea, 11-r/c
Telefones 742043/44/45 — LISBOA

Delegação no Porto : Avenida da Boavista, n.º 607
Telefones 62196/7

M. S. PORTO

MÁRIO SANTOS

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.

PERFIS DE ALUMÍNIO
JANELAS BETA
ACESSÓRIOS
MÁQUINAS

Rua da Alegria, 330 — Apartado 289 — PORTO

YTONG PORTUGUESA

BETÃO CELULAR, S. A. R. L.

NOVA TÉCNICA NA CONSTRUÇÃO CIVIL EM ALVENARIA

ISOLANTE — LEVE — RESISTENTE
TRABALHA-SE COMO A MADEIRA

FÁBRICA E ESCRITÓRIO : Estrada Nacional, n.º 10 — Km. 17 — COINA
Telefones 2019906 / 7 / 8 / 9

DELEGAÇÃO ZONA NORTE : Rua da Constituição, 786 — Telefone 491697 — PORTO

ROCHA, LDA.

VIDROS — CRISTAIS
ESPELHOS — LOUÇA FINA

COLOCAÇÕES EM QUALQUER PONTO DO PAÍS

Rua Soares dos Reis, 826 — Telefone 391722
VILA NOVA DE GAIA

A. FERNANDO DE OLIVEIRA

CORRETOR DE SEGUROS

COMPLETA ASSISTÊNCIA EM CASO DE SINISTRO

Praça General Humberto Delgado, 267-salas 1 e 2
Telefones 26643 — 32766 — 26458 — PORTO

SITAL

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE TINTAS E ANTICORROSIVOS, LDA.

TINTAS DE PROTECÇÃO
MASTIQUES PARA JUNTAS
ADITIVOS PARA BETÃO

PORTO — LISBOA — COIMBRA — SETÚBAL — OVAR

LICÍNIO BASTOS LEITE

FORNECEDOR DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO CIVIL

● EXECUTOU A TERRAPLANAGEM E PAVIMENTAÇÃO

Rua Tourais, 369 — Guifões
Telefones 951515 — 950626 — MATOSINHOS

CONSTRUÍDA COM

«CIMENTO LIZ»

fornecido pela firma :

SOUSA, LOPES & MONTEIRO, LDA.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Rua Joaquim António de Aguiar, 92
Telefone 52517 — PORTO

OFA M. R.

—METALÚRGICA CENTRAL DA TROFA, LDA.

FABRICANTE E ARMAZENISTA

TODOS OS ACESSÓRIOS PARA CASA DE BANHO E REGA tais como:

- TORNEIRAS «O F A»
- LOUÇAS
- BANHEIRAS
- Etc., etc., etc.

Apartado 5—Telefones 94031—94587 PPCA — TROFA—MINHO

Atlas Copco

Central de ar comprimido equipada com unidade electro-compressora BT 5 E—6000 l./min a 7 kg/cm2

SOC. ATLAS COPCO DE PORTUGAL, LDA.

LISBOA (L.NDA-A-VELHA) • PORTO • VILA VIÇOSA

Nacional

A AGITAÇÃO NO PALÁCIO FOZ

Ferreira da Cunha e forças policiais sairam hoje de madrugada

Faltavam 20 minutos para as 7 horas da manhã quando o secretário de estado da Informação, tenente-coronel Ferreira da Cunha, muito assustado, deixou o Ministério da Comunicação Social, e entrou num «jeep» da Polícia Naval que, em alta velocidade, se afastou, descendo os Restauradores. Para ele estava terminando uma noite passada dentro do Palácio Foz, onde o sobressalto foi uma constante. Era também o final vitorioso de uma luta de trabalhadores, que se chegou a julgar irremediavelmente perdida mas que, subitamente se transformou numa significativa vitória.

Até à hora em que esta edição está a fechar, não há uma confirmação oficial quanto à suspensão do secretário de Estado da Informação do VI Governo Provisório, mas de acordo com os dados que se apresentam após a viragem desta madrugada, é praticamente certo que Ferreira da Cunha não voltará ao gabinete que foi seu até serem descobertas as suas ligações com o C.D.I. — a «superpide» de Caetano.

ONTEM À TARDE

Após a violência patrocinada pela P.S.P. e pela G.N.R., em que o ferido mais grave levou três tiros, um no peito e dois num braço, e no seguimento da invasão do Palácio Foz por estas forças, os trabalhadores progressistas ficaram sitiados em três salas, restando como únicas formas de comunicação com o exterior, os gritos e os bilhetes arremessados para a rua, uma vez que foi avisado terem os telefones sido colocados sob escuta.

Esta advertência não impediu que um dos membros da Comissão de Luta, o jornalista António Teles, procurasse apoio junto às Forças Armadas, quando manteve contactos com o Copcon e com o general Carlos Fabião. Nas duas oportunidades a conversa foi um tanto áspera, pois as entidades procuradas não podiam, ou não queriam, resolver o problema que afligia aos «sitiados»: a P.S.P. e os seus «tiros para cima» e a G.N.R. armada de G-3, ambas a rondar as portas que separavam os trabalhadores em luta do resto do edifício. Outros contactos militares foram feitos, mas todos sem resultado. Enquanto isso, o amplo apoio dado pelas emissoras de rádio, aos poucos ia surtindo efeitos, com a concentração de grande número de manifestantes nos Restauradores, dispostos a enfrentar as forças da repressão até às últimas consequências, como ficou provado com as inúmeras «devoluções» de granadas de gás lacrimogéneo. De contacto em contacto, de reunião em reunião, de proposta em proposta, a tarde foi-se escoando num ambiente tenso, apenas atenuado pela impressionante demonstração de solidariedade dada pelos manifestantes, que não deixaram faltar nada em matéria de alimentação para os trabalhadores que não podiam sair, sem correr riscos.

ONTEM À NOITE

Com o término dos expedientes de trabalho, a manifestação engrossou e as palavras de ordem foram gritadas com mais força. Entretanto, dentro das salas cercadas pelas forças repressoras a tensão aumentava a cada momento. E as reuniões da Comissão de Luta tornaram-se permanentes. Na rua, as palavras de ordem apenas eram interrompidos para os aplausos aos soldados que chegavam constantemente, por iniciativa própria ou de grupos. Foi decidido que a Comissão de Luta seria alargada, contando com a presença de mais um soldado, um marinheiro e dois trabalhadores, um da Lisnave e outro da Setenave. Eya Comissão alargada decidiu então avistar-se com o Conselho da Revolução, numa derradeira tentativa de ver a sua luta vitoriosa, com o saneamento de Ferreira da Cunha, e ter o problema do cerco resolvido definitivamente, com a sua suspensão e a retirada das forças repressoras.

Este encontro com o Conselho da Revolução, viria a saldar-se num fracasso, com a não aceitação da Comissão de Luta alargada e a exigência por parte dos seus membros de falarem apenas com os trabalhadores do M.C.S. O contacto foi feito e pelo C.R. foram encontrados o capitão Sousa e Castro, o capitão Marques Junior e o comandante Almada Contreiras. Segundo os trabalhadores, o capitão Sousa e Castro mostrou-se muito pouco interessado em resolver o assunto, facto que mais tarde seria denunciado publicamente através dos alto-falantes.

O fracasso da entrevista com o Conselho da Revolução, levou os trabalhadores progressistas do M.C.S. a duvidarem seriamente do sucesso da luta pelo saneamento de Ferreira da Cunha. O comunicado do Conselho de Ministros, amplamente desfavorável e contrário à luta desenvolvida, as declarações do capitão Vasco Lourenço, igualmente contrárias às pretensões dos trabalhadores e o fechamento do cerco às salas ocupadas, com as forças repressoras a poucos metros de distância e demonstrando um «à vontade» que fazia com que fosse encarada seriamente a possibilidade de evacuação violenta, cada vez tornava mais nítida a ideia de que a luta seria derrotada. Uma última tentativa foi feita, com um contacto junto ao capitão Coutinho, da P.S.P., onde se pedia a retirada das forças militarizadas, obviamente contrárias aos trabalhadores progressistas, e a sua substituição por forças militares, de confiança, que garantiriam a guarda do edifício e a integridade física destes. Como resposta, a comissão nomeada para este fim, ouviu: «Não sou desmobilizável. Cumpro as minhas ordens até ao fim».

Subitamente, o grito, recebido com surpresa e alegria: «Aí vem o Ralis». E em seguida, «os Fuzileiros também».

Descendo a Avenida da Liberdade, em velocidade um tanto acima da moderada, quatro Chaimites e 1 Berliet do Ralis e um Chaimite e outro Berliet dos Fuzileiros, rapidamente tomaram os pontos estratégicos diante do M.C.S. e despejaram aproximadamente 100 homens fortemente armados, fazendo com que se pensasse que eles vinham prontos para o confronto directo com as forças da repressão. Os contactos estabelecidos imediatamente, entretanto, demonstraram que eles vinham para retirar do Palácio Foz o candidato a saneamento, Ferreira da Cunha, e render as forças da P.S.P. e da G.N.R.

Sob vaias, saiu primeiro Ferreira da Cunha. Sob pedradas dos poucos manifestantes que restavam, saíram a seguir as forças da G.N.R. que, durante a noite, haviam feito mais duas vítimas, na Calçada da Glória. Às nove horas, finalmente, a P.S.P. também se foi embora. Os trabalhadores ficaram. Os menos extenuados retomaram as actividades.

Soube-se mais tarde, que a súbita viragem, seria devida às enérgicas posições assumidas pelo general Otelo Saraiva de Carvalho durante as reuniões político-militares que transcorreram de madrugada.

Entretanto, para os trabalhadores, a luta continua. Ferreira da Cunha, oficialmente, não está saneado. Por isso, todos os trabalhadores, comissões de moradores, soldados e marinheiros, foram convocados para uma grande concentração, às 19 horas, nos Restauradores.

Gases lacrimogéneos nos Restauradores

LISBOA, PORTO, PONTA DELGADA

Mais três petardos

A explosão de petardos prossegue em vários pontos do País. Assim, cerca das 6 horas de hoje, rebentou um desses engenhos no **Porto**, a poucos metros do portão de entrada das instalações do Rádio Clube Português, à Rua Tenente Valadim, tendo ficado estilhaçados alguns vidros dos prédios vizinhos. Numa breve busca efectuada a pedido de funcionários daquela estação emissora, por uma brigada de minas da P. S. P., foi encontrado um outro petardo colocado no interior do portão, e que não chegou a explodir.

Esta manhã, em contacto com o R. C. P. fomos informados de que a carga que não chegou a explodir seria constituida por cerca de um quilograma de trotil, e que na altura em que esta carga foi lançada encontravam-se trabalhadores de serviço na estação.

Também em **Lisboa** rebentou um petardo de fraca potência, cerca da meia-noite, na Rua da Emenda, junto da sede do Partido Socialista. Não se registaram quaisquer estragos, apesar de um automóvel ter sido deslocado para cima do passeio pela forte deslocação do ar.

Segundo testemunhas oculares, o engenho foi lançado de um carro a grande velocidade, para o meio da rua, tendo a explosão ocorrido segundos depois. Até ao momento não foram identificados, nem o veículo, nem os autores do atentado.

Em **Ponta Delgada,** também explodiu na madrugada de ontem um engenho de fabrico artesanal, colocado no pátio da residência de Francisco Macedo, do secretariado local do Partido Socialista. O rebentamento não causou vítimas, para além do grande estrondo, vidros partidos, e danos numa viatura.

Esta é a segunda explosão ocorrida nos Açores. A primeira verificou-se na passada segunda-feira, junto do Comando Naval.

ARREMATAÇÃO

DIREITO AO TRESPASSE E ARRENDAMENTO

Faz-se público que no dia 26 do corrente, pelas 10 horas, na Rua dos Fanqueiros, n.º 312-2.º, desta cidade, se há-de proceder à arrematação, em hasta pública, pelo maior lanço oferecido sobre a base de licitação, que é de Esc. 122 000$00, do direito ao trespasse e arrendamento do estabelecimento de «Relógios-Importador e Exportador», sito naquele local, penhorado à firma Pires & Martinho, Ld.ª, por dívida de Contribuição Industrial, Imposto Complementar, Imposto de Transacção e multas, no qual se compreendem os seguintes mobiliários: uma secretária para máquina de escrever e cadeira giratória; outra, com cadeira giratória, com 7 gavetas; dois maples forrados a napa; uma vitrine com portas de vidro de correr e duas vitrines-expositoras, pequenas com 3 compartimentos.

Ficam por este meio citados quaisquer credores desconhecidos, bem como os sucessores de credores preferentes, para deduzirem, querendo, os seus direitos no prazo de 10 dias, a contar da arrematação.

Repartição de Finanças e Juízo Fiscal do 3.º Bairro de Lisboa, 3 de Novembro de 1975.

O escrivão, **Manuel Alves Valente**

O Juiz-auxiliar, **Norton Tapada Borges**

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

SEDE: PRAÇA D. LUIZ, 17-1.º DT. — TELEF. 66 11 02/3 — LISBOA 2

MOÇÃO

Os exploradores do Povo Português sabem bem que os órgãos de comunicação social foram no tempo do fascismo, os veículos difusores da sua ideologia reaccionária, manipuladora das massas trabalhadoras e oprimidas. Os trabalhadores da Imprensa estiveram desde o início na vanguarda da luta contra a censura e a manipulação reaccionária desses órgãos por parte das classes dominantes, sustentáculos da ditadura fascista de Salazar e Caetano.

Após o 25 de Abril, as massas trabalhadoras exigiram a nacionalização da Imprensa, passando desde logo ao saneamento dos fascistas, tomando nas mãos a orientação dos jornais virando-os para o processo revolucionário a caminho do socialismo.

A reacção viu-se então na necessidade de criar os seus próprios órgãos da contra-revolução e vimos assim surgirem «Os Bandarras», «Os Templários», o «Jornal Novo», «A Luta», o «Tempo» e outros.

O caso República é um exemplo doutra táctica da burguesia: a pretexto da defesa da liberdade de Imprensa, forças sociais-democráticas tentaram criar os seus órgãos oficiosos, rotulando-os de defensores do «socialismo em liberdade» e «autenticamente independentes». O que estava por detrás de toda esta manobra era colocar a Imprensa nacionalizada ao serviço da social democracia e a médio prazo do fascismo.

Com a formação do VI Governo Provisório, certas forças conservadoras deixaram bem claro que pretendiam fazer calar jornais como o SECULO e outros. Mais uma vez a reacção virava as baterias para os seus inimigos! Os trabalhadores organizados souberam bem, dar a resposta à reacção que visava pura e simplesmente eliminar a orientação progressista deste matutino, uma das muitas forças vivas da nossa revolução.

Actualmente e depois de muitas manobras com base na aliança de grupos contra-revolucionários com a reacção descarada do PPD, os trabalhadores de O SECULO mais uma vez desmascararam os «arautos das liberdades burguesas», mas desta vez ombro a ombro, erguendo uma muralha intransponível para os reaccionários que tentaram assaltar e destruir este órgão progressista.

Os trabalhadores da Construção Civil enviam saudações revolucionárias aos camaradas de O SECULO que através do seu sentimento de classe souberam compreender quem eram os seus inimigos e não hesitaram em defender a Revolução, defendendo O SECULO.

POR UMA INFORMAÇÃO AO SERVIÇO DAS CLASSES TRABALHADORAS.
CONTROLO OPERÁRIO SIM, CONTROLO DA DIREITA NÃO!

Lisboa, 6 de Novembro de 1975.

A DIRECÇÃO

Trabalho

As contas em dia

A LIÇÃO

A cena passa-se numa das salas do Palácio da Justiça. Estagiários dos tribunais discutem o seu problema. Depois de efectuarem o estágio, ficam no desemprego. São jovens advogados que aguardam colocação.

A discussão prosseguia animada. Manifestaram firme disposição de se colocarem ao lado das classes trabalhadoras. Enquanto não aparecerem as vagas, eles ajudarão «de borla» e dentro das suas capacidades todos aqueles que tenham que se servir dos serviços da Justiça e não tenham dinheiro. Exigem, entretanto, o subsídio de desemprego.

Uma das estagiárias presentes referiu-se ao seu caso pessoal: estava quase a ser expulsa de casa porque não tinha dinheiro para pagar a renda.

Numa outra sala do Ministério da Justiça decorria cena diferente. O julgamento de ocupantes de casas devolutas. Estavam acompanhados pelas respectivas comissões de moradores ou de ocupantes. A polícia interveio (ultimamente tem estado em grande actividade). O julgamento (o «tradicional») acabou por não se realizar. O julgamento popular, esse absolveu os réus e decidiu expulsar o senhorio da freguesia.

Sabendo do plenário que se estava a realizar ali ao lado, no final, um representante de uma comissão de ocupantes dirigiu-se aos estagiários para contar o que tinha acontecido. E acrescentou à despedida: «Nós sabemos as dificuldades que vocês têm. Mas podem contar connosco. Lá na rua é que vocês não hão-de ficar. Temos lá um palácio com mais de cinquenta quartos que ainda não ocupámos por não saber quem lá pôr. Pertence a um fascista. Se tiverem problemas vão ter com a gente e nós resolvemos tudo. Até têm salas para estudar». Os jovens estagiários aplaudiram. Entusiasmados e agradecidos.

A jovem, aquela que está em risco de ser posta na rua, apontava cuidadosamente a direcção da sede da comissão de ocupantes.

Isto e um dos muitos exemplos a que temos assistido. O seu nome? Solidariedade. Mas esta também é uma lição: os trabalhadores estão dispostos a ajudar todos aqueles que souberem colocar-se ao seu lado. É lógico: só assim as contas ficarão em dia...

F.M.

VOTO DE DESCONFIANÇA NO "SEXTO":

Pelos trabalhadores da C.U.F. e Técnicos de Desenho

«Repudiamosveementemente a conduta direitista do VI Governo, ao qual expressamos novamente um voto de total desconfiança» — afirma num comunicado a Comissão Coordenadora Intercomissões de trabalhadores do Grupo CUF.

Reunida extraordinariamente, a Comissão Coordenadora elaborou um comunicado de análise da actual situação política.

«Dado que o VI Governo desrespeita as classes trabalhadoras, que diz defender, desrespeitando-se a si mesmo ao emitir continuamente decisões claramente repressivas, contrárias aos interesses dos mesmos trabalhadores.

Dado que alguns órgãos de Informação têm vindo impunemente a corroer a opinião pública com atitudes perfeitamente contra-revolucionárias, perante a passividade do Ministro Almeida Santos e do Secretário de Estado da Informação, Ferreira da Cunha, como um conhecido fascista.

Dado que estas decisões e atitudes estão a dar origem a agressões bárbaras por parte das forças repressivas — P. S. P. e G. N. R. — que recordam as actuações nazis do regime de Salazar-caetanista, o VI Governo mais uma vez mostra claramente ser contra as classes trabalhadoras ao reprimir os trabalhadores dos Ministérios do Trabalho e da Comunicação Social», — a Comissão Coordenadora para além do voto de desconfiança no VI Governo, exige:

«A imediata demissão dos ministros do Trabalho e da Comunicação Social por alinhamento com forças de direita.

O desmantelamento e a reestruturação imediata das organizações repressivas — P. S. P. e G. N. R. — pondo-as definitivamente ao serviço da Revolução Socialista». Lembram mais uma vez «às forças militarizadas que estão a atraiçoar o Povo que as sustenta».

Trata-se de mais uma tomada de posição contra «a política direitista» do VI Governo.

Os trabalhadores estão descontentes. Os governantes respondem que «se pretende derrubar o VI Governo». Até agora já manifestaram claramente a sua desconfiança em relação ao actual Governo, os metalúrgicos, os rodoviários, os trabalhadores texteis, da construção civil, dos químicos, etc., etc.

OS TÉCNICOS DE DESENHO

Também os delegados sindicais dos Técnicos de Desenho da Zona Sul, reunidos em assembleia plenária, consideraram a «actual tentativa dos órgãos do Poder constituídos de esmagar a Revolução em Portugal, com a imposição de um regime social-democrata que perpetue a exploração e a opressão dos trabalhadores pelo grande capital nacional e estrangeiro».

Na sua análise à situação política, os delegados dos Técnicos de Desenho salitam a certa altura: «A multiplicidade dos casos de saneamento de homens revolucionários e progressistas de cargos onde vinham servindo a luta revolucionária da classe trabalhadora enquanto, por outro lado, se reintegram saneados e se promovem conservadores e contra-revolucionários.

A inquietante e perigosa actividade que forças reaccionárias e fascistas vêm impune e descaradamente desenvolvendo, através de atentados terroristas, ameaças e infiltrações em todos os escalões da organização militar e civil do Estado, perante a passividade, e nalguns casos evidente conivência dos órgãos do Poder Constituído».

Por tudo isto, os delegados dos técnicos de Desenho repudiam as «tentativas sociais-democratas de sufocar a Revolução, exigindo ao M. F. A. o cumprimento da linha revolucionária que conduzirá a Classe Trabalhadora ao Poder e à abolição da exploração e da actual sociedade de classes; exigem o fim dos saneamentos à esquerda, o avanço da Reforma Agrária, o combate decidido a todas as organizações fascistas e que o Governo reconheça o M. P. L. A. como o único e legítimo representante do Povo Angolano, entregando-lhe todos os poderes no próximo dia 11 de Novembro».

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SANTARÉM

TRAMAGAL

CONVOCATÓRIA

Há SOCIALISMO, quando os meios de produção estão nas mãos dos trabalhadores!

O **contrôle da produção** insere-se no processo revolucionário que vivemos, cuja finalidade é a sociedade socialista, onde não exista mais a exploração do homem pelo homem.

A economia, a produção, a gestão das empresas não mais serão estranhas aos trabalhadores, ao contrário do que o regime fascista nos queria fazer crer. A verdade é que nos era vedado tudo o que dizia respeito à vida da empresa, marginalizando os trabalhadores na discussão dos seus problemas. Só assim foi possível aos exploradores viverem na opulência, reprimindo os trabalhadores de cada vez que estes pretendiam pôr em causa os processos utilizados até 25 de Abril de 1974.

Neste momento, a burguesia, os reaccionários, os contra-revolucionários e conservadores em aliança com o imperialismo, tentam pôr em causa as conquistas dos operários e camponeses saneando à esquerda e conspirando às claras impunemente. É à classe operária e aos seus aliados que compete indicar o rumo do processo revolucionário. O contrôle organizado da produção é uma resposta revolucionária aos sabotadores capitalistas.

A Direcção convoca todas as Comissões de Trabalhadores/Delegados Sindicais do Distrito de Santarém para uma reunião a efectuar no pavilhão da INATEL, em Santarém, pelas 9.30 horas da manhã do dia 8 de Novembro de 1975 com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Análise da situação política.
2 — Análise da situação do sector.
3 — Contrôle organizado da produção.
4 — Informações.

— EM FRENTE PELO CONTRÔLE OPERÁRIO!
— EM FRENTE RUMO AO SOCIALISMO!
— OPERÁRIOS, CAMPONESES, SOLDADOS E MARINHEIROS UNIDOS VENCEREMOS!

Tramagal, 3 de Novembro de 1975.

A DIRECÇÃO

ANGARIAR DINHEIRO PARA A REFORMA AGRÁRIA

O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Norte cresce de vigor na defesa dos seus direitos e na consolidação da Reforma Agrária. Em luta, neste momento, pela legalização do seu organismo de classe, os trabalhadores agrícolas do Norte, recentemente organizados, dão mostras de que estão dispostos a avançar.

Em reunião efectuada em Aveleda, Penafiel, no sábado passado, os interessados naquele sindicato, decidiram enviar um telegrama ao ministro do Trabalho, manifestando-lhe a estranheza e descontentamento dos assalariados agrícolas por ainda não terem sido publicados os estatutos do respectivo sindicato.

Mais medidas foram decididas na reunião em referência: assim, foi aprovada a promoção e exigência por parte dos organismos responsáveis, no que respeita à fiscalização de quintas que não descontam para a Previdência, e o lançamento de uma vasta campanha de alerta entre os trabalhadores dos outros sectores para a questão da Reforma Agrária no Sul, e para a situação de esquecidos em que, no Norte, os assalariados agrícolas se encontram, assim como as dificuldades com que deparam ao organizar-se sindicalmente.

Para já, o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Norte, vai promover uma campanha de recolha de fundos, visando, entre outras coisas, «angariar dinheiro para a constituição de um fundo de solidariedade, destinado a fazer avançar a Reforma Agrária».

ITT CONTRA O SOCIALISMO

A ITT foi alvo, nos últimos dias, de moções aprovadas pelos trabalhadores do Sheraton, da Imprimarte e da Standard Electric, com o seguinte teor:

«1 — Denunciar a inoperância do poder político-militar na resolução do problema ITT; 2 — Que não é possível caminhar para a sociedade socialista, enquanto se permitir que a multinacional ITT vá sabotando o processo revolucionário; e 3 — Que os trabalhadores, na falta de uma resposta concreta a curto prazo se reservam no direito de encetar novas formas de luta.»

Destas moções, foi dado conhecimento ao Presidente da República, Primeiro-Ministro, Ministérios do Trabalho, da Indústria e dos Transportes e Comunicações, Conselho da Revolução e Secretaria de Estado do Turismo.

LUTAR POR 40 HORAS

A propósito do último sábado, que coincidiu com um feriado, as comissões de trabalhadores e de delegados sindicais de sete firmas de construção civil de Beja, emitiram um comunicado em que afirmam a decisão de trabalhar esta semana as cinco horas respeitantes ao sábado, para que assim não haja divisão entre os operários de Beja e os operários doutras frentes de trabalho.

Alerta-se, entretanto, para que quando haja feriado ao sábado, os operários se unam desde já e nessa semana só trabalhem oito horas por dia. E termina o comunicado:

«Alertamos todos os operários da Construção Civil para que a forma de evitar que isto volte a acontecer é unirmo-nos e lutar pelo horário das 40 horas semanais, haja ou não feriados ao sábado. Nós, operários, não temos medo do trabalho numa sociedade justa em que todos trabalhem para todos, e onde quem não trabalha não come. Mas esta sociedade capitalista em que o produto do nosso trabalho continua a encher os bolsos do patronato explorador, é nosso dever lutar pela diminuição do horário de trabalho.»

O PROBLEMA DOS RETORNADOS

Os trabalhadores da Companhia de Seguros «A Nacional», reunidos em plenário, para discutirem o problema dos retornados que «embora grave e verdadeiramente dramático, não deverá ser resolvido a nível sectorial, tanto que existem neste País cerca de 300 mil desempregados, cujo drama não é menor», decidiram que a resolução do problema dos retornados, profissionais de seguros, deverá depender da estabilização da situação em Angola, da definição política do actual Governo e da reestruturação da indústria dos seguros.

Nacional

"O SÉCULO"

LOPES CARDOSO NOMEADO PELA ADMINISTRAÇÃO

Francisco Lopes Cardoso, o operário-tipógrafo que tinha sido escolhido durante a última crise que chegou a paralisar as actividades da Sociedade Nacional de Tipografia — «O Século», para director-interino deste diário, foi confirmado no cargo pela administração da empresa, ao princípio da madrugada, de hoje. De resto, o nome obteve, já o consenso maioritário dos trabalhadores da S. N. T., «não só expresso em reunião de trabalhadores, por aclamação, como ainda suportado num abaixo-assinado que atinge já neste momento, 390 assinaturas, segundo pode ler-se num comunicado da administração.

Esta nomeação por parte dos órgãos de gestão da empresa proprietária de «O Século», vem na sequência de uma reunião que convocou com todos os trabalhadores, «dada a situação de impasse verificada relativamente ao normal funcionamento de todos os sectores da S. N. T. e devido ao agravamento que a mesma provoca em relação à subsistência dos trabalhadores e à viabilidade da própria empresa». Assim, de acordo com o comunicado citado, a decisão foi tomada «após a realização dessa reunião, em que a administração pôde auscultar o consenso dos trabalhadores relativamente a questões fundamentais da S. N. T.».

A administração da empresa tinha divulgado, anteriormente, um comunicado, declarando que «não pode considerar qualquer suspensão ou saneamento efectivados à margem do processo regular de que os trabalhadores dispõem para o efeito».

À reunião ontem efectuada no salão de festas de «O Século», «não compareceram diversos elementos afectos ao grupo ocupante da sucursal de «O Século», no Rossio.

Entretanto, as instalações do matutino, existentes no Rossio, continuam ocupadas pelos «trabalhadores em luta pela aplicação do referendo», como se autodenominam.

Quanto aos trabalhadores da delegação no Porto, de «O Século», não são conhecidas em pormenor quaisquer tomadas de posição, mas sabe-se que é aceite o nome de Francisco Lopes Cardoso, no cargo para que foi escolhido, segundo informações que recolhemos esta manhã.

O M.E.S. E «O SÉCULO»

O Secretariado da Organização Regional de Lisboa, do Movimento de Esquerda Socialista, toma num comunicado posto a circular, posição sobre o caso de «O Século», em que afirma a determinada altura que «a luta dos trabalhadores de «O Século» pela conquista de uma informação revolucionária é a mesma que os trabalhadores do M. C. S. estão a travar contra o fascista Ferreira da Cunha colocado naquele Ministério ao serviço das manobras do Governo burguês de ataque aos órgãos de Informação progressistas».

Depois de referir a actuação do VI Governo e particularmente o que considera chantagens do ministro Almeida Santos, o Movimento de Esquerda Socialista afirma a dado passo sobre a luta de «O Século»: «Articulada claramente com a actuação do Ministério da Comunicação Social, a tradicional coligação P. S.-M.R.P.P. — outros reaccionários e fascistas encetaram no jornal «O Século» uma ofensiva que visava o controlo do jornal, aproveitando os erros da anterior direcção e mobilizando os trabalhadores da base de um referendo ambíguo e manipulado».

E mais à frente: «Identificada e derrotada, a coligação reaccionária passou a utilizar uma nova táctica — uma táctica que visava provocar uma situação de confronto e de impasse que justificasse a intervenção do Ministério da Comunicação Social, que logo actuaria solicito no encerramento do jornal, na nomeação de novos directores reaccionários, etc. É assim que surgem as sabotagens às máquinas do jornal as tentativas de impedir a saída do jornal através de elementos exteriores e as manifestações visando a ocupação da empresa por métodos violentos».

DIRECÇÃO-GERAL DE PREÇOS

32 FUNCIONÁRIOS EM CAUSA POR DESPACHO DE MAGALHÃES MOTA

A regularização da situação de vários funcionários da Direcção-Geral de Preços, que tem decorrido de forma anómala e põe mesmo em risco o emprego de 32 trabalhadores, é motivo de um comunicado distribuído aos órgãos da informação, com o seguinte teor:

«1 — Em virtude de atrasos sucessivos na aprovação do quadro da Direcção-Geral de Preços e em alterações de pormenor da sua lei orgânica, alguns trabalhadores desta Direcção-Geral não foram ainda providos nos respectivos lugares, apesar de se encontrarem ao seu serviço efectivo há vários meses, legalmente autorizados por despachos de membros de Governos anteriores.

«2 — Em despacho do actual ministro do Comércio Interno, dr. Magalhães Mota, datado de 28.10.75, foi posta em causa a continuidade de trabalho de 32 pessoas alegando-se a existência de irregularidades na sua admissão e sugerindo-se encobertamente a responsabilidade da Direcção deste organismo na situação em causa, procurando deste modo criar divisionismos.

«3 — Os trabalhadores da D. G. P. repudiam firme e unanimemente o despacho do ministro do Comércio Interno, uma vez que o processo de admissão foi efectuado tendo em consideração todos os trâmites legalmente possíveis e sancionados pelos Governos anteriores.

«Por isso, reunidos em plenário, aprovaram, por unanimidade, uma proposta que enviaram ao ministro do Comércio Interno dando o prazo de uma semana para a resolução definitiva do problema, prazo esse que expirou em 5-11-1975, sem qualquer resposta.

«4 — Como interpretar esta actuação e outras semelhantes dentro do mesmo Ministério e outros Ministérios?

« — Que pretende o ministro com uma actuação dete tipo relativamente à D. G. P.?

« — Será que os trabalhadores da Função Pública não têm os mesmos direitos, que todos os outros trabalhadores portugueses, de verem garantido o trabalho nos postos que ocupam há seis meses e mais?

« — Como se compreende que um Governo não assuma as responsabilidades contraídas perante os trabalhadores pelos seus antecessores?

« — Será que o controlo dos preços e da inflação já não deve ser como arma na defesa da qualidade da vida do Povo Português?

« — Os trabalhadores da D. G. P. alertam para este tipo de actuacões e advertem que se mantêm firmemente dispostos a prosseguir as formas de luta que entenderem mais adequadas, caso não se proceda à integração imediata dos seus colegas de trabalho.»

EMIGRAÇÃO

A INTERSINDICAL AVISTOU-SE COM O SECRETÁRIO DE ESTADO

A Intersindical Nacional tem vindo a debruçar-se com a máxima atenção sobre os graves problemas que afectam os camaradas trabalhadores portugueses emigrados. Nesse sentido entendeu o Secretariado da Intersindical solicitar uma reunião com o secretário de Estado da Emigração que se veio a efectuar no passado dia 5 de Novembro.

Durante o encontro fez o Secretariado da Intersindical uma exposição dos problemas mais urgentes dos nossos compatriotas emigrantes e acentuou a necessidade dos mesmos virem a ser contemplados quando da próxima renovação dos acordos de emigração entre os Governos de Portugal e de França.

Entre os problemas abordados, salientamos:

— Problemas de habitação e alojamento das inúmeras famílias vivendo em péssimas condições;

— O problema do ensino da lingua portuguesa aos filhos dos emigrantes;

— O problema da saúde e das condições de trabalho sobretudo em sectores que, como o da construção, têm um índice de acidentes extraordinariamente elevado.

— O problema da formação profissional efectiva para os novos compatriotas.

— O problema dos abonos de família e as dificuldades e as injustiças que subsistem nesta matéria.

— O problema dos jovens emigrantes em idade de serviço militar e a maneira de solucionar este problema, tendo em conta a situação própria aos emigrantes.

— A legalização de sectores ainda clandestinos.

— O problema do racismo com todas as implicações que ele tem para a estabilidade do trabalhador emigrante que nos países onde trabalha cria riquezas e ajuda ao progresso desses mesmos países.

— A exigência firme por parte do Governo francês e não só, no que respeita ao não repatriamento dos trabalhadores emigrados por motivos da crise económica de que de maneira nenhuma são responsáveis.

— A supressão das desigualdades de direitos e deveres entre trabalhadores portugueses e os naturais dos países onde trabalham.

— O saneamento efectivo dos Consulados e Embaixadas, saneamento controlado pelos emigrantes e suas associações democráticas verdadeiramente representativas.

O secretário de Estado de Emigração comprometeu-se a que os referidos acordos não seriam negociados entre os Governos sem os trabalhadores participarem amplamente na sua discussão.

O Secretariado da Intersindical Nacional procurará por todos os meios que os interesses dos trabalhadores emigrantes sejam respeitados, aliás de acordo com a comunicação destes nossos camaradas no Congresso dos Sindicatos realizado no passado mês de Julho.

INTERCOMISSÕES DE SOLDADOS E MARINHEIROS

A Intercomissões de Soldados e Marinheiros reuniu-se ontem ao fim da tarde no Depósito Geral de Adidos para discutir a proposta de organização interna do Secretariado Provisório e planificar uma campanha de luta antifascista e anti-imperialista, a lançar em conjunto com as comissões de trabalhadores e moradores.

Como ponto prévio da ordem de trabalho foi tratada a questão da inclusão dos deficientes das Forças Armadas, tendo sido aprovada uma proposta a estabelecer que uma futura comissão autonoma de praças da A. D. F. A. dê entrada na organização apenas com o estatuto de observador com direito à palavra.

Participaram nos trabalhos delegados das comissões de soldados e marinheiros de diversas unidades e destacamentos das quatro Regiões Militares do Continente, destacando-se, entre outras, as do Copcon, E. P. S. M., R. I. A., D. G. A., E. P. E., B. A. 11, R. A. M., Ralis, B. R. T., R. I. S., R. I. O. Q. e R. E. 1.

UNIÃO DOS SINDICATOS DE SETÚBAL PELAS UNIDADES

No último plenário da União dos Sindicatos do Distrito de Setúbal, foi aprovada uma moção em que se denunciavam «os esforços do Governo, de fazer pagar aos trabalhadores a crise económica provocada pelo capitalismo nacional e internacional», prevenindo o Governo de que os sindicatos reagirão «com os meios necessários, contra as medidas económicas que sujeitem, de novo, o povo trabalhador à miséria e exploração».

Noutra moção, assinala-se que «existem numerosos indícios de que a reacção latifundiária acredita na recuperação para o seu proveito do sistema governativo» e 1u3 «urge aclarar definitivamente de que lado está o Governo, se com a Reforma Agrária pelo socialismo, se contra a Reforma Agrária pelo fascismo».

Na mesma moção foi deliberado exigir de imediato «a concessão de crédito às cooperativas colectivas e pequenos agricultores para aquisição de maquinaria e instalação de unidades colectivas de produção, dispondo para este efeito o Governo de quatro milhões de contos que não foram utilizados no crédito de emergência: o reconhecimento das unidades colectivas de produção e a imediata expropriação dos latifundiários com a redistribuição da terra aos trabalhadores agrícolas e a pequenos agricultores; e a tomada de medidas concretas par parte do Governo contra a sabotagem dos latifundiários e contra as forças politicas que atentam contra a Reforma Agrária e contra a unidade do povo rural».

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CERÂMICA, CIMENTOS E SIMILARES DOS DISTRITOS DE LISBOA, SANTARÉM E PORTALEGRE

MOÇÃO — Aprovada em reunião de Directores e Delegados Sindicais do Sindicato de Cerâmica, Cimentos e Similares no dia 5 de Novembro de 75.

Apoiamos incondicionalmente a luta da maioria dos trabalhadores da SANIMAR.

A luta destes trabalhadores é a de todos nós.

Há que eliminar das Gerências das fábricas e de todos os meios de produção, os sabotadores da economia, as sanguessugas, os parasitas, que tudo fazem para explorar e dividir os trabalhadores.

Unidos não permitiremos que o façam.

Viva a luta de todos os trabalhadores que tem por objectivo a construção do socialismo, de uma sociedade sem classes.

VIVA A LUTA DOS TRABALHADORES DA SANIMAR.

UNIDOS VENCEREMOS.

Lisboa, 6 de Novembro de 1975.

A DIRECÇÃO,

Manuel Augusto de Matos

PROFESSORES DE HISTÓRIA

O Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa, tendo em conta a necessidade de pessoal docente para assegurar o funcionamento do curso, aceita curricula de candidatos a professores dos seguintes temas:

- História Económica e Social
- Epistemologia das Ciências Sociais
- Introdução ao Estudo do Portugal Contemporâneo
- Introdução à História Metodologia e Crítica

a fim de serem apreciados pelo Conselho Pedagógico deste Departamento com vista à apresentação de proposta oficial.

Pel'O CONSELHO PEDAGÓGICO E CIENTÍFICO

Helena Barata Moura

(B. I. n.º 1308816 de Lisboa)

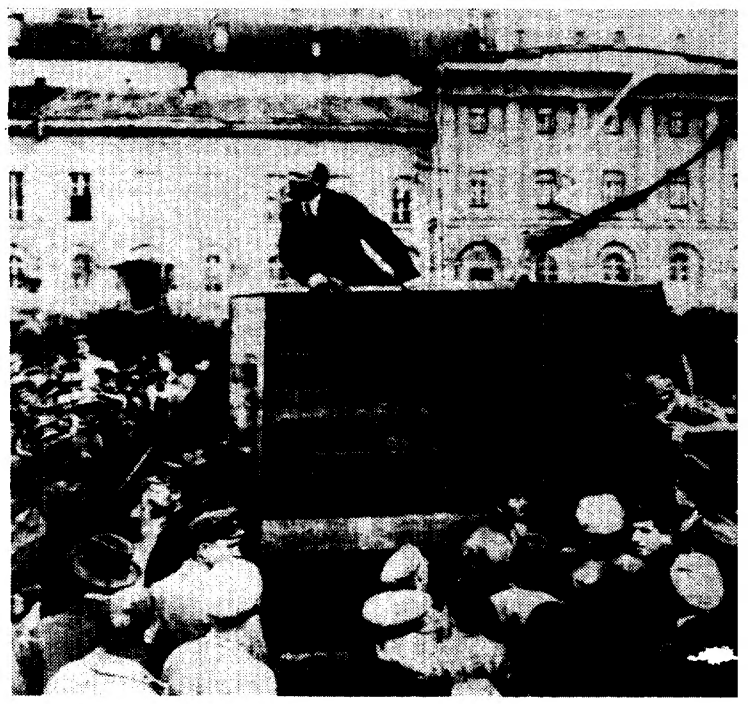
Geral

58.º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA

Comemora-se hoje o 58.º aniversário da Grande Revolução de Outubro. Acontecimento decisivo da História, que assinala o começo de uma nova era: a da marcha inexorável para o socialismo. Com base nos ensinamentos de Marx e Engels, adequando-os correctamente às condições históricas da sociedade e do proletariado russo, Lenine e o Partido Comunista (bolchevista) souberam conduzir as massas russas à conquista e consolidação do poder. Sobre as ruínas de um país destroçado pela guerra imperialista de 1914-1918, devastado pela guerra civil, espezinhado pela intervenção estrangeira o povo russo edificou uma sociedade nova, de onde foram varridas para sempre a fome, a miséria, o desemprego, a degradação humana. O formidável progresso que a revolução tornou possível transformou a URSS num dos países mais ricos e mais poderosos do mundo. O colapso do nazi-fascismo, para o qual contribuiu decisivamente o sacrifício heróico do povo russo, que derrotou o invasor alemão e o agressor japonês, alargou consideravelmente as fronteiras do campo socialista. A partir de então, a URSS deixou de ser o único Estado proletário, rodeado por Estados capitalistas. A comunidade socialista vai-se alargando progressivamente, alastrando por novos países, lançando os seus frutos sobre um número crescente de populações. O cerco ao mundo capitalista e ao imperialismo vai-se estreitando cada vez mais. A URSS e os demais países do campo socialista são hoje os aliados poderosos dos povos em luta contra o imperialismo. A revolução cubana teria soçobrado sem o auxílio dos países socialistas. O mundo estaria condenado a uma guerra de extermínio, se as forças agressivas não encontrasse pela frente o poderio da comunidade socialista. Tudo isso se tornou possível, quando, há precisamente 58 anos, o proletariado russo derrubou o Estado burguês e encetou a marcha vitoriosa para a construção do socialismo.

COMO FOI ORGANIZAI A GESTÃO DAS EMPR NACIONALIZADAS

V. BORODIN
EXCLUSIVO
"NOVOSTI"—DL



A guerra civil na Rússia (1918-1920). Lenine discursa na Praça Su que se dirigem para a frente

. Depois da conquista do poder político e da nacionalização da propriedade burguesa, a classe operária da jovem República Soviética teve que resolver um problema económico de grande importância — organizar a gestão das empresas nacionalizadas, numa base económica socialista.

Foram muitas as dificuldades (umas com origem na decadência geral da economia nacional em consequência da primeira guerra imperialista e da guerra civil, outras criadas pela actividade contra-revolucionária de uma parte dos técnicos burgueses) que surgiram ao longo do processo de resolução deste problema.

O primeiro passo rumo à instalação de uma nova administração nas empresas nacionalizadas foi a formação de órgãos de gestão dirigidos pelos operários, mas que incluiam também técnicos e funcionários da velha administração que estavam com o processo revolucionário. Mais tarde, o governo soviético aprovou uma lei nos termos da qual foram criadas com base nesses órgãos as novas administrações das empresas e se formulavam, simultaneamente, os seus direitos e obrigações. Era a seguinte a composição dessas administrações: dois terços dos seus membros eram nomeados pelo órgão económico imediatamente superior, e os restantes eleitos pelos operários em assembleias sindicais. Via de regra, um terço dos membros da direcção eram técnicos e economistas.

A instalação das novas direcções teve lugar em condições difíceis. Cometeram-se graves erros, devido umas vezes, à má compreensão e, outras à deturpação consciente da essência da nacionalização socialista. Assim, por exemplo, alguns membros das direcções faziam o seguinte raciocínio: se a nacionalização socialista e a transferência dos meios de produção para as mãos do povo, então isso significa, na prática, o reconhecimento do direito dos trabalhadores a disporem livremente dos bens produzidos na empresa em que trabalham... Cometeram-se, nesta base, algumas empresas actos ilegais: uma parte da produção foi distribuída em espécie, entre os operários como quota regular, e algumas direcções recusaram-se a obedecer as ordens dos órgãos económicos estatais superiores.

Abusos ainda maiores foram cometidos nas empresas, cujos patrões e administração afirmavam estarem dispostos a cumprir todas as ordens do Estado Soviético, mas que, na prática, realizavam por todos os meios uma política de sabotagem.

Em resposta, o poder soviético tomou medidas urgentes e decididas. Para evitar acções ilegais por parte de algumas direcções e reprimir a sabotagem praticada pela velha administração de outros o governo Soviético nomeou representantes especiais nas empresas, designados na altura «comissários extraordinários».

Nomeados pelo Presidium do Conselho Superior da Economia Nacional (CSEN), os «comissários extraordinários» tinham por missão combater a sabotagem, determinar e eliminar as razões da difícil situação financeira da emprea e desempenhar ainda outras funções. Para resolver questões económicas concretas, foram instalados junto do comissário extraordinário órgãos auxiliares: conselhos de abastecimento de material e financeiro de aumento da produtividade do trabalho, etc. Os comissários possuíam largos poderes podiam, por exemplo, demitir qualquer trabalhador da empresa que se recusasse a cumprir uma ordem sua. Não chegou a existir legislação que estabelecesse quais os seus direitos e obrigações, os quais dependiam sempre da situação concreta existente numa dada empresa, no conjunto a instituição dos comissários extraordinários desempenhou um grande papel na organização da indústria soviética. Logo que o funcionamento das empresas nacionalizadas se normalizou, essa instituição foi revogada.

Mas difíceis condições dos primeiros anos de existência do Estado Soviético, a nomeação dos comissários extraordinários foi uma medida imprescindível, embora temporária. Foi essa a resposta do proletariado à exacerbação da luta de classes no processo da nacionalização da propriedade privada, uma medida prática para acabar com a ruína económica e implantar uma economia socialista.

Quando da elaboração de medidas concretas com vista a organizar a produção, foi debatido amplamente que tipo de gestão seria mais conveniente para a economia socialista — uma direcção individual ou colectiva? Nos primeiros tempos, dominou a direcção colectiva, contudo em breve se verificou, que essa forma de gestão tem um sério defeito — a inexistência de responsabilidade pessoal por um concreto sector de actividade. Problema da forma de direcção tornou-se, assim, de novo objecto de agudos debates entre os especialistas da economia. Uns diziam que no seio dos operários muito poucas pessoas havia que conseguissem dirigir eficazmente a produção. Outros, esquecendo a diferença de princípios que existe entre os sistemas socialista e capitalista qualificaram a direcção individual como um retorno às velhas formas de administração que davam ao director a possibilidade de praticar arbitrariedades e contrapor os seus interesses pessoais aos da colectividade. Entretanto esta posição não recebeu apoio. A própria vida veio porém demonstrar a necessidade de se adoptar a direcção individualizada. Em 1920 ela foi implantada nas oficinas; nas secções sem fábricas inteiras.

FORMAS DE TRANSIÇÃO

No caminho da passagem à direcção individualizada apareceram, entretanto, formas transitórias de direcção.

Assim, por exemplo, se um operário era nomeado director de uma empresa, ele tinha obrigatoriamente um engenheiro como conselheiro técnico adjunto.

Para construir a economia socialista era necessário não apenas o entusiasmo revolucionário do povo liberto mas também conhecimentos especializados. Era pois imprescindível a integração na produção dos engenheiros e técnicos burgueses nas empresas nacionalizadas. Logo depois das nacionalizações, o governo soviético propôs aos engenheiros e funcionários burgueses que continuassem a trabalhar nas empresas agora pertencentes ao Estado Soviético. Muitos deles, porém rejeitaram essa proposta e encetaram pelo caminho da sabotagem. Os sentimentos anti-soviéticos dos especialistas burgueses, sobretudo aos primeiros meses que se seguiram à revolução de Outubro, provocaram nos operários uma falta de confiança nos engenheiros, técnicos e empregados bancários. Nalgumas empresas eles foram pura e simplesmente expulsos.

V. I. Lenine assinalou por diversas vezes a necessidade de se utilizarem os especialistas burgueses no interesse da construção do socialismo: «Sem a direcção de experientes especialistas das diferentes esferas, no conhecimento e da técnica, é impossível a passagem ao socialismo, pois o socialismo exige um avanço consciente e maciço, rumo a uma superior produtividade do trabalho».

A própria vida convenceu os operários de que era essa a atitude correcta. Um exemplo: os operários do complexo fabril de Kolpma Sormovo decidiram formar uma direcção sem os especialistas. Todavia, mal iniciaram o trabalho, aperceberam de que era impossível organizar a produção sem especialistas. Por isso a partir dessa altura, incluíram sempre na direcção da empresa, pelo menos dois especialistas com conhecimentos técnicos e comerciais.

Nessa etapa difícil e de grande responsabilidade, o Governo soviético tomou medidas

SAUDADA EM MOSCOVO A VITÓRIA DO POVO PORTUGUÊS

MOSCOVO, 7 — (F. P.) — A U. R. S. S. está decidida a favorecer «novos progressos» nas negociações sovieto-americanas sobre a limitação das armas nucleares estratégicas (S. A. L. T.) — declarou, ontem o decano da comissão política do P. C. Soviético, Arvid Pelche.

No discurso que pronunciou no Kremlin, por ocasião do 58.º aniversário da Revolução de Outubro, Pelche salientou, com efeito. «O Estado soviético visará também no futuro a obtenção de novos progressos nas negociações sobre a redução das forças e das armas na Europa Central, e nas negociações sovieto-americanas relativas à assinatura de um novo acordo a longo prazo sobre a limitação das armas nucleares estratégicas».

Referindo-se à Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (C. S. C. E.), Arvid Pelche acentuou: «Hoje, o importante é que se ponham em prática os acordos assinados em Helsínquia».

Pelche avaliou «positivamente» o balanço da recente viagem à U. R. S. S. do presidente francês, Giscard d'Estaing, e salientou que, «no seu conjunto», as relações da U. R. S. S. com a R. F. A., Grã-Bretanha, Itália e Japão evoluem «de forma positiva». Pelche não citou os Estados Unidos, nesta passagem do discurso.

Pelche saudou também «a vitória do povo português sobre o fascismo» e condenou a ingerência estrangeira nos assuntos internos de Portugal.

Referindo-se à «direcção maoísta da China», que levanta obstáculos «ao caminho para a paz, o desanuviamento e o processo social», o orador salientou: «A direcção maoísta não conseguirá nunca alterar o curso do desenvolvimento internacional. Mas não se pode ignorar o prejuízo que a política de grande potência dos maoístas infringe à causa do socialismo e ao próprio povo chinês».

Ao mesmo tempo, Pelche reafirmou a vontade da U. R. S. S. de «normalizar as relações sovieto-chinesas».

«No entanto» — acrescentou — «rejeitaremos energicamente todos os atentados contra os interesses da nossa pátria e dos nossos amigos».

A U. R. S. S. disse que está «decidida» a contribuir para a instauração de uma paz justa e duradoura no Médio Oriente, através da retirada das forças israelitas de todos os territórios ocupados em 1967 e do estabelecimento dos legítimos direitos do povo árabe da Palestina.

Pelche denunciou ainda «o imperialismo ocidental», que «critica a U. R. S. S. a propósito dos Direitos do Homem».

«Os direitos do Homem na U. R. S. S. são absolutamente reais e actuais. São garantidos pela ordem socialista e por um autêntico poder popular».

O decano da comissão política acrescentou que a conferência dos partidos comunistas europeus está a ser preparada e que as acções comuns dos partidos irmãos ampliavam o papel desempenhado pelo movimento comunista no processo revolucionário mundial.

Abordando o domínio da Agricultura, Pelche disse que os objectivos do plano quinquenal tinham sido ultrapassados no que se refere à carne, aves de capoeira, aos ovos e à lã. Quanto aos cereais, a «colheita média» ultrapassou a do plano anterior, mas o desenvolvimento da produção deparou com condições difíceis, dado que a natureza submeteu os agricultores a «duras provas», por várias vezes — conclui Pelche.

RECEPÇÃO EM PEQUIM

PEQUIM, 7 — (F. P.) — Num momento em que a China redobra os seus ataques contra a União Soviética, o embaixador

58.º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA

DA
ESAS

urdlov em Moscovo às tropas

com vista a formar novos quadros. Assim, os operários com maiores conhecimentos passaram a frequentar cursos técnico-administrativos, pouco a pouco, foi crescendo no país uma nova «inteligentsia» técnica, com raízes na classe operária e inteiramente dedicada à revolução. O problema da falta de quadros foi-se tornando cada vez menos agudo.

A União Soviética conseguiu, deste modo, pela primeira vez na história, apesar de inúmeras dificuldades, organizar a direcção das empresas nacionalizadas. Este êxito ficou-se a dever, antes de mais, à actividade dos próprios trabalhadores que se sentiam os verdadeiros donos das empresas e fábricas e, em segundo lugar, a actividade organizativa do Partido e do Governo soviéticos que guiaram na direcção necessária e, simultaneamente, com flexibilidade, a iniciativa criadora das massas populares.

---

da U. R. S. S. em Pequim, Vassili Tolstikov, ofereceu uma recepção, ontem à noite, por ocasião do 58.º aniversário da revolução de Outubro.

Entre as personalidades chinesas que responderam ao convite do embaixador, notava-se a presença de Yu Chan, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, e de Chien Tse, vice-ministro do Comércio Externo.

A recepção reuniu cerca de mil pessoas nos salões da Embaixada soviética, situada no número um da Rua do Anti-Revisionismo, denominação que lhe foi atribuída quando da Revolução Cultural.

CORRESPONDÊNCIA DE MOSCOVO

Por VLADIMIR LOMEIKO

. Nasci e fui criado no socialismo, da mesma forma que oitenta e cinco em cada cem cidadãos que vivem hoje na URSS. Para mim, o regime socialista é tão familiar e caro como a Pátria, o lar paterno e a família. Este meu sentimento não diminuiu nem mesmo depois de ter viajado pelo mundo fora e conhecido a vida de gentes de outros países do Ocidente. Pelo contrário, depois do meu contacto com outros países e pessoas, muitos aspectos da nossa vida quotidiana tornaram-se ainda mais queridos para mim.

Não quero impor as minhas simpatias a ninguém. Tentarei apenas responder à pergunta: o que foi que nos deu a revolução e porque é que somos pelo socialismo?

. Quando nasci, a minha mãe não teve de se atormentar com a ideia de que o seu filho passaria necessidades. Apesar da nossa família ter um orçamento modesto, não nos sentíamos rebaixados socialmente. Éramos iguais às pessoas que nos cercavam — iguais em direitos e prosperidade. Quando o meu avô contava que na Rússia, antes da revolução, existia uma escala social com categorias e privilégios, isso era para mim algo de irreal e incompreensível. Mas as minhas recordações a esse respeito vieram muito mais tarde a ganhar um conteúdo concreto, quando estive nos bairros-da-lata e nas vivendas das cidades da Europa Ocidental.

Foi aí também que deparei, pela primeira vez, com o conceito de «jovem sem instrução» pois, no nosso país, todas as crianças estudam, mesmo nas alturas mais difíceis, como aconteceu durante a guerra. Eu entrei para a escola no dia 1 de Setembro de 1942, quando os alemães se aproximavam de Estalinegrado e na Europa eram poucas as pessoas que duvidavam que a Rússia socialista não tinha os seus dias contados. O nosso exército via-se obrigado a recuar, combatendo, mas as crianças iam todas à escola. Aos jovens que substituíam os seus pais nas fábricas eram criadas todas as condições para que pudessem estudar em escolas nocturnas. Mesmo na época mais dura da guerra e no após-guerra, todas as organizações sociais procuravam fazer voltar à escola os jovens que a haviam abandonado. No nosso país, até há pouco tempo, havia oito anos de escolaridade obrigatória. Actualmente, efectua-se uma fase de transição, finda a qual a obrigatoriedade passará a ser de dez anos.

Há quem possa perguntar: o socialismo resolveu então todos os problemas relativos ao ensino? É certo que não; temos ainda problemas estudantis, pois são muitos os jovens que querem adquirir instrução superior.

O ano passado, concluiram o 10.º ano da escola secundária 3.400.000 jovens. Nas universidades e institutos foram admitidos 943 000 estudantes (1 em cada 3 candidatos), ou seja, aqueles que passaram no exame de concurso. A selecção é feita apenas segundo os conhecimentos. Abre-se, porém, uma excepção para os candidatos que sejam operários jovens ou soldados, excepção essa que consiste numa margem de condescendência de 2, 3 valores na classificação das provas. Na minha opinião, esta desigualdade é justa pois aqueles que passaram dois ou três anos a trabalhar ou a servir no exército já deram a sua contribuição à sociedade e, como é natural, é-lhes mais difícil conservar os seus conhecimentos tão frescos como os recém-formados.

O desejo de estudar é, no nosso país, quase uma característica nacional. Mas convém notar que essa característica só se revelou depois da revolução, porque, até aí, nas cento e tantas nações e nacionalidades que formam o nosso país, 71,6 por cento da população era analfabeta e somente 196 mil pessoas possuíam instrução superior. Em 1939 conseguimos liquidar o analfabetismo. E actualmente, na URSS, há mais de onze milhões de pessoas com instrução superior e, em cada mil habitantes economicamente activos, 84 têm instrução superior e 667 têm instrução secundária. Na URSS, uma em cada três pessoas frequenta um estabelecimento de ensino.

Porém, embora se atribua tanta importância ao estudo, é o trabalho que na vida de cada cidadão desempenha o papel mais importante. Existem problemas de trabalho? Claro que sim. À escala estatal, o problema principal talvez seja a falta de mão-de-obra que se verifica numa série de regiões do país e ramos da indústria. Com uma taxa anual de aumento do produto global de 6,5 por cento e com a construção de uma média de quatrocentas empresas por ano, é natural que se verifique, em algumas regiões, a falta de operários nas mais diversas especialidades. Hoje em dia, 92 por cento da população apta para o trabalho participa na produção. Os recursos de mão-de-obra estão praticamente esgotados.

No aspecto individual, não foi ainda totalmente resolvido o problema da escolha da profissão preferida. Mas, em geral, estamos acostumados ao facto de que se pode escolher a ocupação que mais convém e raramente pensamos no grande bem que é a garantia material do direito ao trabalho. Às vezes, uma ou outra circunstância obriga-nos a parar e a pensar. Certa vez, em casa de uns amigos, um dos convidados disse alegremente: «Imagina que o meu filho teve uma nota baixa na escola... não soube explicar ao certo o que é um desempregado!...». Olhei para o pai do infeliz e compreendi por que razão ele, em vez de ficar aborrecido com a falta de conhecimentos do filho, estava até alegre.

NÃO TEMER O FUTURO

Os meus conhecidos que vivem no Ocidente nunca perdem ocasião de se gabarem das coisas que não viram no nosso país como, por exemplo, uma minipiscina, mas é muito raro falarem com a mesma convicção dos seus planos para o futuro.

Muitas vezes, os meus conhecidos estrangeiros confessam que o que mais os impressiona na União Soviética é que as pessoas, ao compartilharem com eles as suas tristezas ou alegrias, nunca temem o futuro. Nem mesmo as pessoas de saúde fraca ou sem economias. Sim, porque no nosso país também existem pessoas assim, embora as economias pessoais nas caixas económicas atinjam a soma de 72 biliões de rublos.

O socialismo deu-nos confiança no dia de amanhã. Ninguém pode privar-nos do direito ao trabalho, a não ser por doença ou acidente. E, neste caso, a sociedade vem em nosso auxílio, sendo o Estado obrigado a tratar gratuitamente os doentes e a sustentar os inválidos.

No socialismo, a sociedade preocupa-se com o destino de todos os cidadãos, entre os quais não há pobres nem privilegiados. E este facto gera em cada um de nós o sentimento de sermos coparticipantes na construção da sociedade socialista. Não existe alienação nas relações entre a pessoa e o Estado, pois o nosso Estado socialista somos nós. Eis a razão por que um soviético, seja ele miliciano, director de fábrica, ou operário, camponês ou estudante, se depara com casos de violação das leis na produção dá o alerta, intervém em comícios, na Imprensa, ou se dirige ao próprio Governo. A democracia socialista consiste na participação de todo o povo na direcção do Estado. E as formas dessa participação são as mais diversas, desde comissões de controlo popular à escolha de deputados para o Parlamento. Os nossos deputados são obrigados a prestar contas do seu trabalho aos eleitores e, caso não cumpram os compromissos assumidos, podem a todo o tempo ser demitidos.

O socialismo prolongou-nos a vida, no sentido real da palavra e deu aos trabalhadores a dignidade humana.

A duração média da vida na Rússia czarista era de trinta e dois anos (segundo dados estatísticos de 1896-1897). Actualmente é, na URSS, de 70 anos. E o importante não é o facto de a nossa vida se ter prolongado para o dobro mas sim o facto de que, para a maioria, a vida adquiriu sentido e tornou-se justa.

Se nos lembrarmos de que os mujiques barbudos marchavam ao assalto da autocracia sob o lema «Paz e Pão», poderemos compreender quais eram as necessidades vitais desta gente. Queriam sobreviver e não passar fome. Eram exigências humanas primárias. Eram as suas únicas aspirações. Saber ler e escrever já era, para eles, privilégio de eleitos. As próprias épicas populares de então reflectiam a sede de justiça do povo e o seu tema principal era a verdade.

Se hoje, no teatro Bolshoi, uma camponesa assiste a um «ballet» ao lado de um académico que saiu da mesma aldeia, isso não causa surpresa a ninguém. Ficamos irritados quando não podemos conseguir duas entradas para uma estreia no teatro ou para uma exposição de pintura. Escrevemos para o jornal, a reclamar, se sabemos que alguém recebeu um apartamento antes de chegar a sua vez. Depois de se despedirem dos seus filhos em idade escolar que partem para colónias infantis patrocinadas pelas fábricas, os pais viajam também da Sibéria ou do extremo-Oriente rumo ao litoral do Mar Negro, onde passam 24 dias de férias pagando aproximadamente 30 por cento do seu salário, sendo o resto pago pelo sindicato. E ninguém pensará em perguntar por quanto saiu a viagem, podendo quando muito perguntar como correram as férias. Se um operário for demitido por se ter manifestado contra as falhas existentes na produção, o sindicato e a própria Imprensa intervêm a seu favor e, por decisão do tribunal, será readmitido no trabalho, sendo-lhe pago por inteiro o salário correspondente ao tempo em que esteve afastado, mediante desconto do ordenado do director que assinou a ordem ilegal de demissão.

Está neste momento a ser exibido na URSS o filme «O Prémio» que conta o caso de uma equipa de operários da construção que se recusaram a receber um prémio porque, na sua opinião, lhes fora injustamente conferido devido à má organização do trabalho na empresa. O facto de ser difícil encontrar entradas para este filme, dada a ampla repercussão que teve em todo o país, indica que não só pessoas individualmente consideradas mas também milhões de trabalhadores têm uma atitude de grande responsabilidade para com o trabalho.

Seria ingénuo afirmar que resolvemos o problema da formação do homem povo, perfeito no pensamento e nas acções. Mas o próprio facto deste problema estar a tentar ser resolvido pela primeira vez na História da Civilização Humana e de, em duas ou três gerações, se poder já ver brotar uma nova atitude para com o trabalho, os valores vitais e a moral, fala a favor da nova formação social.

Quando em outros países se admiram como conseguimos vencer o fascismo que dominou quase toda a Europa, como pudémos reconstruir o país exangue e atingir o nível dos Estados Unidos, esquecem o factor principal: o trabalho emancipador e o seu potencial ilimitado. No nosso país, o homem defende como uma causa pessoal o regime que lhe dá tranquilidade e segurança e a consciência do seu valor e dignidade.

O QUE O SOCIALISMO NOS PROPORCIONOU

Relatório da actividade do P.C. Soviético

. MOSCOVO, 7 — (F. P.) — As festas do 58.º aniversário da revolução de Outubro deram lugar, como é tradicional, à leitura do relatório da actividade do Partido Comunista soviético, numa reunião solene realizada, ontem no Palácio dos Congressos do Kremlin em Moscovo.

Esta cerimónia precede o grande desfile militar que decorrerá, hoje na Praça Vermelha, e que é impacientemente esperado por todos os adidos militares ocidentais, que querem saber se aparecerão pela primeira vez, em público, novas armas soviéticas.

Lido pelo decano da comissão política, Arvid Pelche, na presença da maior parte dos membros da comissão e de cerca de seis mil pessoas, o relatório dá a entender que a colheita de cereais para este ano foi muito, má, senão catastrófica.

Notava-se, aliás, na cerimónia, a ausência do responsável da Agricultura no seio da comissão política, Fedor Kulakov, que era considerado como um protegido de Brejenev.

Este último ocupava o lugar central no meio dos outros dirigentes do Kremlin. Foi ovacionado e aplaudido por quatro vezes, quando o relatório lhe prestava homenagem.

Um incidente, aliás, também tradicional marcou esta cerimónia: o embaixador da China, Liu Hsin Chuan, abandonou ostensivamente o Palácio dos Congressos quando o orador censurou a política de Mao Tsé-Tung. Este abandono era esperado pelos observadores.

Na mesa de honra entre os membros da comissão política, encontrava-se Le Duan, secretário geral do partido dos trabalhadores do Vietname do Norte, em visita oficial à União Soviética.

Foi também muito notada a «Pasionaria», Dolores Ibarruri, sentada entre os convidados de honra, ouvindo de olhos fechados, a leitura do relatório que durou 90 minutos.

Uma passagem do relatório atraiu as atenções dos observadores, porque parecia dirigido indirectamente contra o académico Andrei Sakharov, que acaba de receber o Prémio Nobel da Paz.

«Ainda há no Ocidente quem goste de especulações sobre os Direitos do Homem e que, neste contexto, se dedique a cozinhar críticas a nosso respeito» — disse Pelche, acrescentando: «Tarefa vã. No nosso país, os Direitos do Homem são absolutamente reais e actuais. O regime socialista, o verdadeiro poder do povo, garante melhor, os Direitos do Homem que qualquer país burguês».

Nacional

Aqui «era» o centro emissor da Buraca

QUE MILITARES? CONTRA QUEM?

SESSENTA HOMENS FARDADOS CALAM A RENASCENÇA À BOMBA

Sessenta homens que, pela farda que usavam, eram facilmente identificáveis como pára-quedistas, entraram violentamente no Centro Emissor da Buraca de Rádio Renascença, de onde evacuaram os trabalhadores que aí se encontravam. Colocaram, depois, duas cargas explosivas que se encarregaram de fazer deflagrar, e que destruiram completamente o sistema transmissor, calando novamente, e desta vez muito violentamente, aR.R.

Esta operação não pode deixar de enquadrar-se num contexto de uma «nova ordem» que se pretende estabelecer, quer consideremos que os 60 «páras» obedeceram, certamente, a «ordens superiores», conforme a probabilidade indicada pelos serviços noticiosos do Rádio Clube Português, quer mantenhamos as palavras de Jorge Simões, trabalhador da Renascença, que nos disse, esta manhã, que os 60 homens, «pelo menos estavam fardados de pára-quedistas».

De facto, mesmo encarando a segunda hipótese, isto é, mesmo considerando que, de pára-quedistas os 60 homens só tinham a farda, o golpe de mão desta madrugada não pode deixar de ser analisado como um aproveitamento de posições manifestadas por membros do VI Governo e do Conselho da Revolução que, falando de ordem e de autoridade, reprimindo o avanço do Poder Popular e das organizações de massas, abrem a porta, inconscientemente (?) que seja, a atitudes de violência contra-revolucionária.

Mas, vamos supor que o que parece é, também neste caso. Aqui, então, já não falaremos de aproveitamento de uma situação político-militar que propicia atentados como o desta madrugada, mas numa atitude de quem está no Poder (ou que com ele mantém íntimas ligações), contra uma informação ao serviço da classe operária, dos camponeses e dos trabalhadores em geral. Escusamos de perguntar de que lado estão os responsáveis pelo atentado de hoje e que «ordem» defendem...

Podemos dizer como Jorge Simões, da Rádio Renascença: «Na nossa opinião, foi o mais requintado dos atentados bombistas até hoje verificado em Portugal, depois do 25 de Abril».

Contactado o Copcon, este comando afirma não ter conhecimento da operação. Falamos de «operação» porque a informação que temos é que os assaltantes se deslocaram em viaturas militares.

Supondo que, de facto, os assaltantes, «obedeceram a ordens superiores» e dado que o Copcon desconhece a operação, talvez, pensámos, o A.M.I., recem-criado mas, ao que sabemos, já com treinos muito intensos na margem sul do Tejo, principalmente na zona da estrada Lisboa-Setúbal, perto do desvio para o Montijo, oubesse alguma coisa. Que não, disseram-nos, no decorrer da conversa telefónica que passamos a narrar:

«Donde fala?»

«Do... (repetiram do outro lado, o número que marcáramos)».

«Queriamos saber se é do A.M.I.» — dissemos.

Fez-se um longo silêncio, no fim do qual ouvimos: «É».

«Fala do «Diário de Lisboa». Nós pretendiamos saber se têm algum conhecimento oficial do que se passou esta madrugada no Centro Emissor da Rádio Renascença.

«Não. Não temos nenhum conhecimento oficial».

«Então terão, talvez, oficioso...»

«Não! Não temos conhecimento de nada!»

«Bom... obrigado. Posso saber com quem falei?»

«Não pode não senhor!».

NINGUÉM SABE NADA

Do Gabinete Chefe do Estado-Maior da Força Aérea fomos informados que ninguém sabia de nada e que a 2.ª Repartição estava a envidar todos os esforços no sentido de descobrir «quem foi, porquê e às ordens de quem».

«Não temos nenhuma informação sobre algo que terá acontecido esta madrugada», disse cuidadosamente, um oficial adjunto desse gabinete, que não se quis identificar.

UMA TROCA?

Quando ninguém sabe nada de coisa nenhuma, todas as hipóteses são admissíveis. Uma delas, porém, corria com insistência, ao princípio da manhã de hoje, entre os populares (ainda) concentrados em frente ao Ministério da Comunicação Social: já que não se recupera Ferreira da Cunha, cala-se a Renascença. Será verdade?

P.S. NA AMADORA P.C.NO BARREIRO

O Partido Socialista promove amanhã, às 21 e 30 um comício no Pavilhão Gimnodesportivo da Académica da Amadora (Reboleira).

Serão oradores Mário Soares, Manuel Alegre, Aires Rodrigues, Alberto Antunes, Andrade Neves, um elemento dos núcleos de Empresa e um elemento da Juventude Socialista.

Lembre-se que num comunicado dos militantes socialistas da Amadora, os mesmos após terem assistido ao debate entre Álvaro Cunhal e Mário Soares expressam «uma vez mais o seu total e incondicional apoio às posições expressas pelo camarada Mário Soares» e «reiteram a sua confiança nas cúpulas do P. S.»

Por outro lado realizar-se-á no próximo domingo, no Barreiro, um comício convocado pela delegação local do Partido Comunista Português. Este comício terá lugar no pavilhão gimnodesportivo da C. U. F. às 17 horas e contará com a presença de vários elementos do Comité Central do P. C. P.

GARANTE O M.C.I.

Não há anomalias importantes no abastecimento de adubos

As empresas de adubos, estão a satisfazer regularmente as encomendas e os seus armazéns regionais encontram-se bem abastecidos — diz o Ministério do Comércio Interno em nota oficiosa ontem divulgada como resposta a notícias «menos concretas» surgidas na Imprensa. Reuniões de um grupo de trabalho operacional constituido para o sector permitiram ver — acrescenta o M. C. I. — que não existem «quaisquer anomalias importantes» no abastecimento.

Transcrevemos de seguida o texto:

«Relativamente a notícias menos concretas recentemente tornadas públicas, na Imprensa, acerca da restruturação do sector aduaneiro e do abastecimento de adubos, ao País, o Ministério do Comércio Interno esclarece o seguinte:

1 — Em 13 de Outubro, foi determinada a constituição de um grupo de trabalho operacional para acompanhar a distribuição de adubos no País, tendo em particular atenção o problema dos transportes, com vista a assegurar o abastecimento regular e eficiente.

Portanto, este grupo de trabalho, do ponto de vista comercial ou industrial, nada tem a ver com a reestruturação do sector, limitando-se à resolução de problemas pontuais do abastecimento e transporte de adubos.

O referido grupo de trabalho está já a efectuar reuniões periódicas com os representantes das comissões administrativas e/ ou administrações de empresas aduaneiras, com representantes da C. P. e representantes dos Centros Regionais da Reforma Agrária de vários distritos do Sul do País, por forma a acompanhar a situação actual quanto a encomendas em carteira das empresas, vendas e quantidades expedidas.

Em todas as reuniões não se detectaram quaisquer anomalias importantes quanto ao abastecimento de adubos.

As empresas estão a satisfazer regularmente todas as encomendas e os seus armazéns regionais estão bem abastecidos.

Registe-se, contudo, que a quebra verificada na venda de adubos, durante os meses de Julho a Outubro, deve-se à retracção das encomendas, quer por parte dos agricultores, quer por parte dos comerciantes.

Esta retracção de encomendas justifica-se em parte pela divulgação nos órgãos de Comunicação Social, da resolução do Conselho de Ministros, de 9 de Agosto, que decidiu baixar o preço dos adubos, sem, contudo, tal decisão ser acompanhada de legislação adequada. Somente a 29 de Agosto saiu legislação que fixava os novos preços, mas omissa em pontos importantes, nomeadamente quanto às fontes de financiamento necessários, ao modo de facturação pelos fabricantes importadores, à possibilidade de os comerciantes venderem adubo pela tabela dos pequenos e médios agricultores.

2 — Quanto ao transporte de adubos em colunas militares, o Ministério do Comércio Interno, acentua a necessidade de não se desorganizar o esquema de transportes que, na generalidade, se tem revelado eficiente, tanto para agricultores como para as empresas e acima de tudo, para o País.

Efectivamente, o transporte de adubos, num raio superior a 50 kms, é obrigatoriamente feito pela C. P., a qual estabeleceu uma tarifa máxima de 150 escudos para todo o País.

Tal tarifa, reduzida e uniforme só poderá ser mantida na medida em que não se altere o percurso medido actual, que serviu de base no cálculo de custos da C. P.. Se esta empresa ficasse apenas com os transportes de longo curso, ela não poderia facilitar um tal preço, e o preço do adubo deixaria de ser uniforme em todo o País.

Para além disto, do ponto de vista de poupança de energia, é muito mais económico o transporte ferroviário.

3 — O Ministério do Comércio Interno informa que é para o grupo de trabalho, a funcionar na Direcção-Geral do Comércio Interno, na Rua Alexandre Herculano, 6-3.º, Lisboa, que devem ser canalizadas todas as informações relativas a anomalias verificadas no abastecimento de adubos.»

VINHO NOVO: CAMPANHA ADIADA

Entretanto uma outra nota oficiosa, esta proveniente da Secretaria de Estado do Comércio Interno, dá conta de ter sido adiada a abertura da nova campanha de trânsito e venda a retalho dos vinhos da colheita do ano em curso. Eis os termos:

«O Decreto-Lei N.º 319/72, de 18 de Agosto, proibe até ao dia 10 de Novembro do ano das respectivas colheitas, o trânsito e a venda a retalho de vinhos simples ou misturados.

O atraso verificado este ano nas vindimas e vinificação, e a existência de importantes excedentes da colheita anterior em poder da produção, impõem o adiamento da abertura da nova campanha, excepto em relação aos vinhos verdes.

Nestes termos a Secretaria de Estado do Comércio Interno informa que foi enviada para publicação no «Diário do Governo» uma portaria dos ministros da Agricultura e Pescas e do Comércio Interno adiando para 1 de Janeiro de 1976 a data a partir da qual são autorizados o trânsito e a venda a retalho de vinhos da colheita do corrente ano, com excepção dos produzidos na Região Demarcada dos Vinhos Verdes.»

CÓLERA RECRUDESCE

COIMBRA, 7 — O surto de cólera que há duas semanas eclodiu nesta região, está em fase de regressão, dada a diminuição notória de casos registados nas últimas horas. Por outro lado, uma parte dos doentes que se encontravam hospitalizados já tiveram alta. Entretanto, têm continuado a afluir aos Hospitais da Universidade doentes suspeitos de cólera, que têm sido devidamente medicados, regressando depois a casa. Apenas uma doente, Rosa Maria Gomes de Almeida, de 16 anos, de Rio Torto, Gouveia, ficou internada, por estar contaminada.

O combate ao surto de cólera foi debatido na última reunião da Câmara Municipal, tendo o presidente, dr. Carrigton, sublinhado que o problema «não pode ser resolvido sem o conveniente abastecimento de água e conveniente existência de esgotos». Citou, a propósito, o caso de Montemor-o-Novo, onde foi detectado o vibrião colérico numa conduta de esgotos.

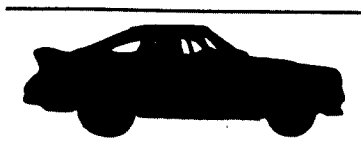
MINISTRO DA INDÚSTRIA REDEFINE AS P.M.E.

Por despacho publicado no «Diário do Governo» de hoje pelo Gabinete do Ministério da Indústria, foi alterado o critério que definia as pequenas e médias empresas, atendendo aos ensinamentos práticos obtidos pelo Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas.

São assim alargados os quantitativos referentes ao volume de empregos e ao valor de vendas, aumentando portanto o número de empresas integradas nesta categoria e susceptíveis de beneficiar do apoio estatal.

Nesse sentido, passam a ser consideradas P. M. E. todas as que empreguem um número de pessoas superior a 5 e inferior a 400 e que não ultrapassem os 100 000 contos de vendas anuais. Para além disso, mantêm-se os critérios anteriormente fixados, respeitantes à impossibilidade de uma P. M. E. possuir ou ser possuída, em mais de 50 por cento do seu capital, por outra empresa, ou ainda de serem possuídas por accionista ou sócio ou conjunto de sócios que simultaneamente detenham mais de 50 por cento do capital da empresa em causa e de outra empresa.

Ainda segundo o mesmo despacho do ministro da Indústria, eng. Marques do Carmo, podem ainda beneficiar dos auxílios a conceder pelo Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas as que, por efeito de assistência que lhes tenha sido facultada no âmbito de esquemas de reestruturação, deixam de reunir os requisitos necessários para serem consideradas P. M. E.; os agrupamentos de P. M. E. constituídas de acordo com a legislação em vigor; as empresas com menos de seis pessoas, que entre si estabeleçam acordos de cooperação com vista à realização de finalidades de comum interesse; e as empresas que, não tendo como predominante a actividade industrial, satisfaçam os restantes requisitos caracterizadores de P. M. E. e façam prova de que o apoio pretendido se destina exclusivamente àquela actividade, para fins específicos.



motor

Estrangeiro

Numerosas mulheres contavam-se entre milhares de marroquinos que ontem invadiram pacificamente o Sara Espanhol, para apoiar a reivindicação do território pelo rei Hassan II. A «marcha verde» deteve-se antes de alcançar campos de minas instalados pelas tropas espanholas de forma a constituirem uma «linha de dissuasão», ou seja uma barreira para os «caminheiros da paz», que pretendem atingir El Aaiun, a capital da referida colónia da Espanha. (Telefoto UPI-Telimprensa).

A O.N.U. PEDE AOS MARROQUINOS QUE RETIREM DO SARA

NAÇÕES UNIDAS, (Nova Iorque), 7 — (R.) — Madrid informou o Conselho de Segurança das Nações Unidas de que havia um perigo séric de guerra entre a Espanha e Marrocos, a não ser que os «caminheiros da paz» do rei Hassan retirassem do Saará Espanhol

Numa carta ao Conselho, o delegado espanhol Fernando Arias-Salgado afirmou que Marrocos notificara à Embaixada do seu país em Rabat que a marcha prosseguiria a não ser que Madrid acedesse em negociar uma transferência da soberania do território e que qualquer confrontação levaria à guerra.

Contudo, o delegado marroquino Driss Slaqui, descreveu tal afirmação como puramente fictícia e notou que o povo de Marrocos agira dentro do âmbito dos seus legítimos direitos.

O Governo de Rabat — acrescentou — estava determinado a evitar incidentes com as Forças Armadas espanholas.

A carta de Madrid foi enviada ao Conselho ontem, à noite, pouco depois dele concordar com uma resolução deplorando a marcha marroquina e pedindo a retirada imediata de todos os caminheiros que entraram ontem no Sara Espanhol.

Arias-Salgado salientou ao Conselho que a atitude da Espanha não mudará desde domingo quando advertiu que empregaria todos os meios à sua disposição, incluindo a Força Armada, para impedir a marcha dos caminheiros.

OS INVASORES PROGRIDEM

EL AAIUN, 7 — (Anop) — Uma enorme massa humana de marroquinos que atravessou a fronteira do território do Sara Ocidental com o objectivo de o anexar deteve-se frente a frente com tropas espanholas fortemente armadas, estacionadas a cerca de dez quilómetros no interior do território.

A guarda avançada marroquina foi obrigada a suspender a marcha a meio da tarde de ontem devido à «linha de dissuasão» montada pelas forças militares espanholas, que compreende um extenso campo de minas e arame farpado.

Um coronel da Legião Estrangeira que se encontra à retaguarda da «linha de dissuasão» declarou que tinham sido colocadas cerca de 20.000 minas entre os manifestantes marroquinos e El Aaiun, situada a 25 quilómetros a Sul.

Entretanto, em Madrid, o Governo espanhol reuniu novamente com o objectivo de debater em detalhe a grave ameaça de invasão marroquina, enquanto fontes governamentais admitiam que os invasores estavam a progredir em direcção à capital do Sara Espanhol mais rapidamente do que fora anteriormente previsto.

A Espanha apelou mais uma vez para Marrocos, no sentido de ser suspensa a invasão e avisou que utilizaria a força militar caso se revelasse necessário repelir os invasores.

Contudo, as tropas espanholas estacionadas no território não receberam instruções especiais depois desta reunião do Conselho de Ministros.

Entretanto, o emissário especial do secretário-geral da ONU, Andre Lewin, regressou a Nova Iorque, após uma viagem pelos quatro países envolvidos na disputa do território, sem no entanto anunciar o saneamento dos diferendos que opõem Madrid a Rabat.

ACÇÕES DA DIREITA

ADVOGADOS E UM JORNALISTA AGREDIDOS EM MADRID

MADRID, (ANOP) — Grupos armados de extrema-direita estão actuando em vários pontos de Espanha contra pessoas ou grupos considerados de oposição ao regime franquista. Depois dos incidentes de há dias na Universidade Autónoma de Madrid, depois dos de anteontem protagonizados por um grupo indentificado como «Guerrilheiros de Cristo Rei», organização armada da extrema-direita integrada por indivíduos de diversas origens sociais e profissionais, depois de actuação parecida na Universidade de Valência, às primeiras horas da tarde de ontem, pelo menos três indivíduos armados e mascarados invadiram o escritório do advogado Muñoz Salvadores, em pleno bairro Salamanca, agrediram os advogados que se encontravam ali reunidos e antes de sairem lançaram gases lacrimogéneos.

Os advogados, todos eles identificados como oposicionistas, embora se possam considerar de várias posições políticas, encontravam-se reunidos com o conhecido jornalista venezuelano Jesus Losada Rondon.

Os componentes do grupo agressor mandaram deitar os presentes no chão e agrediram-nos com as coronhas das pistolas, a pontapé e de outras formas, a tal ponto que o jornalista ficou com um braço partido; e com lesões, alguns causídicos, entre eles Muñoz Salvadores que teve de ficar de cama. Os outros advogados agredidos eram Garcia Trevijano, Jaime Cortezo, Eurico de La Pena e Eduardo Figueiroa.

Um dos mascarados disse à empregada de escritório que tinha sido mandada deitar num sofá, que não tivesse medo, que «se tratava de um assunto político», que os advogados «eram uns porcos antifascistas».

Segundo depoimentos dos advogados, as agressões foram muito violentas e dirigidas principalmente à cabeça e aos rins.

Em vários sectores teme-se o reaparecimento e uma actuação mais ampla destes grupos, a qual poderá representar uma acção da extrema-direita ante o evolucionar dos acontecimentos para dizer que ela está presente e constitui uma força com que é necessário contar.

As implicações destes actos neste momento poderão ser várias e endurecer a situação de distensão que eventualmente o príncipe Juan Carlos desejaria criar. Além disso, não é fácil tomar medidas contra tais grupos pelas infiltrações e apoio com que contam a diversos níveis e sectores.

Sabe-se por outro lado que a extrema-direita pretende cercar o príncipe de modo a não deixá-lo livre para poder optar pelas eventuais negociações ou compromissos com grupos ou individualidades que até agora se têm colocado na oposição, mas, de acordo com as circunstâncias, poderiam participar ou colaborar com os propósitos de abertura de Juan Carlos, pois este terá de encontrar algumas bases fora dos sectores da extrema-direita.

O ESTADO DE FRANCO SEM ALTERAÇÃO

MADRID, 7 — (R.) — Médicos, lutando para salvar a vida do generalíssimo Franco, debelaram uma possível complicação pulmonar, mas o velho ditador espanhol, de 82 anos, continua hoje em estado muito grave.

O Caudilho sofre ainda de insuficiência cardíaca, após quatro ataques de coração, e de tromboflebite na coxa esquerda.

Círculos médicos disseram que, se um coágulo sanguíneo chegasse da coxa ao cérebro, o resultado seria fatal.

Médicos introduziram ontem tubagem no abdómen do doente, a fim de drenar a ureia do sangue.

O Palácio do Pardo informou hoje, de manhã, que franco passara a r ite a repousar e que o eu estado pós-operatório o sofrera alteração.

Um boletim médico talhado seria emitido às 3 e 30.

Entretanto, o chefe de Estado interino, o príncipe Juan Carlos, preside hoje a uma sessão do gabinete dedicada exclusivamente à perigosa situação no Sara Espanhol.

RECUSA MEXICANA

CIDADE DO MÉXICO, 7 — (R) — O preisdente Luís Echeverria declarou que o México estabelecerá relações com a Espanha após a morte do generalíssimo Franco, caso haja indícios de maior democracia naquele país.

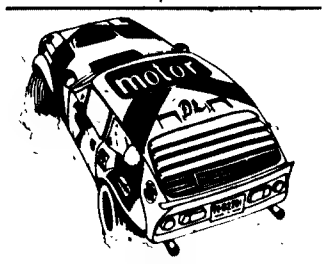
Num discurso proferido perante alunos de uma escola para os filhos dos exilados republicanos espanhóis, disse o presidente: «Pretendemos ter relações com um regime que signifique o nascimento de um processo democrático, mesmo que seja com o rei».

O México tem-se recusado a reconhecer o Governo do general Franco desde que ele assumiu o poder em 1939, altura em que ofereceu asilo a 50 000 asilados políticos espanhóis. Em vez disso, reconhece o Governo republicano no exílio com sede em Paris.

Caleidoscópio

• NOVA DELI, 7 — (R.) — O Supremo Tribunal da Índia anulou a culpabilidade da senhora Indira Gandhi, primeiro-ministro indiano, por abusos eleitorais, e ilibou-a de todas as acusações.

A decisão do Supremo Tribunal valida a eleição da senhora Gandhi para o círculo de Bareli, no Estado de Uttar Pradesh, em 1971, e anula a deliberação do tribunal superior de Allahabed, de 12 de Junho de 1975, que a considerou culpada de duas acusações de práticas eleitorais corruptas.



• BEITUTE, 7 — (F. P.) — Rashid Karami, primeiro-ministro libanês e ministro da Defesa, acusou publicamente a noite passada, o general Hanna Said, comandante-chefe do exército libanês, de não ter agido para impedir que importante carregamento de armas fosse desembarcado próximo de Junieh, a 15 quilómetros a Norte de Beirute, durante a noite de quarta para quinta-feira.

Segundo o diário «Al Nida», órgão do Partido Comunista libanês, estas armas destinavam-se ao partido da falange (cristãos conservadores) e seus aliados.

• CÓRDOVA (ARGENTINA), 7 — (R.) — Agustin Tosco, o mais destacado dos dirigentes sindicais marxistas da Argentina, faleceu vítima de ataque cardíaco, aos 45 anos, segundo foi anunciado ontem.

Dirigente do sindicato dos trabalhadores da electricidade, esteve escondido durante a maior parte dos últimos dois anos, nesta cidade industrial do centro do país, sendo-lhe dado abrigo por membros do sindicato.

Tornou-se figura nacional em Maio de 1969 quando chefiou um motim de trabalhadores e estudantes em Cordova que provocou o derrube do regime militar chefiado pelo general Juan Carlos Ongania.

• ROMA, 7 — (R.) — Mais de 1 500 000 operários da construção civil fizeram ontem uma greve de um dia à escala nacional em apoio de exigências de imediatas negociações sobre novos contratos.

A industria da construção civil tem sido particularmente atingida pela recessão económica que provocou o desemprego de mais de um milhão de pessoas.

Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — Lisboa - 1
Telefones: 77 02 74 — 76 32 76 — 77 00 66

COMUNICADO

O SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA, ao tomar conhecimento das torpes afirmações do senhor DANIEL AMARAL, subsecretário do Trabalho e especialista em intrigas e divisão de trabalhadores, o que bem comprovou no ocorrido com os mesmos do Sindicato dos Rodoviários, não pode deixar de mostrar o seu mais vivo repúdio por tais afirmações.

Não podemos também deixar de aproveitar a oportunidade que este senhor Daniel Amaral deu aos trabalhadores ao desmarscarar-se publicamente mostrando bem de que lado está e ao mesmo tempo pondo em foco toda a sua baixeza e incompetência para o lugar que ocupa.

Não encontrou este senhor uma justificação honesta, porque na realidade não existia, para o uso dos meios repressivos e reaccionários empregados pelo ministro Tomás Rosa contra os trabalhadores do Sindicato dos Transportes Rodoviários.

Não hesitou pois este senhor Daniel Amaral de utilizar uma linguagem suja com a qual se identifica.

Tem pois razão este Sindicato quando afirma que o actual Ministério do Trabalho não está nem pode estar ao lado dos trabalhadores enquanto estiver a ser orientado por Tomás Rosa, Marcelo Curto, Daniel Amaral e toda a camarilha de que estes divisionistas e contra-revolucionários se estão rodeando.

Por isso este Sindicato exige a demissão imediata destes senhores, e não só...

E que o actual Ministério das Corporações volte a ser Ministério do Trabalho, sendo reconhecidos a ele os homens que sempre estiveram ao lado dos trabalhadores.

NEM TOMÁS NEM MARCELO!...
REACCIONÁRIOS FORA DOS MINISTÉRIOS...
TRABALHADORES UNIDOS... VENCERÃO...

Pela Direcção
Rogério Torres

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL DE SANTA MARIA

FORNECIMENTO DE DIVERSA APARELHAGEM PARA ANESTESIA

Conc. Público n.º 13/75-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados, das 9 às 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aprovisionamento.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 4 de Novembro de 1975.

Pel'A Comissão Instaladora
a) **Manuel Brioso Pina de Jesus**

Espectáculos

BOM APETITE

AMANHÃ
LULAS Á REX
ENTRECOSTO DE PORCO NA BRASA
No restaurante panorâmico do HOTEL REX

RESTAURANTE PANORÂMICO DO
hotel Rex
Rua Castilho, 169
PREÇOS POPULARES

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
ESTRADA DA TORRE — TELEF. 790169 — LUMIAR
SALAS PRIVATIVAS PARA CONFRATERNIZAÇÕES E LANCHES DE CASAMENTO
AOS DOMINGOS ALMOÇOS DANÇANTES
Parque automóvel (Encerrado às 2.as feiras)

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 (Campo Grande)
CHURRASQUEIRA ADEGA TIPICA
PARQUE AUTOMOVEL PRIVATIVO
Encerrado às 2.as-feiras a partir das 16 h e 3.as-feiras todo o dia

REX
RESTAURANTE BAR
AGORA E ALÉM DOS ALMOÇOS E JANTARES, SERVIÇO DE CEIAS ATÉ ÀS 2 H. DA MANHÃ • AMBIENTE AGRADÁVEL
RESERVAS PELO TELEFONE N.º 36 01 14
CHIADO - LISBOA
RUA NOVA DA TRINDADE N.º 1-B • LISBOA

RESTAURANTE
número 1
RUA DOM FRANCISCO MANUEL DE MELO, 44-A
TELEFONE 68 43 26 - LISBOA
«STEAK HOUSE»
ABERTO AOS DOMINGOS

Dona Maria
Restaurante - Cervejaria - Bar
AGORA COM NOVO SERVIÇO — MAIS RÁPIDO E ECONÓMICO
REFEIÇÃO ESPECIAL — 66$00 (incluindo vinho e taxas)
— Aceitam-se senhas de almoços —
Encerrado aos Domingos (Excepto para banquetes)
Largo do Regedor, 7-1.º — Telef. 3 49 82 (Junto ao Teatro Nacional)

LEÃO D'OURO
(RENOVADO)
ALMOCE E JANTE NESTE
RESTAURANTE
AR CONDICIONADO
Rua 1.º de Dezembro, n.º 93 Telef. 326195

ADEGA TÍPICA
O RETIRO DA VAQUINHA
COZINHA CASEIRA
R. GENERAL ALVES ROÇADAS, 20 • ODIVELAS
(à Estrada do desvio) Direcção de JOSÉ LÚCIO

CAFÉ PURO CHAVE D'OURO O MELHOR CAFE

motor revista

BEATRIZ COSTA FINALMENTE

"SEM PAPAS NA LÍNGUA"

«Neste livro eu conto tudo sem pápas na língua», diz Beatriz Costa a propósito do seu livro de memórias que muito significativamente se chama mesmo «Sem papas na língua» e que vai finalmente sair a público no próximo dia 21.

«É um livro que há muito tempo ando a preparar, mas o 25 de Abril deu-me um grande incentivo. Antes, eu não podia emitir certas opiniões, falar de certas figuras. Agora tenho tranquilidade e liberdade para o fazer», afirma a actriz autora.

E aponta, no susceptível de outrora ser cortado, a apologia da abolição da Censura e o tratamento irónico de Salazar e Gulbenkian. («Tratamento com ironia subtil, claro, não vou chamar palavrões aos senhores que até já morreram...»).

«Sem papas na língua», descreve memórias desde a infância até à vida actual da autora. De entre os episódios que lhe são mais queridos, Beatriz Costa destaca os que se inserem no capítulo «Vamos falar de saloios», em que além de episódios, refer figuras, lendas, etc, da chamada «região saloia», onde nasceu. Das personalidades evocadas, no livro, salienta Aquilino Ribeiro, Abel Manta, Almada Negreiros e Mário Eloy, «um grande romance» da sua vida, como afirmou.

O livro terá capa de Abel Manta e prefácio de Jorge Amado. A sua saída ao público será seguida de várias sessões de autógrafos com o seguinte calendário: dia 21, Livraria Portugália; 22, Editora Europa-América; 24, no Porto; 25, Coimbra, 27, Faro. No dia 2 de Dezembro, Beatriz Costa deslocar-se-á ao Brasil para fazer o lançamento da edição brasileira.

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO

MOÇÃO

Os Delegados Sindicais dos Técnicos de Desenho da Zona Sul, reunidos em sessão plenária, considerando:

1 — A actual tentativa dos órgãos do Poder constituídos de esmagar a Revolução em Portugal, com a imposição de um regime social-democrata que perpectue a exploração e a opressão dos trabalhadores pelo grande capital nacional e estrangeiro;

2 — A multiplicação dos casos de saneamento de homens revolucionários e progressistas de cargos onde vinham servindo a luta revolucionária da classe trabalhadora enquanto, por outro lado, se reintegram saneados e se promovem conservadores e contra-revolucionários;

3 — A inquietante e perigosa actividade que forças reaccionárias e fascistas vêm inpune e descaradamente desenvolvendo, através de atentados terroristas, ameaças e infiltrações em todos os escalões de organização militar e civil do Estado, perante a passividade e, nalguns casos, evidente conivência dos órgãos do Poder constituídos;

4 — Os objectivos fundamentais da nossa Revolução no momento actual — Reforma Agrária, avanço nas Nacionalizações, Controlo Operário da Produção, luta decidida contra as acções das forças fascistas e seu desmantelamento urgente — postos em causa pela acção desenvolvida pelo VI Governo e pelas (não) tomadas de posição do chamado Conselho da Revolução;

5 — A luta do Povo Angolano parte integrante da luta de todos os povos pela Paz, pelo Progresso, e pelo Socialismo, e, o M. P. L. A. seu único e legítimo representante.

Decidem o seguinte:

1 — Repudiam as tentativas sociais-democratas de sufocar a Revolução, exigindo ao M. F. A. o cumprimento da linha revolucionária que conduzirá a Classe Trabalhadora ao Poder e à abolição da exploração e da actual sociedade de classes.

2 — Exigem o fim imediato dos saneamentos à esquerda e a realização de um real saneamento no aparelho de Estado e nas Forças Armadas, expulsando e reprimindo todos os elementos fascistas e contra-revolucionários.

3 — Exigem o avanço da Reforma Agrária, com apoio incondicional à luta revolucionária de todos os trabalhadores do campo de Norte a Sul do País, entregando a terra a quem a trabalha e concedendo todos os créditos e apoios necessários ao seu completo aproveitamento.

4 — Exigem do Governo a continuação da expropriação do grande capital, sem quaisquer indemnizações, consagrando na lei o Controlo Operário da Produção e avançando nas nacionalizações.

5 — Exigem o combate decidido a todas as organizações fascistas, o julgamento de todos os «pides» e outros fascistas e a rápida divulgação pública dos resultados dos inúmeros inquéritos anunciados à acção dos contra-revolucionários.

6 — Exigem que o Governo reconheça o M. P. L. A. como o único e legítimo representante do Povo Angolano, entregando-lhe todos os poderes de soberania no próximo dia 11 de Novembro, denunciando publicamente os movimentos fantoches — U. P. A./F. N. L. A. e U. N. I. T. A. — como fantoches do imperialismo que, pela agressão e pelo terrorismo, é o único responsável das graves situações criadas aos Povos Angolanos e Português.

7 — Incumbem a Direcção do S. N. T. D. de divulgar, através dos Órgãos de Comunicação Social, esta sua posição a todos os Trabalhadores, afirmando ainda a sua solidariedade com todos os camaradas revolucionários e homens progressistas e exortando todo o Povo e lutar firmemente contra as manobras de reacção e a avançar na construção do Poder Popular, reforçando a sua unidade nas Comissões de Trabalhadores e de Moradores e Assembleias Populares, verdadeiro caminho para o fim do Poder burguês, para o fim da exploração e da opressão da nossa Pátria.

Lisboa, 31 de Outubro de 1975

Aprovado em Reunião de Delegados Sindicais Zona Sul, às 4 h e 40 m do dia 1 de Novembro de 1975 por 39 votos a favor — 4 contra — 3 abstensões

O CCUL NA CINEMATECA

O Cineclube Universitário de Lisboa projecta hoje, às 18 e 30, na Cinemateca (Palácio Foz, Restauradores) o filme «Luta Sindical em Inglaterra», um documentário sobre a luta travada pela classe operária e pelo povo inglês contra uma lei antigreve e que inpunha o controlo dos sindicatos por parte do Governo.

Será igualmente projectado um filme realizado pelo CCUL sobre lutas populares no nosso país e o primeiro congresso das comissões de trabalhadorés.

No final realizar-se-á um debate.

Num espectáculo realizado no Teatro Adoque, cuja receita reverteu para a Reforma Agrária, actuaram alguns artistas que deram a sua contribuição para mais esta etapa de luta por uma sociedade socialista.

Na assistência, o capitão Costa Martins, ex-ministro do Trabalho, um homem que sempre tem estado com a Revolução. Por isso, o público que se deslocou ao Adoque lhe tributou uma ovação, da qual a foto que publicamos dá testemunho.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

Televisão

CANAL DA CRÍTICA — MÁRIO CASTRIM

QUEM TEM OLHOS, VIU. QUEM TEM OUVIDOS, OUVIU.

Sofria-se em Portugal de um complexo de exclusão. O estrangeiro tivera já o seu encontro Cunhal-Soares — o nosso País, não. Aventavam-se várias hipóteses, porque seria, porque não seria. Não teria Portugal direito igual, ou ainda maior, a esse desafio? Não lhe reconheciam maturidade política para etc., etc.?

O complexo acabou. O encontro deu-se. Ontem, na Televisão, durante quase quatro horas, Álvaro Cunhal e Mário Soares dialogaram perante alguns milhões de portugueses.

Quem tem olhos, viu.

Quem tem ouvidos, ouviu.

TESTEMUNHA

Talvez possamos dividir em dois grupos o interesse suscitado por este encontro: o dos que desejavam assistir a uma luta de galos e dos que ansiavam por um não direi entendimento completo mas ao menos por uma tentativa mútua de encontrar uma plataforma comum de actuação.

Ambos saíram frustrados. Em primeiro lugar, Álvaro Cunhal recusou entrar nesse jogo, opondo a serenidade à provocação e a inteligência à demagogia.

Em segundo lugar, Mário Soares cortou todas as pontes para um entendimento, com pretextos vários.

A História julgará. Este «Responder ao País» servirá de testemunha nesse julgamento.

ERA NERVOSO

Visivelmente, Mário Soares estava nervosíssimo. Os seus trejeitos, momices e sorrisos amarelos mais do que táctica para influir nos espectadores, eram sinal de intranquilidade. Seria também nervoso miudinho a insistência com que interrompia Álvaro Cunhal. Dominasse ele friamente a situação e compreenderia que tal atitude só lhe era prejudicial.

Na realidade, apregoar a total liberdade de expressão e depois retalhá-la a cada instante significa a negação na prática do que se afirma na teoria.

Não fazia isso por mal. Era por nervoso.

É FARTAR!

O tal nervoso miudinho, impróprio num político com a sua experiência, levou-o a cair noutros pecados maiores como sejam: a utilização de todos os processos mesmo os mais primários, do anticomunismo, a injúria grosseira, a insinuação venenosa.

Lá esteve a panóplia toda: o totalitarismo, a ditadura, a opressão do regime comunista, o capitalismo de Estado, a falta de liberdade, o domínio comunista no aparelho estatal, o «golpismo», os dois imperialismos (ou mesmo três, não compreendi bem se contava com o chinês), o domínio dos órgãos de Informação, etc.

Não era um homem: era o guia prático do anticomunismo militante. As damas da alta sociedade, os caciques, os reaccionários de profissão deviam-se ter rebolado de gozo.

QUEM É PARTIDÁRIO?

As intervenções do dr. Mário Soares atingiram mesmo um clima de alta comicidade. Aquele, por exemplo, em que procedeu à exaltação e à propaganda da *Luta* e do *Jornal Novo*...

Foi ao ponto de dizer que a *Luta* era um jornal *independente*. Imaginem a gargalhada se houvesse auditório...

Por outro lado, foi notória a sua falta de serenidade no ataque ao *Diário de Notícias*, a quem acusou de partidário. Pelo que estamos assim a criar um novo dicionário: partidário é todo aquele que não cante loas ao P.S. ou ao VI Governo...

Pouco se lhe dá, ao dr. Mário Soares, que as suas levianas acusações possam prejudicar o bom nome de um órgão de Infofmação totalmente dedicado à opção da esquerda na política nacional. Pouco se lhe dá que tal dano possa influir no pão de centenas ou milhares de famílias.

Na roleta da política, estas coisas contam pouco, em certos meios...

PIDE PESSOA HUMANA

Não que o dr. Mário Soares não seja uma pessoa compreensiva. Não. Seria injusto se o negássemos. A sua compreensão não tem limites.

Mas vai toda, por exemplo, para o grupelho desvairado dos madureiras e dos robys.

Vai toda para o pobrezinho do Ferreira da Cunha...

Mais ainda: a sua grande compreensão vai, na máxima grandeza de alma, para os *pides*, presos em tão nefandas condições — tão nefandas que até praticam *Karate* e passam fins-de-semana com a família, esses *pides* que, na sua expressão, também são *pessoas humanas*...

(Galvão de Melo disse o mesmo, lembram-se? Ai as voltas que o Mundo dá...)

... E foi para isto, para ouvirmos isto, que a O.N.U. declarou sem direito a prescrição os delitos dos criminosos de guerra. De duas uma, dr. Soares: ou os criminosos de guerra não são pessoas humanas, ou os *pides* não são autênticos criminosos de guerra.

CÃES RAIVOSOS

Muito curiosa foi aquela observação do dirigente socialista a respeito do dr. Rego quando ministro da Comunicação Social.

Na verdade, o dr. Rego aproveitou-se do seu cargo para encaixar correlegionários em órgãos de Informação: no *Diário de Notícias*, na *Televisão*, não sei onde mais. Mas isso não tinha mal porque os socialistas são pluralistas e portanto pluralizavam a Informação...

... Por isso decreto para valer como lei que todos os cães são raivosos, menos os meus.

A SANTA... CONVERGÊNCIA

Outra informação igualmente curiosa: aquela a respeito das alianças do Partido Socialista.

Em primeiro lugar, as alianças do Partido Socialista com certas forças, não são alianças: são convergências.

Assim, para ocupar a direcção do Sindicato dos Jornalistas, não terá havido aliança com o M.R.P.P., mas convergência. Houve convergência com o M.R.P.P., e não aliança, nas eleições celebérrimas do Sindicato dos Empregados de Escritório...

Convido muito simplesmente o leitor a apreciar estes *brinquinhos* da linguagem conveniente...

A DIFERENÇA

A certa altura, Mário Soares trouxe em seu auxílio os partidos comunistas da Espanha e de Itália. Ah, se o Partido Comunista fosse como esses, outro galo cantaria à situação política portuguesa...

Em primeiro lugar, se o dr. Mário Soares soubesse nem que fosse o abc do marxismo-leninismo, verificaria que cada partido comunista age tendo em conta as condições peculiares do seu meio. As condições existentes na Itália, em Espanha, no Chile, no Brasil, na Argélia, em Portugal, etc., etc., não são as mesmas. Logo, os partidos comunistas desses lugares assumem posições diferenciadas. É o marxismo-leninismo, e não a social-democracia, quem não admite figurinos ou esquemas rígidos. Nenhum país da Europa vive uma situação como a portuguesa, logo o Partido Comunista Português não podia agir como este ou como aquele partido.

Nem mesmo para fazer a vontade ao dr. Mário Soares.

QUEM É QUEM

Muito haveria a dizer a respeito deste encontro. Como costuma dizer o dr. Soares, o povo será o juiz. Quem assistiu a este encontro, terá ficado a saber:

— Quem faz política de vistas curtas e quem procura alargar o campo de visão.

— Quem defende os reais interesses dos grandes interesses e quem defende os interesses dos trabalhadores.

— Quem procura pedras para atirar e quem as procura para construir.

— Quem sabe da realidade dos trabalhadores rurais, frequentando as suas herdades, e quem julga sabê-la na rua e à mesa do café.

— Quem representa a identificação com os interesses da classe operária e quem tem operários no seu partido.

— Quem procura solução para a crise da autoridade e quem procura jogar com a autoridade da crise.

— Quem é pela disciplina revolucionária e quem é pela disciplina da caserna.

— Quem vê os perigos do «eleitoralismo» e quem não vê os eleitoralismos do perigo.

— Quem vê o apodrecimento da base de apoio do VI Governo e quem vê, nisso o alargamento da base.

— Quem está jogado na Revolução e quem está a jogar, perigosamente, com a Revolução.

Os leitores são convidados, em memória do encontro de ontem, a pensar nas questões que aí ficam.

QUAL É O PERIGO, DOUTOR?

Quando foi a vez de Álvaro Cunhal de fazer uma pergunta a Mário Soares, na cabeça de muita gente, de certo terá passado um turbilhão de problemas, género: Por que razão mentiu Mário Soares quando, ao discursar no Porto, disse que na manifestação em Lisboa de apoio ao Sexto tinham participado 150 mil pessoas? Por quê o Partido Socialista apoiara a ocupação das estações emissoras, se é tão grande o seu amor pela total liberdade de expressão? E afinal de contas, quem recebeu um célebre dinheiro que da Bélgica terá sido enviado?

Álvaro Cunhal, mais uma vez, evitou a polémica estéril ou inoportuna ou fútil. Apenas queria saber se o Partido Socialista queria ou não afastar os seus compromissos com a direita e aproximar-se das forças de esquerda que defendem a Revolução.

Mário Soares tinha aí a sua grande oportunidade de transformar este encontro num encontro histórico. Incitasse ele as bases do Partido Socialista a cooperar com as bases doutros partidos sinceramente devotados à Revolução — e a crise deste momento teria recuado decisivamente.

Não o fez. Pelo contrário: aumentou a desconfiança, acrescentou «razões» para fugir ao entendimento. Conclusão: para o dr. Mário Soares, o perigo, o grande perigo, continua a não vir da direita, contra a qual toda a unidade é pouca. Outra fosse a sua opinião, outra seria a sua atitude.

Pagará por isso. Quanto, não o sabemos. Muito, com certeza.

AQUELE SORRISO...

... Tanto que o seu sorriso amarelo até caiu quando o telex anunciou o petardo no Centro de Trabalho do Partido Socialista. Será que finalmente terá compreendido? Terá compreendido porquê, nos Açores, as sedes do P.S. já começam a ser atacadas — depois de atacadas e incendiadas as do Partido Comunista?

Terá compreendido que os comunistas são a primeira linha a romper — e que depois vai tudo a eito?

Terá finalmente compreendido a insânia da sua teoria da *vaga de fundo* da população? (Que vergonha, doutor! Repetir as patacoadas criminosas dos pequenos vampiros da política...)

Enfim: não será a altura de pintar doutra cor o seu sorriso? O amarelo é tão feio...

BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — Lisboa

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

Hoje

«A Queda das Águias»

I PROGRAMA

19.00 Programa produzido pelo Departamento de programas Juvenis e Infantis.
19.30 **«O Perigo é a Minha Profissão»**
20.00 **Programa Musical**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 **Afinal como é?**
21.30 **«A Queda das Águias»** — um telefilme produzido por Stuart Burge para a B.B.C. e «Time-Life Films» — 6.º episódio: «Os Tempos» — com Charles Kay e Patrick Stewart.

Depois da queda, por esmagamento, da Comuna de Paris, a acção socialista revolucionária concentra-se na Rússia.

23.00 **Telejornal** — 3.ª edição
23.20 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e **«O Perigo é a Minha Profissão»**
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa.
22.00 **Noite de Cinema** — «Sábado Trágico» («The Violent Saturday») — um filme produzido em 1955 e realizado por Robert Flischer, com Victor Mature, Richard Egan, Ernest Borgnine e Lee Marvin.

Stevie luta com o seu melhor amigo, Georgio, porque o pai deste, polícia como Shelley, o seu pai, ganhou uma medalha na guerra e o seu apenas um atestado de mérito. Mas na pequena cidade de Bradenville, um bando de gatunos chefiados por Harper assaltam o banco e matam uma das clientes...

23.45 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

«A Queda das Águias» (21.30)

II PROGRAMA

Cinema — «Sábado Trágico» (22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período — 12.45: Abertura e Fronteiras do Amanhã; **13.00**: Retrospectiva — revista desportiva; **13.15**: Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: Hoje Pode Ver — os programas dos teatros e cinemas e da TV; **13.40**: Programa de variedades da série «Die Kleine Show»; **14.05** Desenhos Animados; **14.30**: Falar de Educação; **14.55**: «Salto Mortal» — série alemã com histórias do mundo fascinante do circo, com Gustav Knuth e Helmut Lange; **15.50**: Ensaio — a poesia de Outubro; **16.40**: Fungagá da Bicharada; **17.05** Cartaz Polaco — documentário; **17.30**: Expedição; **17.55**: Cinema de Animação — um programa de Vasco Granja; **18.20**: A Caminho do Oriente — as estranhas grutas do Borneu; **18.55**: Concerto Sinfónico — transmissão directa da 1.ª parte do concerto realizado no Tivoli com a participação da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional; **20.00** Panorama — Mafra, água para quem?; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição; **21.05** Cada dia uma Esperança — um programa pelo dominicano Luis de França; **21.25**. Cada de Cinema — «A Oitava Mulher do Barba Azul» («Bluebeard's Sigth Wife») — com Gary Cooper, Claudette Colbert e David Niven. Ano de producão: 1938. Realizacão de Ernest Lubitch; **22.50**: Há Só uma Terra — um programa sobre o meio ambiente; **23.10**: Telejornal — 3.ª edicão; **23.25**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e Desenhos Animados; **20.25**: Ver — um programa produzido e realizado por José Elyseu; **20.50**: Retrospectiva; **21.05** A Caminho do Oriente; **21.30**: Telejornal — 2.ª edição em diferido do I Programa; **22.00**: Programa musical da série «Die Kleine Show»; **22.30**: «O Sinal do Dragão» — série filmada, com David Carradine; **23.30**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

BENFICA ESCAPA COM VIDA EM BUDAPESTE

FUTEBOL DE MÁSCARA NEGRA

COMENTÁRIO POR NEVES DE SOUSA, NOSSO ENVIADO ESPECIAL À HUNGRIA

Demos graças a Deus: se a Eurovisão tem transmitido para Portugal, em directo, aquela fantochada do desafio de futebol entre o Ujpest e o Benfica, teríamos a esta hora (e, com toda a razão) mais uns largos milhares a alinharem no bloco chispante dos detractores do mais belo jogo de conjunto que se pratica por esse mundo fora. E que, amigos, só visto se pode acreditar: foi uma tristíssima demonstração de como não deve ser encarado o Desporto. E o espantoso, o insólito, o mais estranho da história é que a palhaçada (estilo «Praça da Ribeira», como o bom louraço Artur sugeriu para genérico título) se desenrolou em território de gente culta, inteligente, dessa que parece *(a priori)* não imbuída de clubites agudas ou de quebra de discernimento ante os desaires das suas cores desportivas favoritas. Pois sim: deviam vê-los, a esses húngaros de garganta afiambrada para o insulto, para o batuque, para as cornetadas, para as rocas e os foguetes, os dixotes até ao banco dos responsáveis benfiquistas, a ameaça de «encosto» físico aos homens da Informação que tinham tido o «azar» de acompanhar, até Budapeste, uma turma de chutadores que (por acaso) carregava na bagagem três golos de vantagem em duelo na progressão para uma marcha até troféu europeu.

Primeiro ponto, portanto, a censurar: o comportamento do público húngaro que, embora não enchendo aquele resíduo de «estádio» em que mora o Ujpest, berrou até ficar com os bofes por fora, assobiando os visitantes por tudo e por nada, incitando à extrema violência os jogadores (profissionais? diletantes?) que envergavam as cores do seu emblema. O Ujpest é o «team» oficial da Polícia de Budapeste: não reúne a simpatia popular que é outorgada quase inteiramente ao Ferencvaros (bloco do Povo) nem tem o prestígio junto das multidões de um Honved, um MTK ou um Vasas (grupo dos Sindicatos). O Ujpest tem contado (isso sim) com praticantes de valor excepcional, desses que fazem as delícias das multidões: daí que os seus apaniguados, neste 1975 de sua graça, tivessem ido para o «estádio» (barracão de cimento *desarmado* e madeira carcomida) com a quase certeza de que a sorte da eliminatória, o sinal numérico da disputa, ia mudar de rumo. Por completo. Assim se poderá tentar explicar o modo impensado como o público do Ujpest patenteou um fanatismo impressionante. Contagioso. Bélico. De tal maneira que o pobre italiano Ricardo Lattanzi, ido de Roma para apitar o onzexonze, entrou no rectângulo transido de medo. E, o caso não era para menos: em torno do relvado não existe arame farpado, nem rede protectora, mas via-se bem o lento «desfile» de policias com cães açaimados pela trela. Um rapazito dos seus 14/15 anos que, antes do jogo principiar, teve a veleidade de pisar a relva, logo ficou preso pelas calças (fundilhos fora...). Uma maneira de acabar com as invasões: mas que, em contrapartida, excita os ânimos na bancada e provoca uma espécie de loucura colectiva altamente efervescente.

A MERCURI ESTEVE COM O BENFICA EM BUDAPESTE

Já vimos futebol em muitos locais deste planeta: do Brasil à Venezuela, da Argentina a Itália, de Espanha à Inglaterra, da Holanda à Alemanha, da Grécia à Jugoslávia, passando pela Alemanha Democrática e pela Suíça, Roménia e França. Eu sei lá! Pois a verdade é que nunca tínhamos presenciado (nem num Maracanã ao rubro) uma fogueira daquelas, tão cáustica, tão barulhenta, tão incendiária. E, de certeza, para o árbitro também aquele aparato foi o primeiro sinal do que lhe poderia suceder se não autorizasse os «ujpestes» a cilindrarem as hostes contrárias.

E aconteceu isso mesmo: um clima de tal loucura, de tão grande violência, que desnecessário se torna dizer mais qualquer coisa que um simples focar de pontos verídicos: que se podem exprimir na singeleza de oito «cartões amarelos» e duas expulsões, ficando ainda no palco boa meia dúzia de futebolistas que, em torrentes de atitudes, mais pareciam guerreiros mongóis ao assalto das terras ricas que simples e puros praticantes de futebol, a esgrimirem por um puro e simples resultado desportivo. Assistiu-se, como está a perceber-se, a cabeçadas, murros, dedos no olho do parceiro, pontapés nas canelas, chutos no estômago e, até, um toque de cabeça no meio das costas de certo elemento de emblema caseiro. Faltou-se ao respeito ao árbitro e este, por seu turno, gozou com a malta toda, dominado pelo pavor, a tremer como vara verde, de perna coxa logo ao primeiro arranque, sempre com o pêlo em risco de sofrer carga daquela brigada pesada que, de dois lados, o empurrava para a parede e o reduzia à mais simples expressão anímica.

Estragou-se o jogo logo antes de começar: com a monstra assobiadela ofertada à delegação benfiquista e com a euforia que rodeou a entrada no terreno dos magiares, que pareciam tocados pelo Demo, logo a lançarem galopadas de delírio sobre as redes de José Henrique. E, aos 3 minutos, o primeiro golo: o «gato», junto ao poste esquerdo da sua baliza, soca uma bola para pertíssimo e, em corrida desvairada, aparece o careca Bené a empurrar de cabeça para as malhas.

O Ujpest ganhou (se possível) alento ainda maior: e a batalha campal estava desencadeada. Valia tudo, mesmo tirar olhos. E as cargas, os empurrões, as jogadas súcias avolumavam-se de tal modo que, mal nos preocupavamos em colocar um sinalzinho de uma delas nos apontamentos do «espectáculo», logo outra e outra e mais outra, ainda, apenas já serviam para adiantar risquinhos no registo da luta. E, nunca este termo (luta) fica tão bem empregue...

O «PENALTIE»

O Benfica, com nove homens nos últimos 30 metros do seu reduto, fazia o jogo previsto pelo treinador: destruir, por qualquer preço, a progressão até ao seu castelo e, se possível, fazer chegar uma ou outra bolita a Jordão ou Moinhos, os únicos que se batiam perto da linha central. Aconteceu, então (14 minutos) que Toni conseguiu fazer um passe ao angolano da frente: e este, deambulando por alí fora, com asas nos pés, teve de ser varrido em plenas 18 jardas. «Penaltie»: insofismável, que ninguém podia meter na manga. Jordão levanta-se, sacode o pó e vai cobrar a falta: lentamente, denunciando o chuto, que foi direitinho, a passo, para o centro da esquadria, onde o guarda-redes o sacudiu para o lado, de molde à recarga se perder aí a uns dez metros de altura. Tivesse a grande penalidade entrado nas redes de Rothermel e outro galo cantaria na noite pardacenta e com chuva no horizonte. Mas, o dianteiro da «águia» cometeu um erro quase indesculpável, sem razão para desculpa em que cobra muitos milhares, para saber fazer o essencial... Verdade se diga, porém, que pelo tempo adiante Jordão se redimiria deste lapso: foi o «bombo da festa» defronte da biqueira das botas húngaras, levou tareia de criar bicho, espatifou-se pelo chão adiante aí uma dúzia de vezes, provocou «livres» sem conta e, para cúmulo, até defendeu um golo certinho, que ia a entrar na sua baliza. Logo não vale a pena falar mais no «penaltie» falhado: mas, pelo contrário, citar a sua abnegação neste vale-tudo.

Aos 19 minutos é Barros (o jogador que não quer que a Imprensa fale de si...) quem escamoteia a bola que vai a entrar por detrás de José Henrique. O domínio do Ujpest era constante, sem pausas, um peso sobre os nervos da centena e meia de portugueses que dava para gastar coramina durante muito tempo. O guardião português faz, então, a defesa maior do desafio: voo ao ângulo direito e bola socada para fora, quando estava a um palmo da trave tracejada a preto e branco. Mutismo na bancada dos «policias»: festa muito moderada entre a falange de apoio transportada pela «Mercury», que não podia expandir-se muito por causa das moscas...

Nené levou a mulher e o filho a Budapeste para o verem fazer o golo da qualificação «encarnada»

Aliás (e voltando a falar de José Henrique) aí temos outro jogador que alternou o excepcional com o péssimo: um primeiro golo infantil e uma travagem de truz, um mergulho colossal e um segundo tento de chupeta metida na boca. Mas, já lá chegaremos: até aí, citem-se os cartões amarelos que iam desfilando pelas barbas da rapziada. Começou no húngaro Juhasz (irrascível, incapaz de dominar o nervoso) e passaria logo a andar num virote, de cá para lá e volta ao local do «crime».

Advertência a Zambó por sopapo dado em Eurico. «Amarelo» a Malta da Silva, a Eurico, a Artur e Toni, tudo de uma rodada. Como qualquer Cordobez brindando à praça, mestre Lattanzi fez um círculo de 180 graus com o cartãozinho à frente de toda a malta que lhe apareceu à frente. Aí, o principal prevaricador, continuou em campo: foi um futebolista cá da casa que, sem mais nem menos, cuspiu para as pernas do árbitro, quando este se encontrava de perfil. Mas como estava a choviscar, o *barulho das luzes* disfarçou o impensado acto do jovem atirador de cuspo...

PUGILATO

Até então (meia hora e picos) o guarda-redes do Ujpest apenas defendera o «penaltie» e um rematę rasteirinho de Toni. Mas, mal se via um branquinho pela sua jurisdição (Benfica equipou totalmente como os anjos) logo saiu um húngaro de faca afiada. Aí temos, então, outro «amarelo»: a Vítor Martins, carregado em falta por J. Toth. Nove minutos passados e é J. Toth (atirado para a relva em «vendeta» de Martins) quem riposta a murro e leva também com o rectângulo amarelinho. Um fartote: que daria para muitas gargalhadas, não fora a pobreza de espírito desportivo que evidenciava até perante leigos em comportamento social.

No meio disto tudo, havia foras-de-jogo a despropósito, faltas marcadas ao contrário, gente a praticar a «nobre arte» do murro e a valente cabeçada que é apanágio dos donos das zonas ribeirinhas. Vinte homens na grande área do Benfica dão (igualmente) uma ideia do clima em que decorria o andamento dos ponteiros.

A TÁCTICA

Tal como estava calculado, Nené entrou logo no início do 2.º tempo, a substituir Shéu, que tinha sido um «back» rápido e sem hesitações. Mário Wilson (confidenciara-nos na véspera) ía tentar, com a rapidez fresca de Tamagnini Nené, o golo-surpresa. Acertaria, para repouso do clube da Luz, nesta carta ousada e bem atrevida, própria de quem tem coragem para grandes decisões e sapiência entendida no seu «métier».

Andemos para a frente. Advertências a Horvath e a Barros, pontapé de Jordão em Fazekas, chuto de Malta numa tíbia de Nagy, cacetada bravia entre Andras Toth e Vítor Batista, Toni e quem passava pertinho, tal e qual como na zona «defendida» pelo camarada Dunai III, nitidamente com o fígado a precisar de revisão.

E vem o segundo golo: José Henrique, que desde o princípio do encontro (da «guerra»...) era sempre carregado quando se aprestava para repor a bola em jogo, andou com ela aos saltinhos, da mão esquerda para a direita, da direita para a esquerda: o espertalhão do Bene rapa-a com a sola da bota e faz o 2-0. Henrique ainda ficou à espera do silvo do árbitro, como se o húngaro tivesse de ser penalizado pela sua atenção. Depois correu para a rede, mas já era tarde: traiçoeira, gozona, lá estava a bola no ninho. Foguetes no ar, gargalhadas na bancada, o bom do Zé «Gato» a vir por ali fora, como pocesso, para querer dar de primeira em quem surgisse pela frente. A rapaziada a segurá-lo, o árbitro a correr ao pé coxinho, todo o maralhal ao Deus dará.

Cartão vermelho a Vítor Martins, que deitava espuma pela boca, a «dialogar» no seu esperante com o chamado «juíz da contenda». Outra advertência a Malta, por ceifar um indígena que estava a correr pela lateral. E surge o 3-0, por Nagy após um cruzamento da esquerda que deixou petrificada a defesa do Benfica. Foi o bom e o bonito, na bancada: parecia o Júlio de Matos em dia de (eventual...) rancho melhorado.

A festa dos húngaros estava a pino. Ninguém tirava da cabeça daquela gente que o Benfica estava nas lonas. Zambo, como um demente, saltava por cima de qualquer tipo como galgo atrás de lebre. A certa altura, ferra com os cinco dedos num sócio de outra paragem, aplica um chuto num segundo e, não contente, cospe ainda na direcção do fiscal-de-linha que (logicamente) levantara a bandeira a assinalar a falta. Olho da rua, é evidente. Dez *contra* dez, já que este jogo ninguém poderia ver dez/onze a fazerem desporto *com* dez/onze.

Finalmente, o duche frio como gelo: Nené, de longe, bombeia a bola para a rede. Parece que ela vai sair fora: foi o que pensou o estúpido do Rothermel, a quem bastava levantar a mão para evitar o pior. Mas a bola entrou: Wilson também. Entra em campo, corre para Nené, beija-o, amarrota-o todo, antes de os colegas o sufocarem num mar de abraços. Os 150 portugas dão pulos como corças. Amocha o pagode magiar, até porque, logo de seguida, o 3-2 esteve à vista (igualmente via Nené). Bastos Lopes, que substituira Moínhos, era mais um defesa no molho dos dez que estavam a cobrir José Henrique: e que ninguém conseguia destroçar, dados os bons cortes de cabeça por Eurico e a força com que Malta e Artur aliviavam (mesmo para onde estavam virados...) a avalancha do último suspiro do Ujpest.

Por isto, por quanto ficou escrito (ou por dizer, graças à derradeira reserva de pudor) o leitor fica com uma ideia da miséria do «show». Que ela sirva para reflexão a todos os intervenientes, sobretudo quando o relatório do «árbitro» for contemplado pelo Conselho de Disciplina da U.E.F.A. e uma montanha de castigos a bater à porta do eliminado Ujpest, mais do impante Benfica que pode, por causa do «terramoto» em Budapeste, ficar sem duas ou três pedras-bases para o diálogo que chegará após o sorteio de Janeiro.

Enfim: não valerá (sobre esta espécie de jogo) gastar mais falas. Amanhã, a respeito de factos circundantes, voltaremos a conversar com os leitores do «DL». Mas (prometido) nem uma palavrinha para acréscimo à mais negra noite desportiva que algum dia presenciei desde que me entendo.

VICENTE FEOLA MORREU

SÃO PAULO (BRASIL) — Vítima de um colapso cardíaco, morreu ontem, em São Paulo, Vicente Feola, ex-treinador da selecção brasileira de futebol.

Feola, que contava 65 anos, exercia as funções de superintendente da equipa local do São Paulo e era conhecido nos meios desportivos pelo apodo de «gordo bom». Tinha duas filhas e três netos.

Selecções escolhidas

. SELECÇÃO A: Damas e Botelho, guarda-redes; Artur, Rebelo, Pietra, Tai, Humberto, Freitas, Rui Rodrigues e Carolino, defesas; Otávio, Alves, Oliveira e Toni, médios; Vítor Baptista, Nené, Jordão, Moinhos e Marinho, avançados.

ESPERANÇAS: Tibi e Matos, guarda-redes; Ramalho, José Mendes. Teixeira, J. Cardoso, Zezinho e Gabriel, defesas; Abreu, Frasco, Vítor Pereira, Shéu e Rodolfo, médios; Marinho (Sp. Braga), Manuel Fernandes, Gomes, Vital, Júlio e Jorge, avançados.

Nacional

M.D.P. FAZ O PONTO

REGIME DEMOCRÁTICO OU AUTORITÁRIO

—eis a alternativa

«Regime democrático que avança para o socialismo ou regime autoritário e repressivo evoluindo rapidamente para o fascismo: esta é a alternativa que está colocada perante o povo português mas que a força do movimento popular e a acção dos militares progressistas e de todos os verdadeiros patriotas pode resolver a favor da liberdade e do socialismo». O excerto vem de um longo texto do Movimento Democrático Português (MDP) ontem emitido, ponto interpretativo e crítico da situação política actual.

Conclusão final, o dilema ou a alternativa aparece na sequência de uma demorada análise dos diversos factores que caracterizam o estado crítico em que o processo político português se encontra. A posição do MDP é, fundamentalmente, a de não apoiar o VI Governo, e isto pelas inclinações das forças políticas que predominantemente o integram e concretizadas (as inclinações) na generalidade das suas acções ultimamente assinaladas na vida portuguesa. A posição actual do MDP, aliás, confirma a posição que o partido anteriormente assumira, quando da assembleia de Tancos e, a seguir, a constituição do VI.

Agora o MDP aponta sobretudo para «uma política de direita» que vem sendo executada e assume-se numa perspectiva de oposição — a de «uma poderosa resposta dos trabalhadores, das massas populares e dos soldados e marinheiros concretizada num conjunto rico e variado de acções e iniciativas que alargaram a organização popular e militar e deram corpo a uma fortíssima movimentação revolucionária em defesa das conquistas populares, em resistência a todas as medidas visando travar o processo revolucionário».

DIREITA E ESQUERDA

Em oposição a uma «política de direita», como o MDP caracteriza a que o VI Governo vem prosseguindo, o partido propõe: «Uma política contra os monopólios os latifúndios e o imperialismo, que sirva os interesses dos trabalhadores e permita retirar à influência conservadora e reaccionária os pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais. Uma política que terá de se caracterizar pelo apoio e aprofundamento da reforma agrária e das nacionalizações, pelo reforço e coordenação da intervenção dos órgãos de poder popular na vida política, pela democratização do aparelho de Estado e das Forças Armadas, e muito especialmente pelo enérgico combate à reacção, desmantelando as organizações fascistas e reprimindo severa e exemplarmente as actividades contra-revolucionárias. Uma tal política — considera o Movimento — é a única que pode efectivamente abrir caminho à resolução dos mais graves problemas nacionais, é a única que pode realmente ganhar e mobilizar amplos sectores da população para as tarefas patrióticas, é a única que pode garantir o respeito pela ordem democrática e o estabelecimento da autoridade revolucionária e de um clima de tranquilidade e segurança desejada pelo povo português».

RESOLVER A CRISE

A crise — diz o MDP —, a sua resolução «é um imperativo patriótico do momento actual». Por isso, «torna-se imperioso, respeitando a vontade afirmada pela grande movimentação dos trabalhadores e das massas populares nas últimas semanas, remodelar os actuais órgãos de poder, pondo termo à política de direita em curso, fortalecendo as posições progressistas, dando passos no sentido de firmar o carácter revolucionário que o poder tem de assumir em Portugal».

Concretizando: «Nas condições actuais, e para garantir a aplicação de uma política de esquerda, a remodelação dos órgãos de poder tem de significar, no plano do Governo: a exclusão do PPD como partido contra-revolucionário que é, e de todos os elementos de hegemonia do PS; uma forte participação das forças e sectores revolucionários, civis e militares.

No plano militar — diz ainda o MDP — é essencial reconstituir o Movimento das Forças Armadas como movimento democrático e revolucionário, com base no reconhecimento e legalização das estruturas associativas de praças e sargentos; com o adequando reconhecimento do peso que as praças devem assumir em todas as estruturas e órgãos do MFA; com base numa participação mais ampla dos militares revolucionários no Conselho da Revolução».

P.S. PROMOVE

Manifestação em Lisboa ao Primeiro-Ministro

O Partido Socialista anuncia para o próximo domingo uma manifestação de apoio ao almirante Pinheiro de Azevedo e ao VI Governo.

..«A hora é grave» — diz aquela organização, num comunicado ontem emitido e posto a circular, a considerar as razões por que está a promover no sentido de que a sua iniciativa venha a merecer o apoio e a adesão não só dos seus militantes, aderentes e simpatizantes mas também dos de outras organizações políticas. «Chegou a hora do povo de Lisboa e dos socialistas e democratas de todo o País se concentrarem numa grande manifestação nacional, para barrar definitivamente o caminho à reacção e ao golpismo.»

..Desconhece-se por enquanto que outras organizações irão alinhar com o P. S. na manifestação de domingo, mas parece presumível que a ela adira pelo menos o P. P. D., à semelhança do que anteriormente aconteceu no Porto e em Faro.

..A manifestação começa com uma concentração no Terreiro do Paço cerca das 17 horas.

O QUE SÁ CARNEIRO DISSE EM LEIRIA

Publicou o nosso jornal na sua edição de 3 do corrente uma breve notícia intitulada «Sá Carneiro em Leiria», referente à participação do secretário-geral do P. P. D. num comício desta organização realizado em Leiria no dia anterior. O texto incluia três citações, atribuídas à intervenção que Sá Carneiro teve na sessão uma, alusiva ao P. S. e a Mário Soares; outra referente à Igreja Católica; e uma terceira respeitante a Angola.

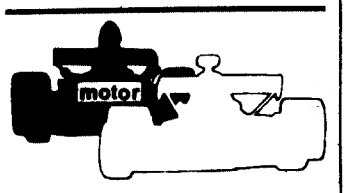
Escreve-nos o próprio secretário-geral do P. P. D. a chamar-nos a atenção para a «deturpação» que o «DL» fez das suas palavras e envia-nos os excertos do discurso que pronunciou, com a informação de que eles constam de gravação existente — e ao nosso dispor. Basta-nos a palavra de Francisco Sá Carneiro, para admitirmos que houve «deturpação», como o próprio diz, muito embora se tenha de acrescentar que as deturpações que houve serão principalmente literais e só secundariamente de sentido.

Isto dito, aceita-se a informação do secretário-geral do P. P. D., Francisco Sá Carneiro, que disse, de acordo com o texto que nos faculta, o seguinte:

. A respeito do P. S. e Mário Soares: «o P. S. nem sempre com clareza definiu as suas posições: e ultimamente, mais gravemente, criou uma certa e nociva ambiguidade. Senão, vejamos — exemplificou: — Mário Soares, tanto nas entrevistas que deu a uma revista francesa, quando há pouco se deslocou ao estrangeiro, como no último artigo do Portugal Socialista, pôs claramente as coisas. Na entrevista salientava que o P. S. estava plenamente consciente que a marginalização do nosso partido não seria mais do que um primeiro passo para a liquidação do P. S. (...) E no seu último artigo, cito de memória, Mário Soares salientava ser cada vez mais inviável a unidade do P. S. com o P. C., porque o P. C. estava dando cada vez mais provas de não ser um partido democrático. Sendo assim, e infelizmente assim — constata, considerando, Sá Carneiro — não compreendemos como o P. S., no seu último comício de ontem em Sacavém, pela boca de Mário Soares, nos faz uma admoestação severa e diz se o P. C., o P. P. D. e as Forças Armadas continuarem a sabotar a acção do Governo, ele constituirá sozinho com o M. F. A. o novo Governo. Não o menciono com qualquer intuito de ataque ao P. S., mas sim com consciência plena de que a hora é de falar claro e de claramente esclarecer as dúvidas. Ou isto é gralha do jornal, ou é gralha do P. S. Num caso ou noutro, a gralha tem de ser corrigida.»

. Sobre a Igreja Católica, Sá Carneiro: «Uma última palavra para que, a Igreja Católica e a todos os seus fiéis, como a todos os portugueses, não seja imposta a voz do túmulo que vigora em tantas democracias ditas populares, em que o monopólio de toda a vida de um país, de toda a vida de um povo por um partido único, não consente às pessoas outra vez e outro gesto que não sejam os autorizados por esse mesmo partido. Que isto não suceda no nosso país, para que ela não morra debaixo da ditadura de um partido.»

. Quanto a Angola, pelo menos nos excertos que Francisco Sá Carneiro nos faculta o secretário-geral do P. S., uma só referência: «Para todos aqueles mortos que, em Angola e nas outras antigas colónias, tombaram vítimas, não de uma descolonização ao que podia e devia ter sido exemplar, mas da barbárie posta à solta pelos gravíssimos erros cometidos, e triste dizê-lo, por portugueses depois do 25 de Abril, vai também a nossa homenagem.»



SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

SEDE: PRAÇA D. LUIZ, 17-1.º DT.º — TELEF. 96 11 02/3 — LISBOA 2

MOÇÃO

A actual ofensiva das forças de direita concretiza-se na tentativa de colocar no aparelho de Estado homens com um passado fascista, com vista à concretização duma política de direita por parte do VI Governo, política essa claramente anti-socialista e reaccionária. É assim que vimos assistindo diariamente ao saneamento de técnicos e trabalhadores progressistas e à sua substituição por antigos colaboradores do anterior regime. A fascização do aparelho de Estado faz parte da estratégia mais global dos sectores reaccionários deste país, que a coberto da demagogia do VI Governo, tentam o assalto dos órgãos de poder, numa perspectiva clara de inverter o processo revolucionário, de recuperar terreno para a burguesia monopolista e latifundiária.

AS MEDIDAS DO VI GOVERNO CONSTITUEM JÁ UMA BELA PÁGINA NA HISTÓRIA DA CONTRA-REVOLUÇÃO.

Agora preparam-se para lançar cá para fora, a conta-gotas, esse famigerado «Plano de Emergência», bastante fértil em medidas de austeridade e sacrifícios, mas para quem? Para nós, evidentemente, não para a burguesia exploradora!

Os saneamentos à esquerda, o combate à Reforma Agrária, as calúnias de alguns ministros contra as lutas dos trabalhadores e o Poder Popular, bem como a repressão nazi da PSP e GNR sobre os trabalhadores e as massas populares, hoje frente ao Ministério da Comunicação Social, ilustram bem que a reacção e o fascismo planeiam instalar em Portugal um regime feroz de repressão, contando para tais tenebrosos planos com o apoio descarado dos ELP-PPD-MDLP do spinolista e fascista Sá Carneiro, desejoso dos velhos tempos e verdadeiro ponta-de-lança das forças contra-revolucionárias e fascistas que conspiram abertamente, espreitando uma oportunidade de desencadear um golpe reaccionário contra as massas trabalhadoras e suas organizações.

É neste programa que se insere a luta pela expulsão imediata desse cabecilha da superpide Ferreira da Cunha, actual secretário de Estado da Informação. Os trabalhadores do Ministério da Comunicação Social decidiram em atitude revolucionária o seu saneamento do Ministério, e logo de imediato forças de PSP e GNR desencadearam uma feroz e histérica repressão aos trabalhadores que se opunham à sua entrada no Ministério. As massas trabalhadoras não permitirão que estes nossos camaradas sejam barbaramente atacados pelas forças de repressão.

A unidade de todas as forças progressistas, das massas trabalhadoras e dos soldados revolucionários serão o garante de que o processo revolucionário não será posto em causa e de que avançaremos, cada vez mais, com a nossa luta pelo saneamento dos fascistas, bem como com todas as conquistas alcançadas pelas massas trabalhadoras após o 25 de Abril.

— FASCISTAS FORA DO GOVERNO

— REACCIONÁRIOS FORA DOS QUARTÉIS

— OPERÁRIOS E CAMPONESES, SOLDADOS E MARINHEIROS UNIDOS VENCEREMOS

Lisboa, 6-11-75

A DIRECÇÃO

Rolis-Sociedade Retalhista de Acessórios para Automóveis, Limitada.

Notariado Português

Eu, abaixo assinado, ajudante do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, número 202 rés-do-chão, certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 17-10-75, lavrada nas notas deste Cartório no livro B-173 de folhas 61 verso a folhas 64, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se rege nos termos e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade girará sob a denominação de Rolis-Sociedade Retalhista de Acessórios para Automóveis, Limitada, e vai ter a sua sede e escritório na Rua Alexandre Ferreira, número 34, letra E, freguesia do Lumiar, em Lisboa.

§ único — A gerência poderá estabelecer sucursais, filiais ou outras formas de representação social, onde e pelo tempo que entender conveniente.

2.º — A sua duração é por tempo indeterminado, a partir de hoje.

3.º — O objecto social é o comércio, armazenagem, importação e exportação de acessórios para automóveis, aparelhos electrodomésticos, aparelhagem electromecânica e mecânica de precisão, ou qualquer outra actividade em que os sócios acordem.

§ único — A sociedade poderá estabelecer oficinas de assistência técnica ou fábricas, quando, onde e pelo tempo que achar conveniente.

4.º — O capital social é de 100.000$00, encontra-se integralmente realizado a dinheiro e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios: uma quota de 25.000$00 de Carlos Augusto Pereira Frade, uma quota de 25.000$00 de Carlos Camilo da Silva, uma quota de 25.000$00 de Fernando Ângelo Rodrigues e uma quota de 25.000$00 de Manuel dos Santos.

5.º — Dependem do consentimento da sociedade as cessões de quotas a estranhos.

6.º — Todos os sócios são gerentes, com dispensa de caução.

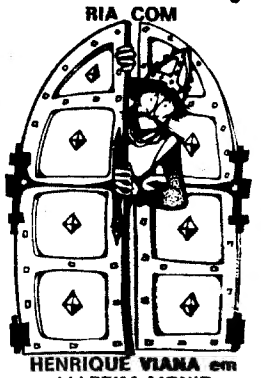
§ 1.º — Para que a sociedade se considere validamente obrigada é necessária a intervenção conjunta de 2 gerentes.

§ 2.º — A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, abonações, letras de favor e outros actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

7.º — Quando a lei não exigir outras formalidades e prazos as reuniões de assembleia geral serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com 8 dias de antecedência, pelo menos.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original no qual nada há em contrário ou além do que se certifica. Lisboa, 22 de Outubro 1975.

A ajudante,
(Maria Antonieta dos Santos Carrico Estevão).

É SÓ BRONCAS!
NO
ADÓQUE
grupo de teatro
(ao Martim Moniz)
Telef. 87 42 80
HOJE, às 20.30 e 22.30 h
UMA
REVISTA À PORTUGUESA
PARA O
POVO PORTUGUÊS!
ACTA DOS CARDEAIS
3.º MÊS!
RIA COM

HENRIQUE VIANA em
«MARTIM MONIZ»
UM NÚMERO
QUE É UM ENTALANÇO!..
num teatro COMPLETAMENTE REMODELADO. Bilhetes desde 30$00!
(Não acons. men. 18 anos)

Geral

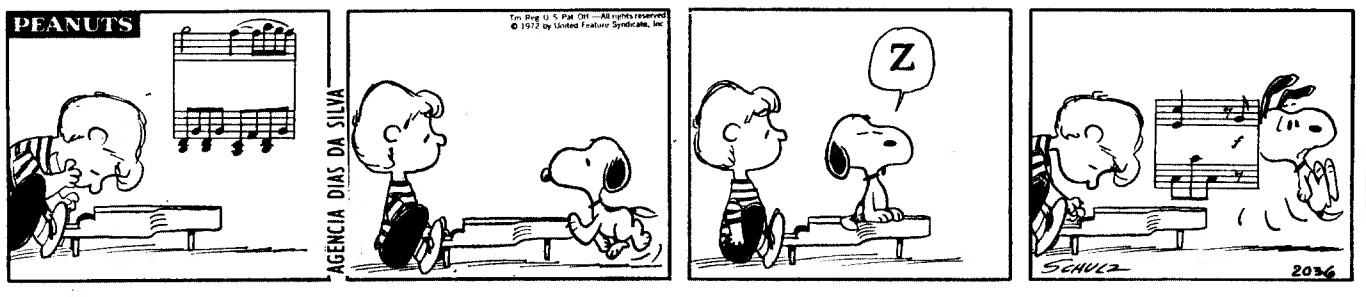
GOLPE DE TEATRO NO BANGLA DESH

NOVA DEHLI, 7 — (F. P.) — Em autêntico golpe de teatro, o general Ziaur Rahman, afastado na passada segunda-feira do seu posto de chefe do Estado-Maior por um dos seus companheiros de armas, o general Khaled Moshareff, reconquistou o Poder em Dacca, segundo anunciou hoje Rádio Dacca, captada na Índia.

Falando pela rádio, o general Rahman anunciou ter tomado o Poder a pedido do povo, das Forças Armadas, da Marinha, Aviação e Polícia». O general afirmou que a vida decorre normalmente, estando a funcionar os serviços públicos, os tribunais, os portos, aeroportos e as fábricas.

Rahman convidou a população a dedicar-se às suas actividades normais pacificamente e concluiu o seu apelo pedindo que «Alá todo poderoso nos auxilie».

Rádio Dacca não deu qualquer informação acerca do destino reservado ao general Moshareff e informa que milhares de pessoas sairam para a rua, exprimindo a sua alegria pela vitória do general Rahman.



M.D.P. comenta "negócios" do eng. Teixeira de Melo

PORTO, 7 — Em comunicado enviado ao Primeiro-Ministro e ao ministro da Administração Interna, a comissão executiva distrital do M. D. P/C. D. E. afirma, a propósito do novo governador civil de Braga, eng.º Eurico Teixeira de Melo:

«Em 25 de Agosto de 1973 paeticipou simultaneamente em três escrituras com a Somelos, na venda das respectivas quotas à Têxtil Manuel Gonçalves e ao próprio Manuel Gonçalves, em condições muito estranhas, do que resultou a venda da sua quota de 750 contos por 39.300 contos à Têxtil Manuel Gonçalves; na mesma data comprou parte da quota da Somelos, de 1875 contos, dando por ela 7200 contos, que, ainda na mesma data, vendeu à Têxtil Manuel Gonçalves (recebendo 10 mil contos pelo resto da quota de 1500 contos). Após este negócio com Manuel Gonçalves, constituiu juntamente com a Somelos uma nova empresa, a Eta-Empresa Têxtil de Acabamentos, actualmente em construção.»

C.D.S. demarca-se em relação a outras forças políticas

«É inteiramente caluniosa e surpreendente a acusação que o Secretariado da FUR produz, em recente comunicado, ao insinuar que o C.D.S. dispõe de armas» — considera a secretariado da Comissão Política deste partido num comunicado datando de 3 do corrente e agora posto a circular..

A referência à FUR (aos «dislates da FUR»; expressão do C.D.S.) juntam-se a uma série de considerações que o C.D.S. faz às restantes forças políticas em presença mais actuante na cena portuguesa actual. O texto refere ainda «certas impertinências do P.P.D.» e a «duplicidade do P.C.P.», parecendo no entanto que fica de fora o P.S., a não ser por meras alusões e indirectas.

O C.D.S. diz que «não pode deixar de denunciar publicamente a campanha de insinuações aleivosas que contra si (o C.D.S.) têm sido publicadas nos últimos dois números do «Povo Livre», semanário oficial do P.P.D.» E diz o C.D.S.: «No momento em que a direcção do P.P.D. se empenha numa luta encarniçada contra a extrema-esquerda, o P.C.P. e vários sectores militares não deixa de ser alarmante constatar os recentes ataques dirigidos contra o C.D.S., e, agora também, contra o P.S., por parte do P.P.D. Que pretende a direcção do P.P.D.? pergunta o C.D.S. Não será o C.D.S. quem irá adoptar táctica de processos de intenção a que o «Povo Livre» se vem dedicando. Mas o C.D.S. sente-se na obrigação de perguntar à direção do P.P.D.: será que a fogueira portuguesa precisa de mais achas?; será essa a melhor forma de defender a democracia?».

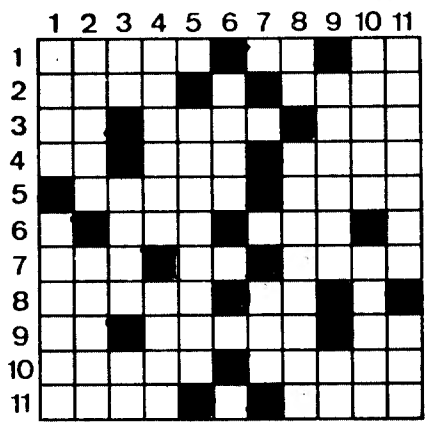
Para o C.D.S. «a democracia representativa é a única fórmula de conciliar a liberdade com o progresso e a igualdade.» Mas acrescenta «a democracia directa não funcionará se não for assegurada a estabilidade do Estado de Direito, através da democracia representativa. Esse foi — considera o texto — um dos grandes objectivos do 25 de Abril. Grande traição ao povo português se daria, se esse objectivo fracassasse.»

Ultimamente dando mostras de que se prepara para as prometidas eleições legislativas, o C.D.S. deve inscrever nos seus objectivos mais imediatos uma demarcação clara em relação às forças políticas não só de esquerda; está igualmente a demarcar-se em relação ao P.P.D., que não tem (com o C.D.S.), tão poucas afinidades como estes ligeiros atritos chamemos-lhe assim, ligeiros atritos, poderão fazer supor.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11230



HORIZONTAIS

1 Em excesso. Pronome reflexo. Antes de Cristo.
2 Rezai. Prende com soga.
3 Crómio (s.q.). Nome de homem. Lírio.
4 Preposição e artigo definido. Estime. Rosto.
5 Dão sova em. Lavras.
6 Pátria. Acreditei.
7 Recusa. Letra grega. Curandeiro (Bras.).
8 Cercadura de debrum de vestuário. Nota musical.
9 Atmosfera. Fomentar (fig.). Nota musical.
10 O mesmo que boneca (Prov. transm). Mangueira.
11 Tosto. Fecham as asas para descer mais depressa.

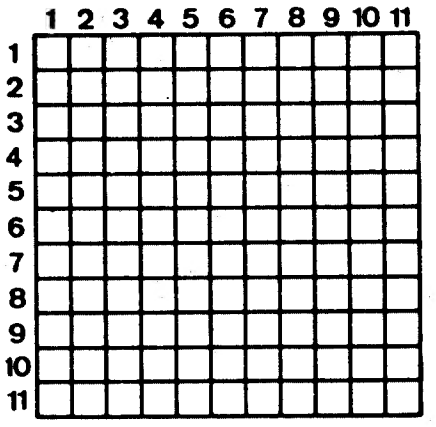
VERTICAIS:

1 Cidade da Arábia. Seduz.
2 Freguesia do concelho de Mogadouro. Serra de Portugal.
3 Tempo do verbo ir. Aroma. Césio (s.q.).
4 Extraia. Ilha do Pequeno Belt.
5 Amachuca.
6 Aquele que.
7 Figura que simboliza o povo americano.
8 Pertences. Prantearas.
9 Fábrica de loiça de barro. Níquel (s.q.).
10 Procedera. Crê.
11 Unisse por casamento. Medida de líquidos da Holanda.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7391



HORIZONTAIS:

1 Tira. Bosque.
2 Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Lista. Nome de astro.
2 Bismuto (s.q.). Cor vermelha coralina. Nota musical.
4 Destroços (fig.). Levantamento de proibição.
5 Esbravejar. Fechar as asas para descer mais depressa.
6 Pertences. Mau cheiro.
7 Explorei. Mau cheiro. Artigo definido.
8 Lavrar. Vestígio que deixa a roda.
9 Nota musical. Afia. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire.
10 Chefe etíope. Pega. Apelido.
11 Espírito. Artérias.

VERTICAIS

1 Rio de Portugal. Lista
2 Previne. Praia.
3 Cobalto (s.q.). Nota musical. Basta. Samário (s.q.).
4 Rosto magro e pálido (fig.).
5 Rolas. Miriare.
6 Habitar. Freguesia do concelho de Guimarães.
7 Nota musical. Além.
8 Rachada.
9 Campeão. Liga. Pronome pessoal.
10 Cresta. Suaviza.
11 Combinar. Bolsas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11229

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 VIRTUDES. Vi	1 VENCEM. Sano
2 Era. Remaria	2 Iriarana. Ar
3 Ni. Pumas. Cr.	3 Ra. Sem. Na
4 Casamos. Dia	4 Pão. Bar
5 Er. Ob. Caos	5 Urumbamba
6 Mas. Acta	6 Demo. Cor. Ms
7 Ne. Mor	7 Emas. Tripa
8 Sam. Britara	8 Sãs. Cá. Tapo
9 Ba. Parar	9 Dã. Marau
10 Naná. Mapa	10 VÍCIOS. Rã
11 Oraras. Ouro	11 Iaras. Mário.

Provérbio: VIRTUDES VENCEM VÍCIOS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7390

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Ábila. Acaba	1 Amora. Taipa
2 Moras. Limam	2 Bota. Cordão.
3 Ota. Sue. Aba	3 Ira. Moro. Ir
4 Rã. Vinga. Ar.	4 La. La. VA. Aliso
5 Man. Ras.	5 Assina. Ao
6 Co. Anã. Um	6 Nu. N.S.
7 Tora. Agir.	7 Alegra. Ab
8 Arola. Abana	8 Cl. Aa. Abito
9 Id. Io. Bi. Am	9 Ama. Suga. Or
10 Pais. Toda	10 Baba. Minada
11 Aoros. Moral.	11 Amaro. Ramal.

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco ou moderado de Nordeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	10º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	13º
FARO	17º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima..... 21,5º

Figueira de Castelo Rodrigo

Mínima 6º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 15,7º
Atmosfera..... 1 3.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.25	4,1 m		
18.55	3,8 m	12.05	0,9 m
Dia 8			
7.11	3,9 m	0.19	1,2 m
19.418	3,5 m	12.53	1,2 m
Dia 9			
8.01	3,6 m	1.06	1,5 m
20.39	3,3 m	13.47	1,4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo; vento fraco ou moderado de Leste.

AMANHÃ

NASCER ÁS 8.10
OCASO ÁS 18.30

DIA 10 DIA 18 DIA 26 DIA 3

BARS BOITES — Estabelecimentos típicos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T. 364859/368197. Joanne Duples Stripteaseuse rodesiana**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Var edades internacionais. **T.261481/164526/264596°264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.**

RÁDIO

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música portuguesa
18.30 Colonizar-descolonizar, por Filipe Felgas — música portuguesa.
19.00 Informação de trânsito — música variada.
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
21.45 Observação de cinema, por Maria Cristiana e Damas Nunes
22.05 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
23.05 A grande música negra, por José Duarte
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
02.15 Temas de educação

2.º Programa
16.00 Uma obra, duas interpretações
17.05 Conjuntos instrumentais
17.30 O compositor da semana: Falla
18.50 «Três Danças», de Gustaf Dueben
19.00 Música portuguesa
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 e Estéreo — música ligeira variada
22.00 Música de câmara
22.30 Entre Lisboa 2 e Norte 2 — transmissão das provas finais com orquestra, do Concurso Viana da Mota

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de tecla
21.10 Música de câmara
22.00 Música vocal
22.30 Junção com o Programa Estereofónico
00.00 Música
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

Emissor de Lisboa — Onda Média, 299,18 m — 10 034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 — 782 KHz — EMISSÃO CONTÍNUA

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
1905 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
0005 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das **06.00** às **10.00** e das **14.30** às **17.00**

Rádio Peninsular

Das **10.00** às **12.00** e das **19.30** às **22.00**

Clube Radiofónico de Portugal

Das **12.00** às **14.30**

Rádio Voz de Lsiboa

Das **17.00** às **19.30** e das **22.00** às **02.00**

farmácias de serviço

TURNO E1
TODA A NOITE

ALVALADE
Belo, Avenida de Roma, 53-A, (Telef. 776314).
AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49, (Telef. 773043).
BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176-178, (Telef. 362687).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A, (Telef. 311216).
BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115, (Telef. 362350).
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C, (Telef. 703697).
CAMPOLIDE
Imperial, Rua General Taborda, 28 (Telef. 680931).
ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30, (Telef. 660955).
GRAÇA
Morão, Largo da Graça, 63, (Telef. 860700).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B, (Telef. 791131).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-A/C, (Telef. 720703-728395).
SANTO AMARO
Teles, Rua João de Barros, 2, frente, (Telef. 638176).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9, (Telef. 48642).

TURNO F-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALTO DE S. JOÃO
Vitalis, Rua Morais Soares, 69, (Telef. 841779).
ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32-36, (Telef. 845513).
ALVALADE
Marbel, Avenida de Roma, 131-A, (Telef. 776235).
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, (Galinheiras - Charneca), (Telef. 790969).
ANJOS
Magalhães, Avenida Almirante Reis, 4-D/F, (Telef. 49479).
AREEIRO
Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B, (à Praça do Areeiro), (Telef. 727300).
AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Avenida Praia da Vitória, 53, (Telef. 43938).
BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A, (Telef. 783179).
CAMINHOS-DE-FERRO
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90, (Telef. 847019).
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B, (Telef. 666971).
OLIVAIS-SUL
Antunes Rosa, Praça da Cidade do Luso, Lote 199, (Telef. 313610).
REGO
Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D, (ao Hospital de Santa Maria), (Telef. 778953).
RESTELO
Tanara, Rua Rodrigo Reinei, 3-A, (à encosta do Restelo, o próximo dos Moinhos), (Telef. 611814).
S. PAULO
Central, Rua de S. Paulo, 108, (Telef. 320389).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D.João I, 9-B (T. 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); **Igreja**, P.da Igreja, 22-A (T.937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T.938242)
DAMAIA
D.João, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461)
VENDA NOVA
Nova, R.Elias Garcia, 10 (T.972530)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T.950123)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Quimia, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R.António Granio, 2 (T.213161)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R.Costa Pinto, 184 (T.2432034). Até às 22 horas
OEIRAS
Godinho, R.Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Toda a noite
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204). Até às 24 horas
MURTAL
Pirmavera, R.das Parreiras, 2 (T.2472278). Toda a noite
MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (T.260087). Até às 22 horas
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (T.280078). Até às 22 horas: **Nova**, E.de Alvide, Fontainhas (T.281044). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Magalhães, R.Capitão Leitão, 8-B (T.2750242)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T.2073207)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R.Cabo da Boa Esperança, 25-A (T.2767356)
MOITA
União Motense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239029)
MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T.2310008)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Soromenho, P.Machado Santos (T.22691); **Alice**, P.do Quebedo (T.23743)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 15

ATÉ ÀS 22 HORAS

Foz, Rua Senhora da Luz, 380, Foz; **Alírio de Barros**, Rua de Costa Cabral, 240; **Gomes Carneiro**, Rua de Cedofeita, 348; **Magalhães**, Rua de Serralves, 566; **Nova de Monsanto**, Rua de Monsanto, 148; **Correia**, Praça Mousinho de Albuquerque, 50; **Corujeira**, Rua de S. Roque da Lameira, 1473; **Couto**, Largo de S. Domingos, 106; **Lapa**, Rua Antero de Quental, 211; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Correia, Praça Mousinho de Albuquerque, 50; **Corujeira**, Rua de S. Roque da Lameira, 1473; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140 e **Magalhães**, Rua de Serralves, 566

COIMBRA

Rodrigues da Silva, Rua Ferreira Borges, 32, (Tel. 24348); **S. José**, Arcos do Jardim, 41 (Tel. 24697)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.30, 22.45 (18 anos)
«A Mão no Ar e o Pé Atrás»
COLISEU
21.30 (6 anos)
Companhia Internacional de Circo
MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«Pequenos Burgueses»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
ÁDOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»
VILLARET
20.30 e 23.00 (13 anos)
«Pascoal»
CAPITÓLIO
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Psicina»
MARIA VITÓRIA
20.30, 22.45 (18 anos)
«Força, Força Camarada Zé»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«A Cólera do Vento»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«A Culpa Foi do Nero»
PARIS
21.00 (18 anos)
«Pecados em Família»
JARDIM
21.00 (18 anos)
«O Gato eo Rato»
MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Os Contos de Canterbury»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«Oh! Meu Querido Jorge!»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«Criado para Todo o Serviço»
CASCAIS
Oxford
16.00 e 21.15 (18 anos)
«Júlia e os Homens»

LINHA DE SINTRA

CARLOS MANUEL
21.15 (18 anos)
«Histórias Extraordinárias»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Tamanho Natural»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Noite de Silêncio. Noite de Sangue»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Cleópatra Jones»
COVA DA PIEDADE
Clube
21.30 (18 anos)
«As Mil e Uma Noites»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«La Bambina»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«As Mil e Uma Noites»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Pecados em Família»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A M[illegible] e a Puta»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Pecados em Família«
COLISEU
21.15 (6 anos)
«Música no Coração»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Veredicto»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Noites Árabes»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Como Caças um Marido»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«As Duas Fases de Uma História de Amor»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«A Matriarca»

COIMBRA

S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«A Ameaça»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Volta de Billy Jack»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«O Trio Infernal»
SOUSA BASTOS
21.15 (18 anos)
«Contacto em Salisbury»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«A Primeira Noite»

cinemas • cinemas • cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
EDEN
CHAMAVAM-LHE AMEN
ROXY
DEFENSORES DA CIDADE

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SPY'S
Espiões
N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme
4.ª Semana

APOLO 70

T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBÚRDIA NO OESTE
13.ª Semana
Às 24.00 Grupo D (18 anos)
AS 3 IRMÃS

ROXY

T. 48560 Hoje estreia às 21.15 h
Não acons. a menores de 18 anos
A História heroica da resistência jugoslava
OS DEFENSORES DA CIDADE
Às 14.00, 16.00 e 18.45
Int. a menores de 18 anos
PECADOS EM FAMÍLIA

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
[illegible]ico: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Casadas, solteiras, ricas e pobres nenhuma escapava
O OPORTUNISTA
Um filme de Mike Vardy

NIMAS

T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
QUE VIVA A REVOLUÇÃO
c/Marcelo Mastroiani

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SEMENTE DE TAMARINDO
4.ª Semana
Nas sessões das 15.15 e 21.15 Reportagem da visita do Senhor Presidente da República à União Soviética
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO
Prod. do Instituto Português de Cinema
Real. de Jorge Cabral

D. JOÃO V DAMAIA

T. 971794 21.00
Int. a menores de 18 anos
O FURACÃO DO KARATÉ

Na NAZARE o DIARIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA BATISTA

UNIVERSAL

T. 774402 15.17, 19.00, 21.00, 23.00
Não acons. a menores de 13 anos
O DESTACAMENTO VERMELHO POPULAR
Um filme da República Popular da China

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
SEIOS DE GELO
Com Mireille Darc e Alain Delon
Um filme G. Lautner

EDEN

T. 320769 Estreia de hoje às 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Nunca o «For West» foi tão devassado
CHAMAVAM-LHE AMEN
Às 14.00, 16.30 e 19.00 h
BIG BOSS

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
«PAUL E MICHELLE»
3.ª Semana
Amigos... e Amantes
Um filme de Lewis Gilbert

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MADLY A OUTRA MULHER
Ante-estreia amanha às 24 h
Não acons. a menores de 18 anos
AS RIVAIS
(Les Biches)
de Claude Chabrol

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CRIADO PARA TODO O SERVIÇO

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A TERRÍVEL VINGANÇA

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Int. a menores de 18 anos
AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR
Contém cenas event. chocantes
2.ª Semana

ROMA

T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Int. a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
este filme contém cenas eventualmente chocantes. 3.ª Semana

VOX

T. 720808 14.15, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
ESTRANHA FORMA DE AMAR
Com Paul Geganff

SATÉLITE

T. 562632
Interdito a menores de 18 anos
Às 15.00 e 23.00 — **O VÍCIO**
Às 17.00 e 21.00 — **O CIO**
Às 19.00 — **O PROSTITUTO**

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
Às 24.00
CAÇADOR DE ESCANDALOS

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos maiores de 6 anos
Jerry Lewis é
O REI DO CIRCO
Um filme de Joseph Pernev
2.ª Semana
Hoje às 19.00 Festival de Aniversário
Não acons. a menores de 13 anos
A ÚLTIMA TESTEMUNHA

CONDES

T. 322523 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O riso dos anos 70, é...
O PROFESSOR NUDISTA
3.ª Semana
c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Int. a menores de 18 anos
2.ª Semana do filme de alto nível espectacular
ISABELA DUQUESA DO DIABO
c/Brigitte Skay — a odisseia de uma jovem requestada e violentada

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LA BAMBINA
Uma nova forma de amor...

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A sensacional comédia de Wovdy Allen
O A B C DO AMOR

AVIS

T. 47163 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 3.ª Semana

CARLOS MANUEL SINTRA

21.15
Não acons. a men. de 18 anos
HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS

CINEARTE

T. 660446 21.15
Int. a menores de 18 anos
O EXORCISTA

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
PROCESSO ARQUIVADO

ESTÚDIO 444

T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ADOLESCENTE PERVERSA
Com Jane Asher 4.ª Semana

EUROPA

T. 661016 15.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A BOFETADA
c/Lino Ventura e Annie Girardot

RESTELO

T. 610375 Às 21.00
Interdito a menores de 18 anos
PECADOS EM FAMÍLIA

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
077 AGENTE INDECENTE
Pierre Richard e Mireille Darc

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 65431/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Melo Antunes e Adam Malik em Roma, à saída da Embaixada portuguesa, pouco depois do «ponto» sobre Timor

Fretilin recusa conversações

JACARTA, 7 — (R.) — A Fretilin, movimento que luta pela independência do Timor português, rejeitou propostas conversações de paz com as facções rivais, a U. D. T. e a Apodeti, e Portugal, segundo anunciou hoje Rádio Jacarta.

A rádio citou Francisco do Amaral, presidente da Fretilin, como afirmando ontem, numa emissão da rádio desse movimento nacionalista, que o seu partido não concordaria com conversações de paz porque não reconhecia as conclusões da recente conferência entre Portugal e a Indonésia.

Rádio Jacarta citou ainda Francisco do Amaral, como tendo dito que Portugal deveria ter consultado a Fretilin antes de iniciar quaisquer negociações com a Indonésia.

O ministro indonésio dos Negócios Estrangeiros, Adam Malik, e o seu homólogo português Melo Antunes, acordaram em Roma, no princípio desta semana, em pressionar os movimentos rivais, em luta no Timor Português, para se sentarem imediatamente à mesa de conferência, a fim de se discutir o futuro da colónia portuguesa.

Malik declarou ontem, após uma audiência com o presidente Suharto, que partiria para a cidade fronteiriça indonésia de Atambua, a fim de se encontrar com dirigentes da U. D. T. e da Apodeti e discutir as propostas conversações de paz com Portugal e a Fretilin.

F.C.Porto e Hamburgo na Taça U.E.F.A.

O Futebol Clube do Porto defrontará o Hamburgo SV, da República Federal Alemã, segundo ficou apurado no sorteio, para a terceira eliminatória da Taça da U.E.F.A.» que se realizou hoje, em Zurique.

O Porto jogará o primeiro desafio no campo dos alemães.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

EMPRESA NACIONALIZADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo domingo, nos seguintes sectores e zonas:

1.º — Sector — **Concelho de Lisboa**: Trav.ª da Memória, 28 e 62 e de 11 a 55, Rua General Massano de Amorim, Rua da Paz 2 a 10, Rua João Castilho entre a Trav.ª da Memória e Rua General Massano de Amorim. (Das 8 às 12 horas).

2.º Sector — Az.ª das Fonsecas, Az.ª das Galhardas, Bairro da Quinta da Calçada e imediações, B.º Alto da Boa Vista. (Das 8 às 12 n.). Rua Praia do Bom Sucesso — Depósito da Gelmar, Trav.ª da Saúde e imediações. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Regueirão dos Anjos, 1 a 33 e de 2 a 60, Beco da India, aos Anjos, 1 a 3, Av.ª Almirante Reis 27 a 47 e Rua Antero de Quental 1 a 55-A. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Bairro de Caselas (parte Norte), Rua Casal da Raposa e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras — AMADORA**: Rua dos Bombeiros Voluntários, Av.ª Marquês de Pombal, Rua Infanta D. Maria, Rua Dr. Manuel Arriaga, Rua Cândido dos Reis, Rua Eng. Duarte Pacheco e imediações. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais — PAREDE**: Rua Dr. António Granjo, Rua José Falcão, Rua Barros Queirós, Alto de St.ª Luzia, Rua Dr. Flávio Resende, Rua Trindade Coelho, Av.ª da República, Rua Cidade de Évora, B.º de St.ª Teresinha e imediações (Das 8 às 14 horas). Banhos de Água Doce (Hotel Arriba), Guincho. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Sintra — QUELUZ**: Rua Dr. Manuel de Arriaga, Av.ª da República, Rua Helidoro Salgado, Rua Bernardo Pereira, Largo do Palácio, B.º Almeida Araújo e imediações. (Das 8 às 14 h.).

4.ª Zona — **Concelho de Mafra**: Barras, Carrascal, Caneira Velha, Caneira Nova, Livramento, Monte Gordo. (Das 7 às 15 horas). Cruz da Baleia, S. Julião, Baleia. (Das 8 às 14 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Vila Franca**: Povos. (Das 8 às 14 horas). Castanheira, Vala do Carregado. (Das 8 às 14 horas). Póvoa (parte), Boca da Lapa, Verdelha do Ruivo, Vialonga, Santa Eulália, Mogos, Morgados, Alpriate, Granja de Alpriate, Quinta Carrilho. (Das 8 às 14 horas). Bairro do Bom Retiro. (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — **Concelho do Sobral**: Sapataria, Pero Negro, Zibreira da Fé, Almargem, Barqueira, Sobral, Folgados, Fetais. (Das 8 às 14 horas).

7.ª Zona — **Concelho de Alenquer**: Pereiro Palhacana, Calçada. (Das 8 às 14 horas).

8.ª Zona — **Concelho de Torres Vedras**: Freixofeira, Melroeira, Turcifal, Catefica, Carvalhal, Barro, Regueira. (Das 9 às 12 horas). Filiteira, Dois Portos, Matacães. (Das 8 às 14 horas).

RENASCENÇA: AFINAL FOI O A.M.I.

Continuação da pág. 1

forças do Copcon (fuzileiros e Ralis) foram retirar o tenente-coronel Ferreira da Cunha, cerca das 6 e 30 da manhã, «aconselhando-o» a recolher a casa.

. . Os acontecimentos da Buraca são considerados extremamente graves, constituindo, na opinião de observadores militares, «o primeiro acto autoritário militar violento» depois do 25 de Abril, o que pode significar o desencadear de uma situação extraordinariamente delicada.

COMUNICADO DO C R

. . Entretanto, ao fim da manhã, foi divulgado o seguinte comunicado do Conselho da Revolução:

. «1. O C. R. reuniu com o Conselho de Ministros a fim de debater em conjunto assuntos relacionados com a autoridade do executivo.

«2. O C. R. apreciou o requerimento em que o ten. cor. Ferreira da Cunha, invocando a sua qualidade de militar, solicitou um inquérito aos actos, anteriores e posteriores ao 25 de Abril, em ordem a apurar o seu sinal e significado político. Requereu nomeadamente que se apurasse se sim ou não pertenceu ou colaborou com quaisquer organizações fascistas, nomeadamente o C. D. I., dadas as acusações que lhe foram feitas por alguns órgãos de Informação e alguns funcionários do M C. S.. Básicamente pouco predisposto a ordenar semelhante inquérito, até pela maneira altamente reprovável como vem sendo feitas aquelas acusações, e o facto de a maioria dos membros do C. R. não desconhecer o contributo do ten. cor. Ferreira da Cunha para o Movimento do 25 de Abril, acabou o C. R. tomar em consideração a insistência do requerente em que o inquérito se faça, alegando que só o apuramento isento da verdade pode defendê-lo contra a campanha difamatória e ultrajante da sua honra de que alega estar sendo vítima. Por esta razão, e na esperança de que a garantia de um inquérito imparcial possa desde já serenar os trabalhadores bem intencionados que o julguem culpado, e levá-los a abandonar as formas reprováveis de luta em que se mostram empenhados, o C. R. deliberou mandar proceder ao requerido inquérito, a cujas conclusões será dada a mais ampla publicidade, aliás também de acordo com o que pelo ten. cor. Ferreira da Cunha foi requerido.

O C. R. nomeou para este inquérito a seguinte comissão: presidente — comandante do Ralis, um juíz auditor de um dos tribunais militares de Lisboa, e o major Repolho. Ao mesmo tempo, o C. R. não pode deixar de firmemente condenar que a luta de alguns trabalhadores do M. C. S. visando a suspensão do ten. cor. Ferreira da Cunha, enquanto secretário de Estado da Informação, tenha assumido formas que merecem a mais generalizada reprovação. O princípio de que todo o cidadão tem o direito de ser considerado inocente até ter podido defender-se e ter sido julgado, no lugar e pelos meios próprios, constitui uma das mais válidas aquisições da civilização e um dos básicos direitos do homem, que só os regimes fascistas desprezam. Temos disso uma experiência amarga, que não pode voltar a repetir-se.

O C. R. não pode também deixar de reprovar firmemente as acções desencadeadas nos dois últimos dias, traduzida na ocupação do gabinete di ministro do Trabalho, durante a sua ausência, e na montagem de piquetes tendentes a impedir a entrada no M. C. S. do secretário de Estado da Informação, neste caso a pretexto da imputação de culpas que lhe fazem.

O C. R. esclarece que não consitirá em que este pretenso prccesso de saneamento do aparelho de Estado se transforme, se é que não é isso que precisamente visa, em expediente de coacção limitativo do legal exercício da função governativa e da autoridade dos órgãos da administração. O C. R. opôr-se-á de igual modo, e também com a maior firmeza, a qualquer tentativa divisionista das Forças Armadas, designadamente através deste tipo de acções e campanhas.

«4 Sobre as notícias vindas a público nalguns jornais, designadamente «A Luta», no seu número de 3 de Novembro de 1975 acerca de escutas telefónicas, nega-se que o S. D. C. I. ou qualquer outro serviço dependente do C. R. pratique ou tenha praticado qualquer tipo de escuta telefónica.

«5 As instalações da estação emissora da Rádio Renascença, na Buraca, que, como é do conhecimento público, se encontravam seladas e guardadas, foram abusivamente ocupadas na sequência de uma manifestação realizada no passado dia 21 de Outubro. A partir dessa data verificaram-se, por várias vezes, actuações contra-revolucionárias da referida emissora, com provocações e alterações à ordem e tranquilidade públicas. Comunica-se que hoje, dia 7 de Novembro foi ordenado pelo C. R., a uma força militar, para pôr termo à actuação da Rádio Renascença, o que foi efectuado cerca das 4 e 30, não devendo a referida emissora voltar a funcionar até à regularização do seu estatuto.

«6 O C. R. tendo conhecimento que alguns nacionais repatriados das antigas colónias, estão a ser manobrados por forças reaccionárias (a pretexto de descontentamento provocado por uma natural deficiência dos serviços de apoio montados de emergência) no intuito de provocarem incidentes e alterações de ordem púbiica, alerta os retornados para as manobras de que poderão estar a ser vítimas e apela para a sua compreensão e bom senso, garantindo que o Governo está a envidar todos os esforços para assegurar a sua perfeita integração na sociedade port guesa.»

ANGOLA: TRÊS DIAS DECISIVOS

Continuação da pág. 1

grande maioria das forças da F. N. L. A. e U. N. I. T. A., tanto na frente norte (Caxito) como, e principalmente, na frente sul (Benguela e Moçamedes) — a proporção era, até há pouco, de dois mercenários para cada três elementos das forças da F. N. L. A. e U. N. I. T. A., sendo um deles branco. Apesar deste aumento da pressão militar sobre Luanda, as F. A. P. L. A. resistem com êxito, contendo o inimigo nas suas posições e infligindo-lhe mesmo pesadas derrotas nalguns pontos das duas frentes.

Quanto à vida em Luanda, esta decorre normalmente, apenas alterada pelos intensos preparativos para a festa da independência e pela movimentação, provocada nos hóteis da cidade, pela chegada de inúmeras delegações (44 africanas, 17 socialistas e cerca de 15 de outras nações).

Os boatos que são postos a circular por agitadores disfarçados conseguem ser rapidamente anulados pelas forças populares. Todos os dias, às 17.30, há treinos de milícias populares, formadas para garantir a defesa da capital, em caso de necessidade.

Assim, tudo decorrerá normalmente e à meia-noite do dia 10 o M. P. L. A. proclamará a independência do país, se até lá continuar a resistir vitoriosamente às investidas dos agressores estrangeiros e da reacção interna.

Quanto ao que sucederá após o 11 de Novembro, ninguém duvida de que a luta prosseguirá, reacendendo-se mesmo. O M. P. L. A., contudo, apoiado pela grande maioria da população angolana, apresenta-se bem preparado para resistir vitoriosamente a todas as agressões, ainda que a luta possa ser longa.

Entretanto, está já garantido o reconhecimento do novo Estado angolano (com o M. P. L. A.) por cerca de 100 países. A maior incógnita, continua a ser a posição de Portugal. Em círculos próximos do M. P. L. A., pensa-se que Lisboa tentará uma «saída habilidosa» do impasse que ela própria gerou, aguardando que, com o reconhecimento internacional da nova nação e do M. P. L. A., se crie uma situação em que o reconhecimento por parte de Portugal surja como um facto natural. Para isto, contribuirão ainda, certamente, diversas pressões que recairão sobre Lisboa, partindo não só de ex-colónias portuguesas como também de países do grupo dos não-alinhados. Todos, porém, são unânimes em afirmar que as relações Luanda (M. P. L. A.) — Lisboa foram seriamente afectadas e que dificilmente voltarão a uma total normalidade.

NOVAS VITÓRIAS DAS F A P L A

Depois de desbaratarem as forças mercenárias na zona de Benguela, as F.A.P.L.A. registaram uma nova vitória na frente do Caxito, considerada como uma das maiores já infligidas ao inimigo desde o inicio desta segunda guerra de libertação nacional. O combate decorreu na zona de Quifandongo, opondo as forças populares aos mercenários zairenses e portugueses e às forças da F.N.L.A. O inimigo sofreu pesadas baixas em homens e material, tendo tido que recuar, o que levou as F.A.P.L.A. a reocuparem as vias do Piri e de Quibaxe, que haviam caído há 20 dias.

Entretanto, agora que se clarifica a situação em Benguela, conhecem-se os primeiros pormenores da ofensiva das F.A.P.L.A. contra os invasores. Assim, a derrota do inimigo ocorreu quando uma parte das suas forças tentava atacar Benguela (em poder do M.P.L.A.) a partir dos morros da zona desértica que se situa por detrás do aeroporto da cidade, conhecida por zona das Bimbas. As forças populares lançaram até uma manobra tendente a atrair o inimigo ao deserto, onde o cercaram, iniciando a sua flagelação. Esta manhã, os mercenários ainda ali se encontravam, isolados das suas bases e constantemente atacados pelas F. A.P.L.A. Após esta ofensiva, toda a região de Benguela se encontra sob inteiro controlo das F.A.P.L.A., que iniciaram já uma acção tendente a descomprimir a área mais a sul, onde ainda se regista a presença do exército mercenário.

NOTA DO P C P

O Partido Comunista Português voltou a tomar posição quanto à independência de Angola, através de uma nota da Comissão Política do Comité Central, na qual se lê:

«Ao aproximar-se a data do 11 de Novembro multiplicam-se as acções agressivas da parte dos intervencionistas. No Sul são os mercenários do E.L.P. e da ex-P.I.D.E. em colaboração com a F.N.L.A. e a U.N.I.T.A. que, enquadrados militarmente pelos agentes da África do Sul, com a sua ajuda material e militar e com o seu apoio logístico, formam um exército invasor que massacra na sua passagem as populações angolanas, tendo ocupado já Sá da Bandeira e o porto de Moçâmedes.

É neste quadro de dificuldades que o M.P.L.A. vai proclamar a independência no próximo dia 11 de Novembro. O Portugal do após 25 de Abril, não pode nem deve alhear-se das suas responsabilidades e dos seus deveres de solidariedade para com o povo angolano nesta fase difícil da sua história.

O P.C.P. entende que não se pode retardar mais a hora dos poderes constituídos, o Conselho da Revolução e o Governo, tomem uma clara posição de reconhecimento do M.P.L.A. como único e legítimo representante do povo angolano.

No entender do P.C.P., os acordos do Alvor, surgidos numa situação inteiramente diferente da actual e na elaboração dos quais intervieram, conjuntamente com o M.P.L.A., as organizações fantoches F.N.L.A. e U.N.I.T.A., cuja acção em nada tem servido a luta do povo angolano pela independência, estão ultrapassados e devem ser considerados caducos em tudo o que contrarie o reconhecimento do M.P.L.A. como o único e legítimo representante do povo de Angola.

O apoio de Portugal à proclamação pelo M.P.L.A. da independência de Angola, no próximo dia 11, corresponde aos interesses da revolução e do povo português e corresponde também aos interesses e relações futuras dos povos de Portugal e de Angola. Toda a hesitação do Governo português no reconhecimento das realidades compromete seriamente, não apenas os interesses imediatos do povo angolano, mas compromete também o futuro das relações do povo português com o povo de Angola.

Um eventual atraso de Portugal no reconhecimento desta realidade comprometeria o prestígio do processo de descolonização seguido pela revolução portuguesa, como comprometeria o prosseguimento das boas relações de Portugal com os povos das antigas colónias. Poderia além disso, comprometer as boas relações do povo português com os países progressistas do terceiro mundo e com os países do campo socialista.

Nesta conformidade, correspondendo às exigências do processo histórico e aos interesses comuns do povo português e do povo irmão de Angola, é indispensável reconhecer sem demora o M.P.L.A. como o único representante legítimo do povo angolano, e reconhecer o Governo soberano que o M.P.L.A. venha a formar no imediato».